

# Diário De Um Psicopata



Rangel Oblivion

**+18**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# Prefácio

Ele não se cansava de olhar para aquele incrível processo orgânico, todas as tardes ele descia no córrego para observar a transformação da matéria. Era incrível para ele perceber como os agentes decompositores trabalhavam rápido e aos poucos o grande volume ia diminuindo. O cheiro, o som das moscas, o movimento das larvas, davam ao ambiente um clima de paz e tranquilidade que o faziam se sentir bem, na verdade ele se sentia forte, superior a tudo aquilo, pois estava vivo e as larvas não experimentariam o sabor de sua carne tão cedo. Em vários momentos ele teve vontade de dar risada do estúpido comportamento humano, mas se conteve, pois sabia que deveria manter as aparências. Sendo ele uma espécie rara que não se encaixava nos padrões sociais sabia que sempre correria risco, então desde pequeno aprendeu a simular o comportamento humano.

## AVISO IMPORTANTE

Esta é uma obra de ficção e não tem compromisso com a realidade, esta obra é destinada a pessoas maiores de 18 anos em pleno gozo de suas faculdades mentais. A língua portuguesa é empregada de forma incorreta propositalmente para proporcionar ao leitor uma imersão maior no mundo real, onde nem todos são alfabetizados.

Os fatos relatados pelo protagonista são extremamente cruéis e perturbadores, então se você é uma pessoa sensível, frágil, religiosa, tem estômago fraco ou é muito apegada a moral e os bons costumes peço que não leia este livro.

# O Diário

Nota do Psiquiatra

Hospital Psiquiátrico Sigmund Freud, Salvador BA 31 de junho de 2012.

Meu nome é Antônio Neves da Silva psiquiatra natural de Vitória da Conquista BA, formado na UFBA (Universidade Federal da Bahia) em 1984. Confesso que em todos esses anos nunca vi nada parecido, este é sem dúvida o caso de psicopatia mais chocante que já tive a chance de presenciar. O paciente Caim Fernandes Fonseca está internado aqui há seis meses, mas só agora seu diário foi encontrado, escondido na casa de seus avós no município de Matina Bahia. Estou com o diário em mãos e darei início a leitura imediatamente.

Nota do Psiquiatra

Um fato curioso do diário é que ele foi reescrito pelo próprio paciente, isso fica muito evidente quando observamos datas muito antigas, pois uma criança não poderia construir uma narrativa tão elaborada como estas descritas no diário.

## Colaboradores

“Amigo” umas das palavras mais estúpidas e sem sentido de todas, eu não tenho “amigos” eu tenho colaboradores. São pessoas úteis em quem eu posso “confiar” eles colaboram comigo e eu colaboro com eles, é uma troca de favores. Dessa forma cada um pode atingir seus objetivos.

# Lista de Colaboradores

Padre: Cesar Cavalcanti de Luca

Local: Igreja São José, Guanambi BA

Idade: 60 Anos

Altura: 1.77

Etnia: Caucasiano

Olhos: Azuis

Tipo Físico: Robusto

Cabelo: Branco e calvo

Policial: Roberto Santos da Silva

Local: Delegacia de Guanambi BA

Idade: 33 Anos

Altura: 1.88

Etnia: Afro Brasileiro

Olhos: Negros

Tipo Físico: Musculoso

Cabelo: Raspado

Médica: Patrícia Almeida Oliveira

Local: Hospital de Base, Vitoria da Conquista BA

Idade: 24 Anos

Altura: 1.70

Etnia: Caucasiana

Olhos: Castanhos

Tipo Físico: Magra

Cabelo: Loiro e Liso

Traficante: Rafael Novais de Jesus (Rafa)

Local: Boca de Fumo, Vitoria da Conquista BA

Idade: 20 Anos

Altura: 1.82

Etnia: Multirracial

Olhos: Verdes

Tipo Físico: Magro

Cabelo: Castanho crespo estilo Trança Nagô

## Os insetos

Quando eu era moleque observava os marimbondos que vinham tomar água na pia, eles acabavam caindo na água ao tentarem beber (bom eu acho que eles bebiam) então pouco a pouco os marimbondos caíam na água formando uma grande massa preta de insetos que boiava na pequena pia no quintal. O engraçado era que mesmo vendo os companheiros mortos boiando os outros continuavam vindo e caindo na mesma armadilha. Foi então que eu vi o exato momento em que um dos marimbondos caía na água, imediatamente me aproximei da pia

para observar, ele se debatia e tentava sair da água, mas a pia era muito escorregadia.

Fiquei a observar a luta daquele inseto para se libertar daquela armadilha fatal. Depois de muito esforço em vão o inseto se entregou ao cansaço e parou de se mexer. Fiquei a observar por mais algum tempo e então o retirei da água e o coloquei em um local seco e arejado. Aos poucos ele começou a se mexer, primeiro foram as patas depois as asas. Depois de alguns minutos ele estava de pé novamente e em seguida ele saiu voando. Então eu resolvi que não iria mais ficar aguardando as coisas acontecerem, me aproximei novamente da pia e vi que havia vários marimbondos na beira da pia, então empurrei um deles para dentro da água, ele tentou sair, mas eu o empurrei para o fundo com um pedaço de madeira e o segurei até que se afogasse. Quando ele não esboçava mais nenhuma reação eu o retirei da água e fiquei a observá-lo até a sua total recuperação.

Fiz o mesmo processo com formigas e me surpreendi com a resistência delas, elas lutavam muito demoravam bem mais do que o dobro do tempo que os marimbondos para se afogarem. Olhando elas no fundo da água pareciam mortas, mas era só retirá-las de lá colocá-las em um local seco e logo em seguida estavam ótimas de novo. Era uma pena que o ser humano não possuísse uma resistência como aquela, seria incrível, mas não se pode querer tudo não é mesmo? Somos muito inteligentes e podemos utilizar a tecnologia para superar nossas limitações físicas, mas será mesmo que podemos superar nossas limitações mentais?

Certo dia no quintal da casa dos meus pais eu estava sentado na área observando um gafanhoto que tentava voar, mas parecia meio desnorteado, me levantei e fui para perto dele para observá-lo melhor. Ele ainda tentava voar, mas acabava batendo no muro ou no chão, o que me chamou a atenção foi a resistência daquele inseto que mesmo se chocando contra o chão e os muros não parecia se importar nem um pouco com isso. Resolvi fazer uma experiência com ele, caminhei furtivamente em sua direção e o agarrei pelas costas, ele

imediatamente usou suas pernas traseiras cheias de espinhos para me forçar a libertá-lo.

Agora usando uma luva eu o apanhei novamente, ele tentou lutar, mas suas patas espinhentas já não me feriam mais. Por um tempo fiquei a observá-lo pensando que tipo de teste faria, foi então que vi um prego no chão, peguei o prego e introduzi entre a cabeça e o corpo do gafanhoto.

Eu o coloquei no chão e fiquei olhando ele caminhar como se nada tivesse acontecido, ele não parecia sentir nenhuma dor ou pelo menos não tinha como expressar. Vendo aquilo percebi como o ser-humano é escandaloso, certas pessoas choram e gritam por um simples arranhão.

As aranhas sempre foram um dos meus maiores medos mesmo hoje na vida adulta, acho que isso se chama aracnofobia, para mim elas são as criaturas mais aterrorizantes do planeta. O formato do seu corpo asqueroso já me causa arrepios, as suas elaboradas teias feitas para capturar insetos distraídos me causam quase tanto arrepio como suas donas. Por várias vezes enquanto andava pelo mato fiquei apavorado ao perceber que havia teias de aranhas por toda parte. Eu ficava paralisado por um tempo com medo e analisando a situação até que o desespero tomava conta de mim e eu saía correndo e olhando se não havia aranhas caminhando no meu corpo.

Por causa desse medo eu nunca fiz experiências com elas, quando eu me deparava com alguma em casa eu a matava usando algum objeto. Em outros locais eu evitava passar perto de onde elas estavam, de vez em quando eu tinha pesadelos com aranhas me atacando e em seguida meu corpo ficava cheio de feridas que começavam a apodrecer, quando eu acordava desses pesadelos meu pavor não passava, pois eu imaginava que havia aranhas na minha cama.

## Ivanete Marcelo e Quilda

Quando eu era menino uma família se mudou para a casa em frente, a família era constituída por três pessoas: pai, mãe e filha. Ivanete era uma mulher negra de corpo volumoso, Marcelo um homem loiro e magrelo. Da união desses indivíduos nasceu Quilda uma menina mimada e insuportável que infernizava a vida de todos ao seu redor. Ivanete aos poucos foi criando uma intimidade com a minha mãe e logo estava frequentando a nossa casa quase diariamente. E na maioria das vezes trazia sua detestável filha, em determinadas situações a Ivanete pedia para minha mãe tomar conta da Quilda, eu não gostava dela e nem de qualquer outra criança, mas tê-la conosco era uma experiência interessante, pois eu poderia manipulá-la.

Com o passar do tempo essa interação com a família vizinha se tornou rotina, meu pai desenvolveu uma amizade com o Marcelo e minha mãe com a Ivanete. O mesmo não aconteceu comigo e minha irmã, pois nós tínhamos visto aquela menina nascer e não tínhamos como ter algum tipo de amizade com uma criança daquela idade. O Marcelo sempre arquitetava passeios onde as duas famílias saiam jutas nos fins de semana para algum lugar agradável como um rio, lago, fazenda, parque de diversões, festas etc... o Marcelo era um cara bem humorado e brincalhão sempre fazia a alegria da turma, a Ivanete era uma pessoa de personalidade neutra, na maior parte do tempo não exibia nenhuma característica muito marcante, mas isso mudava completamente quando discutia com seu marido.

Com o passar do tempo eu passei a frequentar a casa da Ivanete o que era um tanto quanto estranho, mas eu não percebia, talvez pela minha inocência infantil, eu ficava lá por muito tempo observava a rotina da casa, às vezes até auxiliava a Ivanete nos afazeres domésticos. Certo dia Ivanete estava colocando as roupas no varal enquanto Quilda brincava em sua banheira e comia <sup>1</sup> umbu, de repente a menina se engasgou com a casca do umbu, Ivanete desesperada gritava e dava tapas nas costas da menina até que finalmente Quilda se desengasgou. Eu mostrei minha preocupação fazendo alguns comentários, mas na verdade eu tinha gostado daquilo.

Em uma tarde quente Ivanete lavava roupa.

— Nossa eu ainda tenho muita roupa para lavar e ainda não dei banho na Quilda.

— Se quiser eu posso dar banho nela para você!

Falei aquilo com naturalidade como se fosse algo perfeitamente normal, creio eu que Ivanete achou que aquilo não era adequado e eu sabia que não era, mas na hora não pensei apenas falei.

— Tudo bem Caim, mas não precisa dar um banho, basta jogar um pouco de água nela só para refrescar.

— Tá bom!

Quilda e eu fomos para o banheiro, lá dentro ela tirou a calcinha e eu pude ver sua vagina, era a primeira vez que eu via uma vagina de perto, não pensei duas vezes e passei a mão na vagina dela. Senti a delicadeza daquela parte do corpo feminino, imediatamente fui acometido por uma sensação de prazer e ao mesmo tempo medo de ser pego em flagrante. Então comecei a jogar água em Quilda e ela revidou me molhando a camisa, logo em seguida para disfarçar a tensão do momento mostrei a camisa molhada à Ivanete.

— Ha ha ha ha, olha o que Quilda fez comigo.

Ivanete sorriu e disse.

— É bom que refresca o calor.

Por alguns instantes fiquei com medo que Quilda dissesse algo sobre o acontecimento no banheiro para a mãe, mas fiquei tranquilo logo em seguida quando percebi que Quilda estava brincando com seus brinquedos e não parecia se lembrar de nada.

Um bom tempo depois em uma tarde ordinária eu e minha irmã estávamos na casa de Ivanete, minha irmã segurava Cleverson o irmão mais novo de Quilda enquanto Ivanete fazia alguma tarefa doméstica. Minha irmã caminhou com Cleverson nos braços em direção ao quarto,

o quarto não tinha porta, mas apenas uma cortina, então minha irmã com as duas mãos ocupadas passou pela porta e neste momento a cortina bloqueou sua visão. Impossibilitada de ver, ela acabou tropeçando numa pequena banheira que estava na frente da porta, ela caiu juntamente com o menino que bateu com o rosto no chão, Ivanete escutou o barulho e veio ver o que tinha acontecido. Ela chegou ao quarto calma, mas quando percebeu que Cleverson estava sangrando e inconsciente se desesperou e começou a sacudir o menino e gritar o nome da minha irmã. Com medo do que ela pudesse fazer nós saímos correndo para a rua, naquele instante eu pensei que Cleverson estivesse morto. Quando já estávamos longe da casa de Ivanete nós a avistamos sair pelo portão aparentemente mais calma. Ela nos chamou de volta, minha irmã ficou meio indecisa, mas voltou. Já eu não, preferi ir para casa. Depois de um certo tempo fui parando de frequentar aquele ambiente, pois percebi que não era o melhor lugar para se estar.

## Colégio Monteiro Lobato

**Colégio Monteiro Lobato, Guanambi BA Agosto de 1995.**

Considerada por muitos uma das piores instituições de ensino da cidade, o Colégio Monteiro também era conhecido como: hospício, FEBEM, inferno entre outros. A má fama do lugar era tão grande que quando você dizia para alguém que estudava lá a pessoa fazia careta, e não era pra menos, pois o local fazia jus aos seus apelidos, pois lá se encontrava depositada toda a escória da sociedade Guanambiense, crianças e jovens problemáticos que eram expulsos de outras escolas acabavam vindo parar no Colégio Monteiro Lobato que acabava funcionando como um depósito de “casos perdidos” as instalações do colégio eram péssimas juntamente com a organização do lugar, a

direção bem que tentava manter a ordem, mas era como nadar contra a corrente.

Os alunos do Colégio Monteiro Lobato eram dos mais variados tipos, mas o tipo predominante era o “povão” eu com apenas cinco anos de idade fui levado contra a minha vontade pela minha mãe para o primeiro dia de aula da minha vida, chegando lá minha mãe me deixou na minha sala, por um instante acabei me distraíndo e quando percebi minha mãe não estava mais lá, o medo imediatamente tomou conta de mim, meu corpo inteiro ficou gelado. Corri desesperado olhando para todos os lados procurando minha mãe, mas ela já não se encontrava mais ali, chorando eu fui em direção ao portão então nesse instante a diretora se colocou no meu caminho.

— Eu quero ir embora!

— Não você não vai embora! Você vai ficar e estudar!

O que aconteceu depois eu não me lembro, pois isso já faz muito tempo, mas pelo que me contaram eu atingi a perna da diretora com uma pedra, bom, se isso foi verdade ou uma invenção deles eu não sei.

Minha maior alegria era quando alguém, provavelmente algum aluno que não gostava de estudar, enfiava algum objeto na fechadura do cadeado do portão do colégio, forçando assim os empregados a buscarem ferramentas para cerrar o cadeado e neste meio tempo muitos pais e alunos se cansavam de esperar e acabavam indo embora. O que incluía eu e minha mãe, ela percebia o quanto isso me agradava, mas não me dava broncas.

No dia a dia eu fui percebendo onde tinha me metido, na minha sala presenciei várias cenas um tanto quanto “diferentes”, Arley era um garoto negro com uma mancha clara no meio da testa, certa vez ele entrou em confronto físico com uma garota gorda, durante a briga Arley chorava enquanto que a garota parecia mais macho do que ele e se mantinha firme como uma rocha. Diogo era um garoto branco de cabelo curto e estrábico, ele também aparentava ter algum tipo de deficiência mental. Em certo dia ele jogou o lixeiro em mim e eu revidei jogando o

lixeiro de volta contra ele, em seguida eu me afastei e fui ao banheiro, enchi a boca de água e cuspi nele. Ele copiou minha estratégia e passou a me persegui pelos corredores do colégio cuspiendo água em mim, algum tempo depois a mãe do Diogo apareceu no colégio e me disse que parasse de agredir o filho dela.

A sala estava praticamente vazia ao não ser por eu e a Janaina, uma garota morena e rude, nós estávamos copiando algo do quadro negro quando acabamos a Janaina fechou a porta e olhou para mim.

— E AGORA?

— E agora o que?

— E AGORA???

Ela começou a me empurrar contra as paredes sempre repetindo a mesma frase “E AGORA?” Foram momentos tensos, eu não compreendia por que aquela garota estava fazendo aquilo comigo, depois de mais alguns empurrões ela parou e sorriu zombando de min.

Em outra situação alguns garotos da minha sala me chamaram para “fazer <sup>2</sup> osadia” esse era o termo que eles usavam para se referir a sexo ou pelo menos o que eles achavam que era sexo, pois garotos daquela idade não possuíam órgãos sexuais adequados para a pratica sexual. Eu fui com eles até os fundos do colégio chegando lá eu vi os meninos baixarem as calças e iniciarem a pratica sexual, eles estavam de pé e pelo tamanho do pênis deles acredito que houvesse pouca ou nenhuma penetração, não me lembro se participei do sexo grupal, mas lembro que não voltei a presenciar aquilo novamente.

O colégio ficava bem próximo da minha casa então minha mãe e eu íamos a pé até lá, com o passar do tempo eu passei a ir sozinho, no início tive medo, pois para chegar ao colégio era preciso passar por uma estrada cercada de mato pelos dois lados, mas depois de um tempo me acostumei com o percurso, a estrada na maior parte do tempo era deserta a não ser por alguns criadores de bodes que andavam por ali.

Um dia quando eu retornava para casa vi dois homens na beira da estrada, um velho e outro jovem. Eles pareciam estar colhendo capim, o mais novo veio em minha direção, ele trajava roupas velhas e rasgadas, então ele olhou para mim com um olhar cruel e disse.

— Vou te quebrar na porrada agora!

Imediatamente meu sangue gelou e comecei a chorar, ele então deu uma gargalhada e falou zombando.

— Ha ha ha ha.....vai chorar....ha ha ha ha ha ha ha....

Depois de se divertir apavorando um garoto de cinco anos de idade o cara voltou aos seus afazeres.

## Incesto

A timidez é uma característica da espécie humana e talvez de outras também, para o ser humano do sexo masculino a timidez se torna um agravante, pois a sociedade contemporânea espera que o homem tome as atitudes em praticamente todas as ocasiões, o que torna a vida de um homem tímido um verdadeiro inferno. Para melhorar o entendimento dessa situação vou fazer um pequeno resumo do que é a timidez. A timidez é uma inibição onde o indivíduo tímido acaba forçado a ser duas pessoas diferentes, da porta de casa para fora ele é uma espécie de robô que só fala quando lhe é feita alguma pergunta, para um tímido a vida é um reality show e ele é o único participante, sendo assim todas as atenções estão voltadas para ele durante tempo integral. Cada passo que ele der tem que ser calculado para evitar situações embaraçosas, pois se ele cair uma plateia imensa vai estar a postos para rir, até mesmo a sua voz é diferenciada dependendo do local ou da situação onde o indivíduo se encontra, pois o tímido tem receio de sua voz, ele pensa que ela não é legal e acaba por falar num tom muito baixo, muitas

vezes forçando os ouvintes a repetirem perguntas o que torna ainda pior a situação para o acanhado.

Ao contrário do que muitos pensam nem todos os tímidos são humildes, muitos escondem uma gigantesca arrogância por trás do seu jeito acanhado, ele vive diminuindo os próprios méritos com frases como estas: “Ah que isso eu não sou tão bom assim.” “Isso não foi nada, qualquer um faria melhor do que eu.” “Não! Eu não sou inteligente só tenho um conhecimento mediano.”, claro que estas frases não são ditas apenas por tímidos, pois para muitos o autoelogio é um crime. O excesso de humildade seja ela verdadeira ou não acaba causando problemas na vida social do indivíduo. A criatura deve encontrar um equilíbrio entre a arrogância e a humildade.

O envolvimento do homem tímido com o sexo oposto é outro grande problema, pois para o acanhado a mulher é um ser de outro planeta. Sendo assim o tímido acaba por não ter nenhum tipo de contato com mulheres que não sejam da família. Das mulheres da minha família a mais carinhosa sem dúvida era a minha tia Nora, ela sempre me levava para passear em vários lugares, ela levava a minha irmã junto às vezes, mas ela me confessou uma vez que eu era o seu sobrinho preferido. Um dia no meu aniversário de 12 anos ela foi até a minha casa e disse que iria me levar em um parque de diversões, eu fiquei entusiasmado com a ideia então no final da tarde ela me levou de carro até sua casa.

— Tia, eu pensei que fossemos para o parque.

— Outro dia nós iremos! Eu prometo, mas hoje eu tenho uma surpresa para você!

Eu achei aquilo um pouco estranho, mas eu confiava na tia Nora, ela sempre me tratou muito bem, então nós saímos do carro e entramos na residência e então ela me disse.

— Caim, nós vamos assistir um filme, que eu sei que você queria muito ver.

— Qual filme?

— A Lagoa Azul.

— Opa que legal tia! Eu queria ver esse filme já faz um tempo, mas meus pais não deixavam!

— Ok Caim, vamos assistir no meu quarto, pois a TV da sala está com problemas.

— Tudo bem.

Fomos para o quarto e quando entramos minha tia trancou a porta, achei aquilo estranho, mas antes que eu pudesse refletir sobre a tia Nora ligou o vídeo cassete e o filme começou. Ela disse para eu deitar na cama para ficar mais confortável, então obedeci, ela também se deitou ao meu lado. Ficamos em silêncio por um bom tempo e quando o filme chegou nas partes mais quentes a tia Nora passou a mão nos meus cabelos e disse.

— Caim... você sabe que eu gosto muito de você, não é?

— Claro tia! Eu também gosto de você!

— Que ótimo querido, fico muito feliz com isso.

O filme já estava quase acabando e nessa altura minha tia acariciava meu rosto e meu peito, neste momento meu coração já estava começando a acelerar.

— Sabe Caim, eu estou muito triste atualmente, pois vivo tão solitária desde que seu tio morreu.

— Se quiser eu posso te fazer companhia mais vezes para que não se sinta tão só.

Então minha tia começou a chorar fiquei sem reação no momento não sabia o que dizer ou fazer.

— Caim, por favor, me dê um abraço!

— Claro tia!

Ela me abraçou com força e em seguida começou a acariciar minhas costas, depois me deu um beijo no pescoço, nesse momento fiquei arrepiado.

— Calma querido! Não tenha medo, eu gosto muito de você e estou apenas demonstrando isso com carinho.

— Eu-eu sei tia, também gosto muito de-de vo-você.

Os beijos dela foram ficando mais quentes até se transformarem em chupadas, em seguida ela me pediu para acariciar os seus seios e eu obedeci. Eles eram grandes e bonitos e quando toquei neles imediatamente fiquei excitado, ela tirou toda a roupa ficando completamente nua na minha frente. Nessa altura meu pênis já estava muito duro, ela se jogou em cima de mim me beijando com uma voracidade animal, em seguida ela tirou minha camisa e começou a lamber meu tórax e minha barriga. Por fim tirou meu short e minha cueca. Quando eu senti o calor dos seus lábios no meu pênis foi uma das melhores sensações que já senti na vida, minhas pernas estavam bambas e tremiam sem parar, meu coração parecia que iria explodir. Depois da penetração eu não aguentei e ejaculei. Depois disso minha tia e eu tomamos banho e ela me levou para casa. Quando estávamos quase chegando ele me disse.

— Caim meu querido isso que aconteceu fica só entre nós, tudo bem?

— Claro, pode deixar, ninguém nunca vai saber.

Em uma quarta-feira meus pais viajaram e eu e minha irmã ficamos sozinhos em casa. Nós estávamos vendo TV, mas a programação não era nada empolgante então eu propus que assistíssemos um filme.

— Paulina que tal a gente ver American Pie?

— Nossa! Mas, esse filme é muito... ééé como posso dizer? Ele é um tanto quanto ousado!

— Mas eu sei que você gosta e até já assistiu alguns do mesmo gênero.

— Como sabe disso?

— Eu sei de muitas coisas Paulina, mas isso não tem importância, então vai querer ver ou não?

— Tá bom, vamos assistir.

— Beleza! Eu vou até a locadora para alugar o DVD.

Fui à locadora aluguei o American Pie 6, em seguida passei no supermercado e comprei uma garrafa de Vodca e 2 litros de refrigerante, depois passei na boca do Leo para pegar um bagulho depois voltei para casa estava ansioso para começar logo a nossa diversão.

— Cheguei!

— O que é tudo isso?

— Isso é só algo para nós tomarmos durante o filme.

— Caim você sabe que eu não curto muito beber.

— Eu tenho uma surpresa para você, mas só vou te dar se beber comigo.

— Que surpresa? Eu quero ver me mostre!

Quando mostrei o bagulho junto com as seringas ela quase tomou das minhas mãos, mas eu fui mais rápido.

— Opa! Calma aí maninha, vai com calma. Primeiro vamos relaxar e tomar uma enquanto assistimos o filme!

Coloquei o DVD no aparelho e apertei o play, depois enchi os copos com 15 % Vodca 85 % refrigerante. Depois de um tempo e alguns copos ela estava rindo pra caramba, eu me controlei com a bebida para não me embriagar, pois para cumprir meu objetivo precisava estar sóbrio, sem que minha irmã percebesse eu jogava um pouco do conteúdo do meu copo no vaso de planta.

O filme estava no seu ponto alto, cenas de sexo e muita bebedeira acompanhada de um palavreado de baixo calão, Paulina ria como louca

então percebi que estava na hora.

— Paulina quer seu presente agora?

— Eeeeeuuu queroooo!!!!

Preparei a mistura cuidadosamente em um recipiente limpo e em seguida coloquei o liquido na seringa, pedi para que Paulina se sentasse no sofá e colocasse o braço para baixo, depois amarrei a borracha a um palmo do ombro e pedi que ela fizesse um movimento de abrir e fechar com os dedos. Escolhi a veia mais dilatada.

— Paulina isso vai doer um pouco, mas eu preciso que fique imóvel.

— Manda ver mano!

Introduzi a agulha na veia, minha irmã não esboçou nenhuma reação era como se estivesse anestesiada, pressionei o êmbolo da seringa e o liquido penetrou lentamente na corrente sanguínea. Retirei a agulha e a borracha, depois coloquei um curativo no local, dentro de poucos minutos a menina sonsa sofreu uma metamorfose. Ela era pura energia! Dançava, pulava, dava gargalhadas, chorava e olhava para o vazio com olhos arregalados como se estivesse vendo algum tipo de fenômeno incrível.

— Paulina se sente bem?

— Não! Eu não me sinto bem.....eu me sinto ótima!!!

— Se sente capaz de tudo?

— Me sinto como se pudesse ser ou fazer o que eu quiser!

— Então irmãzinha você permite que seu irmão demonstre o quanto gosta de você?

— Ha ha ha ha ha..... claro Caim você é meu mano!

— Eu te amo Paulina... eu vou colocar meu CD de Black Metal para que posamos nos animar.

Quando o CD de Black Metal começou a tocar a Paulina se entregou à emoção do momento dançando freneticamente ela se jogou no chão executando uma coreografia erótica. Neste momento me juntei a ela na sua performance. Eu à abracei acariciando todo seu corpo e ela fez o mesmo comigo. Eu aumentei o volume do aparelho de som e a conduzi para o quarto. Lá retirei suas roupas e comecei acariciando seus seios com leves mordidas nos mamilos, neste momento ela se arrepiou toda e seus seios ficaram rígidos e deliciosos. Depois descí lambendo a barriga até chegar na vagina... e quando senti os lábios vaginais dela nos meus lábios meu pênis quase rasgou minha cueca, chupei aquela vagina sentindo o sabor inconfundível da essência feminina.

— Agora é sua vez minha querida irmã de fazer carinho no seu irmãozinho.

Ela me empurrou na cama e arrancou minha calça depois minha cueca, então senti um alívio, pois meu pênis estava livre. Então Paulina começou a praticar um dos atos que proporcionam mais prazer ao homem, **o sexo oral**, eu a segurei pelo cabelo enquanto ela chupava meu pau e dei alguns tapas em seu rosto até ele ficar vermelho e mandei que ela fizesse o mesmo comigo. Não satisfeito dei meu sintô a ela é pedi que me castigasse à vontade. E ela obedeceu. A cada golpe eu ficava mais excitado, em seguida em um movimento rápido tomei o cinto dela e a dominei com uma gravata, joguei-a na cama e iniciei uma sequência de mordidas em todo o seu corpo. Ela gritava e meu tesão crescia, introduzi meu pau na buceta dela e iniciei o movimento de vai e vem mais apreciado pelos homens. Trocamos de posição várias vezes até finalizarmos com uma ejaculação na face seguida de um beijo.

## A beleza da morte e da Decomposição

A morte é vista pela ciência como o fim dos processos essenciais para a manutenção da vida de um determinado ser vivo. Para a maioria das religiões é uma passagem para outro plano onde a vida continuará, para mim ela é fantástica. Eu adoro observá-la bem de perto apreciando bem cada detalhe do corpo mudando por causa da putrefação.

Em frente à casa dos meus avós que fica na zona rural de Matina BA existe um córrego que fica seco praticamente todo o tempo já que as chuvas naquela região são escassas. Existe uma cerca que delimita a propriedade dos meus avós e a do vizinho, essa cerca não é uma cerca comum, ela é uma cerca viva feita de uma planta chamada <sup>3</sup> Quiabento. O Quiabento possui espinhos grandes e muito perigosos. Depois de muito procurar encontrei um buraco na cerca por onde consegui passar. Minha intenção era chegar até a parte mais funda do córrego, onde uma vaca que pastava na beirada do córrego acabou caindo, a queda resultou na morte do animal, isso já era obvio mesmo antes de ver o cadáver, pois o maravilhoso odor da morte estava no ar.

Desci o barranco com cuidado até chegar onde estava o cadáver da vaca em decomposição, puxei o ar com vontade e apreciei o aroma da morte.

Caminhei até o local, quando avistei os restos mortais do animal percebi que as moscas estavam fazendo seu trabalho, elas depositavam larvas na carne podre do animal e em seguida essas lavas se desenvolviam até se tornarem moscas jovens. A vegetação ao redor da vaca estava cheia de milhares de pequenas moscas recém-evoluídas prontas para crescer e dar continuidade à espécie. O corpo estava muito mutilado e várias partes estavam faltando, provavelmente cães e urubus haviam comido e levado partes do corpo. Depois de alguns dias retornei ao local para checar, mas só restavam alguns ossos e um pouco de couro, o processo estava praticamente concluído. Na vegetação quase não havia moscas, pois a maioria já tinha ido embora para dar prosseguimento ao ciclo.

Para chegar até o colégio eu precisava percorrer todos os dias uma distância de 5 quilômetros a pé, o que não era algo muito empolgante para mim que achava aquilo desnecessário. Em minha concepção estudar até a oitava série já era mais do que suficiente, mas como eu era obrigado não havia muito o que fazer. Por um tempo um colega fazia o percurso comigo, ele era uma distração útil, mas às vezes se tornava inconveniente. Depois de um tempo ele mudou de colégio e eu fiquei sozinho novamente.

Um dia no banheiro do colégio eu resolvi descontar minhas frustrações na porta do batendo-a com toda a força, porém eu calculei mal o espaço e o tempo e não consegui retirar minha mão da trajetória da porta a tempo. Então acabei perdendo a ponta do dedo do meio, não a falange inteira, mas apenas a ponta juntamente com a unha. A pancada foi forte rápida e precisa, tão rápida que eu não senti nenhuma dor. Olhei para meu dedo mutilado... O sangue escoria pelo meu antebraço, eu não acreditava no que estava vendo, então vi no chão perto do vaso sanitário o pedaço da pele do meu dedo juntamente com a unha inteira. Recolhi do chão e fiquei observando aquela pequena parte do meu corpo que não estava mais ligada à min.

Algumas pessoas perceberam o ocorrido e pediram ajuda na diretoria do colégio, então fui conduzido até a diretoria, enquanto eu aguardava um grupo de alunos curiosos ficou observando o que estava acontecendo. “Os urubus querem ver sangue, eu mostro para eles”.

— Vocês querem ver? Então vejam!

Depois de mostrar meu dedo deformado para os alunos sedentos por sangue eu e a diretora fomos de carro até o hospital, lá fomos direto à emergência, mas mesmo assim eu tive que aguardar por um longo tempo até ser atendido. Enquanto esperava vi por uma porta entreaberta uma enfermeira que colocava uns tubos nas narinas de um bebê, os números que mostravam os batimentos cardíacos foram diminuindo até chegar a zero. Ela ainda olhou para o desfibrilador, mas sabia que era inútil o bebê estava morto. Finalmente depois de uma longa espera fui chamado. Mandaram que eu retirasse a roupa, então retirei ficando apenas de cueca. Pediram que vestisse uma espécie de

vestimenta semelhante a um avental, já na sala de cirurgia pediram que eu apoiasse meu braço em um suporte.

— Vamos aplicar uma anestesia, isso vai doer um pouco!

Respirei fundo e deixei o braço relaxado, então senti a agulha penetrar entre os meus dedos, eu já havia levado outras injeções antes, mas nenhuma tinha doído tanto quanto aquela. Senti como se a agulha rasgasse meus nervos e tendões e logo em seguida veio outra tão dolorosa quanto a primeira. Durante todo o procedimento cirúrgico mantive meu olhar para o lado oposto da minha mão esquerda, depois de algum tempo eles terminaram o procedimento e enfaixaram o local. Fiquei em observação até o dia seguinte quando fui liberado.

**13°51'45.3"S 42°48'51.4"W 23/12/2003**

Eu estava voltando de Matina a pé, era uma manhã de tempo ameno, a terra estava molhada por causa das chuvas de fim de ano. Aquele percurso de 7 quilômetros era agradável de fazer quando a pessoa estava descansada e bem disposta. Eu estava descansado e bem disposto, pois apenas nas férias escolares eu podia passar um tempo com meus avós e me livrar dos meu pais. Meus avós eram velhos e chatos, mas pelo menos me deixavam à vontade para fazer praticamente tudo o que eu quisesse.

Caminhando calmamente e me distraído com a paisagem eu seguia agora mais ou menos na metade do caminho, o vento alvoroçava meus cabelos e também me impediu de ouvir uma carroça que se aproximava lentamente.

— Ooopa!

— Opa!

— Quer carona?

— Quero sim.

— Então sobe aí.

O condutor da carroça era José Fagundes, um vizinho dos meus avós, ele era um homem de estatura baixa, pele clara e castigada pelo sol, seus olhos azuis pareciam ter perdido a cor estavam opacos, e suas entradas alongavam ainda mais a sua testa, sua fala era mansa, não tinha presa em falar, parecia impossível que aquele homem se irritasse com alguma coisa ou com alguém. Eu gostava disso, pois pessoas que falam rápido demais ou possuem um tom de voz muito agudo me irritam, durante o percurso falamos de coisas banais relacionadas à vida naquela região. Os assuntos não me interessavam, mas eu demonstrava interesse para deixá-lo contente, afinal de contas eu tinha recebido uma carona, nada mais justo que fazê-lo acreditar que o que dizia tinha realmente tinha alguma importância para mim.

Depois de alguns minutos chegamos ao cruzamento onde saltei da carroça, agradei o José e segui a estreita estrada que dava acesso à casa dos meus avós. Enquanto seguia pela estrada eu observava a vegetação que não parecia ter mudado nada em vários anos, depois de subir uma pequena ladeira finalmente avistei a casa, uma típica casa feita em adobo, porém bem construída, o piso da frente ficava muito acima do solo e isso se devia ao fato da casa ter sido construída no pé de um morro, então pare nivelar a frente ficava a mais de um metro acima do nível do solo enquanto que o fundo ficava exatamente no mesmo nível do solo. Dos fundos da casa tínhamos uma vista privilegiada enorme morro da Maria Joana.

Quando entrei no terreno avistei minha vó e meu vô plantando milho próximo de um Umbuzeiro, parei por um instante e fiquei observando o trabalho deles. Enquanto meu avô abria as covas minha avó jogava as sementes e tapava as covas empurrando a terra sobre o buraco com o pé. Eu detestava o que estava por vir, mas infelizmente era inevitável eu teria que “demonstrar afeto” para mim era fácil encenar aquela peça teatral, mas eu não gostava daquilo, respirei fundo e segui em direção daqueles velhos inúteis. Depois de alguns contatos físicos desnecessários (abraços) eu me instalei em um dos quartos e pude relaxar.

Um dia eu e minha vó fomos até a casa do José Fagundes, pois minha vó queria saber como estava Lílian uma das filhas dele que estava no sexto mês de uma gestação difícil. Quando chegamos lá fomos gentilmente recebidos por Carmélia a esposa do José, ela nos ofereceu café com

<sup>4</sup> Chiringa, enquanto comíamos, minha vó perguntou sobre o estado de Lílian. Enquanto Carmélia explicava sobre a saúde da filha eu disfarçadamente saí da mesa e fui para o quintal e lá avistei Lílian cuidando da horta, ela havia mudado bastante desde a última vez que a vi. Estava mais alta, o corpo mais torneado e bem desenhado, o vento alvoroçava seus longos cabelos loiros e cacheados. De repente o vento soprou mais forte levantando um pouco seu vestido, mas foi o suficiente para expor suas lindas coxas, imediatamente fiquei excitado e imaginei eu e ela transando, ela com aquela boquinha pequena chupando meu pau enquanto eu segurava aquele cabelo loiro com força. Eu morderia aquelas coxas e aqueles seios até sangrarem enquanto penetraria aquela buceta deliciosa.

Depois de acordar do meu delírio sexual percebi que Lílian tinha terminado suas tarefas na horta e estava vindo em minha direção, foi quando observei seu corpo, ele era lindo, com exceção da barriga que estava deformando a obra. Sem aquela barriga de grávida com certeza ela estaria apta a satisfazer meus desejos, ela passou por mim e me deu um leve sorriso e eu retribuí.

— Olá Caim faz tempo que não te vejo por aqui.

— Pois é... Ano passado eu não pude vir por causa de uns problemas em casa.

— Vai ficar durante todo o período de férias?

— Vou tentar!

— Que bom! Espero que possa ficar aqui o máximo de tempo possível.

Ela sorriu e continuou seus afazeres, enquanto ela se afastava o meu desejo de possuí-la só aumentava, mas aquele filho que ela estava esperando estava atrapalhando, e eu não tinha tempo para esperar o

seu nascimento! Depois que eu e minha vó voltamos para casa eu passei a observar a rotina de Lílian. Logo cedo ela ia de moto até a cidade de Matina levar hortalças, ela sempre ia sozinha, pois os outros familiares estavam ocupados com outras tarefas e o pai do seu filho desapareceu assim que soube da gravidez da namorada. Foi aí que descobri uma ótima oportunidade para realizar meu objetivo. Depois de alguns dias observando a rotina de Lílian percebi que ela sempre saía de casa as 05:30 da manhã, então numa segunda feira acordei as 04:30 peguei um martelo, alguns pregos e um pedaço de tábua que encontrei nas coisas do meu avô, fui para a estrada por onde ela passava. Enquanto caminhava observei os rastros de pneus na estrada e em uma determinada curva percebi que todos os rastros passavam pelo mesmo lugar para desviar de alguns buracos na estrada. Olhei para todos os lados para me certificar que não havia ninguém me observando, então preguei cerca de 16 pregos no pedaço de tábua, olhei no relógio eram 05:20 estava quase na hora, rapidamente posicionei a tábua com pregos no local exato onde as rodas da moto de Lílian iriam passar, cobri a tábua com areia para que Lílian não tivesse como vê-la, apaguei minhas pegadas do local e corri rapidamente para o mato de onde fiquei observando.

Enquanto eu observava um suor frio escorria pelo meu rosto, eu temia que outra pessoa passasse pelo local antes de Lílian, se isso acontecesse estragaria meus planos. Olhei no relógio eram 05:35 ela estava demorando! Minha ansiedade aumentou, por que diabos ela estava demorando? Finalmente ouvi o barulho da moto e à medida que se aproximava eu pude ver que era Lílian na motocicleta. Foram momentos de tensão, eu queria que a queda causasse um aborto, mas não queria que provocasse muitos danos ao corpo dela, pois eu desejava aquele corpo inteiro. Quando Lílian entrou na curva escutei o barulho da queda e neste instante dei pulos de alegria. A primeira parte do meu plano estava quase completa, agora era só ir para casa e torcer para que Lílian tenha sobrevivido sem grandes danos físicos e perca o bebê.

Na tarde do dia seguinte meus avós chegaram de Matina, eles haviam ido visitar Lílian no hospital.

— Então como está ela?

Minha vó respondeu primeiro.

— Ela quebrou 3 costelas e o braço esquerdo e também teve um bocado de machucados pelo corpo.

— E o bebê?

Neste momento o semblante dos meus avós se tornou mórbido, então meu avô falou.

— Não teve jeito, ela perdeu a criança.

Quando ouvi aquilo tive vontade de gritar e pular de felicidade por meu plano ter dado certo, mas infelizmente eu tinha que bancar o solidário e fingir que sentia muito pela perda do bebê de Lílian. Fiz minha cena teatral e depois saí para comemorar o sucesso do meu plano com uma bela masturbação dedicada à Lílian. Mas de repente senti um arrepio percorrer toda a espinha “PUTA QUE PARIU SERÁ QUE ELES DESCOBRIRAM A CAUSA DO ACIDENTE?” Voltei imediatamente e perguntei para o meu avô se ele sabia como tinha sido o acidente.

— Pelo que eu fiquei sabendo Lílian passou por cima de um pedaço de madeira cheio de pregos! O pessoal tá achando que aquilo pode ter caído de um desses caminhões que carregam lenha.

— Com certeza deve ter sido isso mesmo que aconteceu, pois nessa estrada passam muitos caminhos lotados de restos de madeiras de serrarias ou de obras, provavelmente eles recolheram os restos de madeira usados em alguma obra e um dos pedaços de madeira com preços caiu na estrada.

— Só pode ser isso mesmo.

— E o enterro da criança quando vai ser?

— Já enterraram! A pobre Lílian não pode ir ao sepulto, porque não pode fazer esforço. A coitadinha tá arrasada.

— Espero que ela se recupere rápido.

Com o pretexto de ir visitar um amigo enganei os velhos e fui até Matina para comemorar o sucesso da missão, tive que fazer o percurso a pé, pois não encontrei nenhuma carona, mas seria recompensado quando eu chegasse. Quando finalmente cheguei fui direto em um supermercado e comprei uma garrafa de vinho, depois segui para o cemitério. Quando virava a esquina vi o vigia, ele estava sentado em um banquinho no portão, “Ótimo” fui para os fundos onde estava bem escuro e saltei o muro que não era muito alto, quando pulei para o lado de dentro quase deixei a garrafa cair, mas felizmente eu consegui segurar. Abri a garrafa e tomei uns goles “muito bem... onde estará o túmulo do filho da Lílian? Bom, é só procurar um túmulo recém fechado.” Depois de procurar bastante eu finalmente encontrei o túmulo do maldito bebê. Estava próximo de um grande eucalipto, na lápide li o nome.

— Emanuel! Até que sua mãe tem bom gosto, veja bem Emanuel, não foi nada pessoal, mas você estava me atrapalhando e isso eu não admito! Então fiz o que tinha que ser feito.

— Além do mais você não iria gostar desse mundo! Aqui é uma loucura só, tudo bagunçado e feio, mas não se preocupe eu vou cuidar bem da sua mãe.

— Emanuel eu queria brindar com você, eu sei que você não tem idade para beber ainda, mas não se preocupe isso ficará só entre nós.

Tomei um grande gole de vinho e despejei o restante em cima do túmulo do meu mais novo amigo.

## A porra da minha Família

A família, o início de tudo onde o indivíduo começa a tomar conhecimento de sua própria existência e do mundo em que vive. Normalmente ela é constituída de 3 a 6 indivíduos, sendo eles: pai, mãe, filhos e filhas, podendo ser bem maior dependendo da opção do casal ou da conveniência no caso do Brasil. “Bolsa Família” É repugnante ver casais que mal podem sobreviver com 10 filhos malvestidos desnutridos e vivendo abaixo da linha da pobreza. E o que eu tenho a ver com isso? Nada! Por mim eles que se fodam. Eu não sinto nenhum tipo de pena em ver aqueles moleques magrelos chorando e pedindo comida, é ridículo e estúpido.

O casal de animais “racionais” que procriou e gerou mais filhos do que pode sustentar são idiotas e merecem sofrer. Imagine a cena, um barraco velho de madeira com um casal e 8 crianças amontoadas umas sobre as outras como uma pilha de excremento inútil e irreciclável sobrevivendo com migalhas do lixo ou de esmolas ganhas nas ruas ou de planos assistenciais do governo. Os indivíduos permanecem ali estagnados naquele recito fétido apodrecendo sem perspectiva de evolução. Esta é a realidade de uma grande quantidade de grupos que são chamados pela sociedade de “famílias” hilário!

Algumas “famílias” têm um contato entre os membros restringido aos moradores da casa, como pais e filhos, tendo contato com os demais parentes apenas uma vez ou outra, mas existem outras em que a interação com os demais membros é intensa criando uma complexa rede de relacionamentos. E nesta rede é muito comum haver conflitos entre os membros formando grupos dentro da família, a minha família é uma dessas que possui uma grande interação entre seus membros, mas infelizmente os membros da minha “família” não são interessantes e na sua maioria não tem nada de útil para me oferecer. São um bando de tolos ignorantes sem conteúdo! Não há como desenvolver uma boa conversa com eles, pois suas mentes são limitadas e atrasadas. Tão atrasadas que a distância da percepção deles e a minha estão a anos-luz de distância uma da outra. Dos membros desta droga de “família” eu me beneficiava apenas com alguns, como meus avós que me eram úteis,

pois me davam quantias em dinheiro principalmente após eu executar uma bela cena teatral de drama.

Infelizmente na minha “família” o gênero masculino predominava o que resultava em uma falta de mulheres, principalmente as primas que servem justamente para satisfazer os desejos sexuais de rapazes como eu. Isso me deixava muito irritado, pois complicava a minha vida sexual me obrigando a frequentar prostíbulos e gastar o pouco dinheiro que eu tinha. Nos últimos tempos um dos meus tios mais novos teve uma filha, fiquei excitado com a notícia, mas ao mesmo tempo chateado já que quando ela tivesse idade suficiente para foder eu já estaria bem mais velho. Não sei se terei tanta paciência.

A minha bisavó materna está com 97 anos de idade, me admira muito que aquela velha tenha chegado nesta idade já que era fumante desde jovem. Antes a velha inútil até conseguia fazer algumas coisas, como tomar banho, se vestir, comer sozinha, mas agora a velha se tornou um estorvo para os filhos que são obrigados a cuidar dela como se fosse uma criança, eles são uns imbecis! Se fosse a minha mãe eu já teria jogado num asilo a muito tempo, pois para que serve uma velha inútil que só dá trabalho? O tempo dela já passou! Está na hora de desocupar o mundo para as os jovens habitarem. Certo dia minha mãe me obrigou a ir visitar a velha inútil e eu não tive escolha, quando chegamos lá foi a mesma palhaçada de sempre... abraços, elogios, perguntas, conversas sobre o passado e outras baboseiras. Depois de muito papo furado minha mãe e suas tias foram visitar outra tia e me deixaram sozinho com a velha.

— Caim fique aqui com sua bisavó enquanto vamos à casa da Ana Maria.

— Tá bom eu fico tia Alice.

— Obrigado! Não vamos demorar, logo estaremos de volta.

A porta se fechou e aos poucos o som dos passos desapareceu e eu estava sozinho com a velha caduca... Era hora da diversão.

— Alice ô Alice, Alice me traz um cigarrinho. Alice ô Alice, Alice ô Alice!!!

— Cala boca porra!

— João você já levou aquele porco para o compadre Zé? O compadre falou que tem pressa para assar o porco!

— Pronto! Começou a delirar!

— Ô Alice você viu a menina que Juliana pariu debaixo da cama ontem?

Ela pariu e escondeu dentro do fogão, a criança deve estar lá ainda, vai lá ver antes que alguém ligue o fogão e a criança morra queimada. Sabe de uma coisa, aquela Juliana é uma rapariga que engravidou antes de casar, mas deixe estar, quando eu encontrar ela vou lhe dar uns tapas para aprender a não se comportar igual uma rapariga.

— Então Carlota o que mais tem para me contar de interessante?

— Para fazer um <sup>5</sup> Beiju tem que misturar bem a tapioca com um pouco de água e sal depois se deve peneirar a massa numa panela já aquecida, mas tem que ter cuidado para não queimar, portanto deixe o fogo baixo.

— O que mais?

— A filha do seu Alberto foi catar feijão na roça e acabou sendo picada por uma cobra, os pais tentaram levar a menina para o hospital, mas não deu tempo ela acabou morrendo no caminho.

— Dessa eu gostei velha! Tem mais alguma história onde alguém morre?

— Alice ô Alice traz um cigarrinho pra mim, Alice ô Alice.

— Só pensa em fumar caralho! Não sei como viveu tanto tempo, seus pulmões devem estar podres de tanto fumar, aposto que não consegue ficar 2 minutos sem respirar.

Verifiquei se não estava vindo ninguém e em seguida olhei para aquela criatura decrépita e digna de pena sentada num sofá na minha frente.

Que pena que o ser humano apodrece até chegar a este ponto...

Deprimente! “Muito bem Carlota minha velha, vamos ver se estes pulmões velhos ainda funcionam.” Caminhei por trás do sofá onde a velha estava sentada peguei uma almofada e pressionei contra o rosto da múmia, imediatamente ela começou a se debater e tentar retirar a almofada, mas seus pobres braços com músculos atrofiados e ossos com carência de cálcio não tinham força suficiente para retirar a almofada. “Calma Carlota, porque que está tão inquieta? Relaxe eu estou apenas testando seus pulmões para averiguar se eles ainda funcionam bem.” A velha já estava ficando sem forças quando escutei vozes e passos. A maçaneta da porta começou a girar então imediatamente tirei a almofada da cara da minha bisavó e a deitei no sofá.

— Carlota respira, por favor, respira!

— Ai meu Deus! O que aconteceu?

— Ainda bem que vocês chegaram! Ela começou a passar mal do nada e eu fiquei sem saber o que fazer!

— Com licença Caim deixe-me vê-la!

— MÃE, MÃE A SENHORA ESTÁ BEM?

— Aaa ali ali Alice me traz um-um ciga-cigarrinho.

— Que cigarro que nada! A senhora precisa é ir ao médico!

— Luciana liga para o Joaquim e peça para ele vir aqui de carro o mais rápido possível! Precisamos levar a mãe no hospital

— Claro Alice vou ligar agora.

# A história de Beatriz

**Guanambi BA 13/01/2008**

O casal Gilberto e Maria vive no bairro Vomita Mel na cidade de Guanambi BA onde juntamente com sua residência possuem um bar aonde homens de meia idade vão para beber e falar besteira. Eu sei disso porque meu pai me levava lá de vez em quando, ele aproveitava para passar por lá quando estávamos vindo de algum lugar. Para “tomar uma” dizia ele. Para mim permanecer naquele ambiente era uma tortura! Eu contava os minutos para ir embora dali. Eu não suportava ouvir tanta merda daqueles bêbados ridículos, incluso o tolo do meu velho.

Sem ter opção tentei relaxar e analisar o local e as criaturas que nele habitavam, os bêbados eram homens por volta de 45 anos e de aparência desleixada. Falavam um número incrível de besteiras em pouquíssimo tempo, davam risadas de coisas totalmente sem graça, queixavam-se de suas esposas revelando intimidades de suas relações. Queixavam-se também de seus filhos dizendo que a juventude não “queria nada com a voz do Brasil” falavam de futebol e de outras porcarias nacionais. O dono do estabelecimento, Gilberto, era extremamente sério. Não se envolvia nas conversas estúpidas de seus clientes, ficava apenas observando tudo em silêncio. Ele era uma das poucas pessoas que eu “respeitava” já a Maria era uma das criaturas mais irritantes da face da terra. Ela era baixa, robusta e tinha pele clara, cabelos cacheados e pretos, também era estrábica e tinha dentes de coelho. Muitos questionavam por que Gilberto que era um homem alto de porte normal, loiro de olhos claros teria se casado com uma criatura pavorosa como aquela? “Tem gosto pra tudo.” Muitas vezes Maria se intrometia no meio das conversas dos clientes dando palpites e fazendo críticas, isso irritava muito o Gilberto que assistia tudo calado

mantendo a sua postura séria, quando aquela mulher começava a falar não parava mais, ela parecia ter uma necessidade imensa de ser ouvida caso contrário enlouqueceria.

Em um determinado dia após meu pai ter ido me buscar na escola passamos no bar do Gilberto, então meu velho pediu uma pinga, o Gilberto o serviu e enquanto meu velho tomava sua pinga a praga falante apareceu. “Mas que porra! Essa miserável vai começar com as suas ladainhas de novo.” E foi exatamente isso que aconteceu, ela começou a falar e falar e falar... ela falava tanto que parecia uma máquina, ela nem mesmo respirava antes de começar outra frase. Minha cabeça começou a doer, meu olhar se focou no rosto da Maria, seu olho torto se movia sem parar, sua boca abria e fechada em uma velocidade fora do comum. Respirei fundo, cerrei os punhos “PUTA QUE PARIU!!! CALA A BOCA SUA VADIA DO CARALHO!!!!” Eu precisava sair dali! Não suportava mais ouvir aquela voz insuportável, me levantei e educadamente pedi um copo d’água.

— Claro Caim, pode ir até a cozinha tomar.

— Obrigado.

A casa e o bar ficam no mesmo terreno e nos fundos do bar existe uma porta que dá acesso ao quintal da casa. Passei pela porta e caminhei por entre as plantas do quintal sentindo um imenso alívio por sair de perto daquela criatura insuportável. Caminhando calmamente entrei na casa por uma porta que dava acesso direto à cozinha e logo avistei o filtro de água. Peguei um copo no armário ao lado, enchi só até a metade, pois eu não estava realmente com sede, tudo aquilo era um pretexto para me afastar da Maria. Enquanto bebia a água ouvi um gemido, terminei de beber e coloquei o copo na pia, ouvi mais um gemido. Andei pela casa e novamente ouvi o mesmo gemido, até que em um dos quartos eu vi uma garota estranha deitada em uma cama branca de metal dessas que a gente vê nos hospitais. Quando ela me viu imediatamente começou a rir e tentar falar, mas as palavras saíam distorcidas e incompreensíveis.

— Então eles têm uma filha retardada!

— Espertos, eles a escondem de todo mundo com vergonha do vexame!

— Isso vai ser interessante.

— Ei! Qual é o seu nome?

Ela apenas deu risada e ficou me olhando com a boca aberta e olhos arregalados, então ela começou a apontar para um caderno de desenho que estava em cima de uma mesinha de cabeceira, peguei o caderno e entreguei à ela, mas ela me entregou de volta e ficou fazendo uns gestos que eu entendi como um pedido para que eu desenhasse algo. Como eu sempre fui bom em desenhos rabisquei um índio segurando um arco, e entreguei o caderno para ela. A garota começou a rir como uma lunática foi neste momento que a mãe dela entrou no quarto.

— Me desculpe Maria por entrar aqui sem sua permissão! É porque ou ouvi gemidos e pensei que alguém estivesse passando mal!

— Não se preocupe Caim! Faz tanto tempo que eu não via a Beatriz tão alegre! O que você fez? Contou uma piada pra ela?

“Como se ele fosse entender uma piada.”

— Não, na verdade eu fiz um desenho.

— Nossa Caim! Que desenho lindo, você desenha muito bem!

— Obrigado.

— Caim eu poderia te pedir um favor?

— Sim se estiver ao meu alcance eu farei.

— Claro que está! Eu só queria pedir que ficasse com a minha filha por um tempo sempre que passar por aqui com o seu pai, se não se incomodar é claro!

— Claro que não me incomoda, eu posso ficar com a Beatriz durante o tempo que eu estiver aqui com o meu pai sem problemas.

— Você é um anjo Caim!

O tempo passou e eu continuava ficando com a Beatriz sempre que eu e meu pai passávamos no bar do Gilberto após o velho me buscar na escola. Eu fazia desenhos para ela e também pedia que ela fizesse desenhos, ela bem que tentava, mas os resultados eram rabiscos sem sentido, mas eu fingia interesse para não desanimá-la. A insuportável da mãe dela estava cada vez mais contente, pois nunca tinha visto a filha tão feliz. Após 3 meses nesta rotina eu já havia conquistado a confiança dos pais da Beatriz, então finalmente apareceu a oportunidade que eu tanto esperei.

— Caim posso te pedir um favor?

— Claro Maria.

— Eu e Gilberto precisamos ir até a casa do meu sogro, pois ele não anda muito bem de saúde, você poderia ficar tomando conta da Beatriz durante a tarde de domingo?

— Posso sim! Eu fico com o maior “PRAZER”.

— Muito obrigado Caim você é anjo, não sei o que faríamos sem você.

— Pode ficar tranquila Maria, eu cuidarei da Beatriz enquanto vocês estiverem fora e qualquer problema eu ligarei imediatamente.

— Graças a Deus que temos um amigo como você Caim! Não sei como poderemos pagá-lo.

— Não se preocupe com isso Maria, eu faço isso porque sei como é difícil para vocês cuidarem da Beatriz sozinhos e administrarem seu negócio ao mesmo tempo, portanto não se preocupe comigo. Eu farei companhia à Beatriz e nós vamos nos “DIVERTIR” muito juntos.

No dia combinado acordei mais cedo, tomei banho, coloquei algumas coisas importantes na mochila e fui para a casa da Beatriz. Quando cheguei lá por voltadas 09:00 da manhã o Gilberto estava checando os pneus da sua D-20.

— Caim! Ainda bem que você veio!

— Quando eu faço um trato sempre cumpro com minha palavra!

— Eu queria te agradecer Caim por ficar cuidando da Beatriz enquanto visitamos meu pai, sabe Caim, o velho está muito doente, mas mesmo assim insiste em trabalhar na roça. Ele é teimoso como uma mula, os médicos já falaram que se ele insistir em fazer esforço físico não durará muito.

— Sei bem como são essas pessoas mais velhas, elas são muito teimosas mesmo.

Neste momento a Maria chegou com umas sacolas e colocou na carroceria da D-20 em seguida começou com seu falatório de sempre. Finalmente depois de meia hora de ladainhas daquela vadia velha eles finalmente entraram no carro e partiram em direção de Matina. Eu como não sou idiota como personagens de novelas que quando querem fazer algo que não querem que ninguém veja mal esperam as pessoas saírem e já dão início à atividade. Eu não sou ingênuo! Esperei por uma hora para ter certeza de que eles não voltariam para buscar algo ou simplesmente para me testar. Após esse tempo relaxei, fui até a geladeira, tomei suco de laranja e comi um pedaço de lasanha.

Em seguida fui ao quarto da Beatriz e lá estava ela deitada em sua cama com a boca aberta e olhar perdido no espaço. Ela estava muito bem cuidada, cabelos bem penteados, unhas cortadas, dentes brancos, a pele branca até demais já que quase nunca tomava sol, mas para mim estava perfeita. Aqueles grandes e inocentes olhos castanhos me olhavam fixamente como se vissem algo extraordinário. Me aproximei e sentei na beirada da cama ao lado dela, passei a mão em seu rosto. Ela olhava tão fixamente para mim que nem mesmo piscava, um pouco da saliva começou a escorrer do canto de sua boca peguei um lenço de papel que estava na mesinha de cabeceira e sequei sua boca.

— Beatriz, querida Beatriz... você está exatamente onde eu preciso que esteja, sabe Beatriz, a vida é assim mesmo, uns nascem para servir e outros para serem servidos.

— Não sei se você sabe o que é prazer... talvez nunca tenha sentido prazer de verdade, mas isso não importa já que provavelmente você não está entendendo nada do que estou dizendo.

— Bom Beatriz, agora eu tenho uma surpresa para você.

Tirei um filme pornô da minha mochila e coloquei no aparelho de DVD que ficava no quarto da Beatriz, apertei o play e deitei ao lado dela na cama. Ela assistia as cenas de sexo como se estivesse assistindo um comercial de margarina.

— Está calor, não acha Beatriz?

— Acho melhor tirar esse excesso de roupa e ficar mais à vontade.

Comecei a despir a Beatriz, comecei pela parte de cima retirando sua blusa. Seu busto era pequeno e magro e isso me excitava cada vez mais, em seguida retirei sua calça. Suas pernas eram finas e sem nenhuma cicatriz já que quase nunca saía daquele quarto. Eu a pus sentada na cama e retirei o sutiã, em seguida a deitei novamente. Seus seios eram pequenos, mas do tamanho perfeito para uma espanhola, então iniciei o movimento e enquanto isso Beatriz olhava para mim e sorria “acho que ela está sentindo cócegas.”

— Vamos ver como está essa xana.

Retirei a calcinha cuidadosamente deslizando minhas mãos por suas pernas macias, neste instante senti um calafrio de prazer percorrer minha espinha. A xana estava bem cuidada, os pelos devidamente depilados “pelo menos a Maria fez alguma coisa útil.” Abri as pernas dela e iniciei os trabalhos com a língua. O cheiro da xana me deixou ainda mais excitado, meu cacete estava tão duro que chegava a doer. Fui subindo com a lambedura pela barriga até o rosto e com cuidado introduzi meu pênis na vagina dela, neste momento ela começou a gemer um pouco então tapei sua boca com a mão.

— Não gostosa! Não faça isso! Não queremos que os vizinhos ouçam, fique quietinha!

Enquanto metia meu pau naquela bucinha apertadinha segurava aquele frágil e fino pescoço apertando levemente para vê-la sufocar, aumentei a velocidade das <sup>6</sup> bombadas, a Beatriz gemia e babava e eu só me deliciava com aquilo tudo. Quando percebi que estava prestes a gozar retirei o pênis da vagina segurei Beatriz pelos cabelos, ejaculei em seu rosto. Segurei o pescoço dela com força e deu vários tapas em ambos os lados da face. Espalhei o esperma na cara dela, depois introduzi meu pau na boca dela várias vezes até fazê-la engasgar. Após suprir minhas necessidades, dei banho na Beatriz, penteie seu cabelo e vesti suas roupas novamente para evitar que seus pais desconfiassem de alguma coisa.

## Hóstias do Pecado

— Caim filho mio finalmente è arrivato!

— Padre César, parece preocupado o que ocorre?

— È la ragazza, ela não está bem!

— Qual delas?

— La pequena que eu fondare na rua!

— Sim claro, agora me lembrei! Aquela moreninha que o senhor encontrou caminhando sozinha próximo daquela favela no bairro Beija Flor!

— O que aconteceu com ela padre?

— La ragazza está doente ela tem febbre diarrea e vomita molto!

— E você me chamou aqui só por isso?

— Caim il bispo vai chegar daqui a due ore e io no sei o que fare com ela!

— Por que não leva ela para sua casa?

— Io no posso sair daqui con la ragazza! Io estou sendo investigado pelo Vaticano, io estou sendo vigiado.

— Poderíamos retirar a menina dentro de uma mala ou outro objeto semelhante.

— No Caim! Se saímos daqui con qualsiasi objeto sospetto eles vão desconfiar e virão averiguar!

— Então não poderemos sair da igreja com nenhum objeto suspeito, se é assim como o senhor diz, eles irão me interceptar de qualquer maneira quando eu sair daqui.

— Exato! Quando você mette il piede fuori da igreja eles irão te ispezionare!

O Padre César estava em uma situação muito complicada, a visita do bispo o pegou de surpresa e para complicar ainda mais, espiões do Vaticano estavam na cidade. Ele sempre foi cuidadoso com seus brinquedos, sempre os guardou muito bem em sua casa e raramente os trazia para a igreja, mas dessa vez resolveu arriscar um pouco e trouxe

a menina de 9 anos que ele encontrou próximo da favela. Os pais provavelmente deviam ser usuários de drogas que não davam a mínima para a garota, pois ela estava imunda! As unhas cheias de sujeira o cabelo embaraçado e sujo, ela cheirava mal. Então o bom padre cuidou dela, deu banho e limpou muito bem seu pequeno e jovem corpo, penteou seu cabelo e deu muito carinho.

O tempo estava se esgotando e logo o bispo chegaria para a visita e ele iria querer ver todos os cômodos da igreja, estávamos em um beco sem saída. Na verdade ele estava, pois eu poderia ir embora e deixá-lo se lascar, mas eu sabia que se o ajudasse ele ficaria em dívida comigo e eu adorava cobrar favores. Mas o que eu poderia fazer? Não havia como sair com a menina sem ser pego pelos agentes do Vaticano e também não havia onde esconder uma menina doente que fazia muito barulho. Analisei por um bom tempo as partes da igreja, então quando estudava os fundos percebi que um grosso cano de metal passava rente a parede dos fundos e ao seu lado havia uma porta de ferro. Girei a maçaneta e abri vi uma escada, mas estava tão escuro que não consegui enxergar quase nada, tateei a parede e consegui encontrar o interruptor.

As luzes se acenderam e pude descer os degraus com segurança, ao chegar lá embaixo vi novamente o cano metálico, ele descia até um forno a lenha. Ao lado do forno tinha uma mesa grande com várias assadeiras e utensílios de cozinha, perto da mesa estava uma pilha de sacos de farinha de trigo, em uma das assadeiras havia hóstias prontas recém-saídas do forno. Com certeza o bispo também iria querer entrar naquele cômodo, então esconder a menina ali estava fora de cogitação. Subi as escadas e fui ao encontro do padre César, ele estava em um dos bancos da igreja de cabeça baixa e com as mãos no rosto. Quando ele me viu chegar veio correndo e se ajoelhou aos meus pés.

— Ti prego! Per amor di Dio mi ajude! O vescovo acabou de ligar, ele já está a caminho!

— Calma! Deixa-me pensar..... vamos fazer o seguinte, você vai recebê-lo como se nada estivesse acontecendo e vai mantê-lo ocupados e

distraído o máximo de tempo possível, enquanto em fico com a garota no porão. Faça com que lá seja o último lugar a ser visitado pelo bispo!

— Ma Caim, no vai dar certo, lui vi vedrà com a ragazza de qualquer jeito!

— Apenas faça como eu disse! Confie em mim!

Corri até a sacristia lá vi a menina deitada em um banco dormindo tentei pegá-la com cuidado para que não acordasse, mas não teve jeito a menina acordou e começou a chorar. Tapei sua boca com a mão e a levei para o porão as presas. No caminho ela tentava inutilmente retirar minha mão de sua boca, ao passar pela porta a fechei e desci cuidadosamente os degraus, quando cheguei lá embaixo fiquei olhando para todos os lados sem saber o que faria com ela. Onde eu iria enfiar aquela menina? Enquanto eu procurava desesperado uma saída para a situação a garota cravou os dentes em minha mão.

— AAAHHRRRRR MAS QUE PORRA!!!!

Ela havia me mordido com força e não parecia disposta a soltar, então a joguei em cima da mesa e apertei seu pescoço. Imediatamente ela começou a sufocar e abriu a boca soltando minha mão, quando olhei minha mão estava sangrando os dentes da garota tinham me perfurado, peguei a menina pela cintura e arremessei contra a parede. Ela caiu batendo as costas no chão no instante da queda ela ficou sem ar, mas logo em seguida começou a chorar de novo dei uma olhada rápida ao redor e vi um pano em cima da mesa, peguei e fui em direção à garota. Ela tentou correr, mas a derrubei com uma rasteira e pisei em sua garganta para silenciá-la, a amordacei e dei alguns chutes em sua cabeça até deixá-la inconsciente.

Com a peste devidamente controlada eu pude pensar com calma no que faria com ela. O tempo estava passando e logo o bispo estaria descendo as escadas até onde eu estava, eu precisava agir! Precisava fazer aquela garota sumir, caso contrário eu estaria ferrado. Eu sempre tive calma em tudo que fazia, mas aquela situação estava me deixando desesperado, por mais que eu pensasse eu não conseguia achar uma

saída. Comecei a andar de um lado para o outro enquanto um suor frio descia pelo meu rosto, então tropecei em um pedaço de madeira.

— PUTA QUE PARIU! QUEM DEIXOU ESSA PORRA AQUI?

— ...É ISSO! ESSA É A SAÍDA!

Não havia onde esconder a garota e eu não podia sair com ela sem ser visto, então era lá que ela ficaria! Arrastei a menina até o forno e coloquei a garota no local onde fica a lenha. Fui arrumando a lenha sobre ela até encher totalmente, já com o forno lotado de lenha rasguei uma caixa de papelão e misturei com a lenha, em seguida derramei cerca de um litro de álcool cuidadosamente sobre a lenha de modo que encharcasse bem. Peguei a caixa de fósforos que estava sobre a mesa e vi que só tinha 3 palitos “ainda bem que não tem vento aqui!” Com muita paciência acendi o fogo. No início ele estava fraco, mas logo se alastrou. Me acomodei numa cadeira e fiquei assistindo o espetáculo. Enquanto assistia percebi que a garota estava se mexendo “PÉSSIMA HORA PARA ACORDAR! DEVERIA TER FICADO DORMINDO.”

À medida que o fogo consumia a madeira eu ia colocando mais, a temperatura estava tão alta que era difícil me aproximar, então eu ia jogando a lenha de longe. De repente ouvi a porta se abrir, o padre César vinha na frente com uma cara de pavor olhando fixamente para mim com os olhos arregalados.

— Bispo Questo è Abel um dos diáconos que gentilmente se ofereceram para ajudar con la produzione di hóstias!

— Parabéns meu jovem, não é todo dia que vemos atitudes tão nobres!

— Obrigado bispo.

O bispo caminhou um pouco, olhou as hóstias que estavam em cima da mesa falou um pouco com o padre César em Italiano e depois os dois foram embora. Eu continuei pondo lenha no forno para que daquela menininha não sobrasse nem os ossos.

# Bonecas Humanas

## *Abaixo uma explicação detalhada do meu fornecedor na Áustria*

“Crio Brinquedos Escravos Lolita. No caso de você esteja se perguntando o que eu quero dizer, é muito simples: eu transformo jovens em brinquedos sexuais gerenciáveis. É isso aí. As meninas não podem ir embora, não pode resistir, não pode dizer nada, pois elas estão lá apenas para sua diversão, sádico.

Curioso? Eu sou um cirurgião. Vou até esses países na periferia do leste da Europa. Uma sociedade muito dura ainda, a pobreza é enorme, e se você não tiver dinheiro e conexões, você está ferrado. E desnecessário dizer que, eu tenho os dois. Nós também temos meninas bonitas aqui, os países do Leste Europeu são bem conhecidos por isso.

Felizmente (para mim), algumas dessas meninas não têm pais ou parentes mais e vivem em orfanatos. Na verdade, eu não diria que vivem, é incrível o que você encontra lá.

Algumas meninas muito jovens têm sorte de ser adotadas, mas com 8 ou 9 anos de idade elas são muito velhas.

Algumas das meninas mais bonitas são vendidas para a prostituição, você poderia considerar isso de sorte também para elas, em vez de lentamente desaparecendo na sujeira e pobreza. E algumas meninas eu compro.

Eu geralmente escolho as garotas atraentes com cerca de 9 ou 10 anos, antes do início da puberdade. O orfanato é muito cooperativo, eles estão felizes que eles têm uma boca a menos para alimentar, um novo lugar para preencher. Eles também aceitam de bom grado minhas doações para as meninas. Eles nunca perguntam e eu nunca iria falar sobre o que acontece.

Eles sabem que sou cirurgião, provavelmente acham que eu faço algumas experiências com as meninas ou cortar e vender os seus órgãos. Mas não, eu encontrei um negócio muito mais rentável: Transformo as meninas em brinquedos sexuais!

Você pode encomendar um brinquedo Escravo Lolita, se quiser. Eles não são baratos, eu cobro entre 30,000 e 40,000 dólares por um brinquedo. Isto é, sem custos de envio. Mas você terá uma Lolita Sex Toy escrava que lhe dará satisfação por anos, ela é como uma boneca, mas ela é uma boneca viva!

Deixe-me dizer-lhe como eu transformo uma menina órfã em uma boneca viva. Quando eu encontro uma menina nova, adequada, peço ao orfanato para entregá-la em minha casa.

Ela chega nua, amarrada e de olhos vendados. Depois de uma breve inspeção e uma rápida verificação médica, levo-a para minha clínica especial em minha casa.

Primeiro, vou limpá-la muito bem. Essas meninas realmente cheiram mal e são imundas, elas tomam um banho e quando ela está finalmente limpa, eu coloco-a em uma cama de hospital e dou-lhe uma injeção que irá fazê-la dormir.

Vou criar uma nova identidade e dar-lhe um novo nome – Não sei os nomes das meninas reais, só sei sua idade, isso é tudo que eu preciso saber. No orfanato, elas têm todos os seus dados destruídos. Ela nunca existiu. A partir desse momento só existirão como um brinquedo.

Tenho algumas Escravas Lolita pra mim mesmo: Dasha, que tem 11 anos e está apenas na fase final de sua transformação, Tanya, que hoje é de 12 anos, dois anos desde que foi criada, e Luda, que é de 14 anos e 4 meses de gravidez.

Na manhã seguinte, é o dia em grande operação. A menina ainda estará dormindo por causa do anestésico da noite passada. Eu a coloco na mesa de operação e administro anestésicos para a operação acontecer. Então, se você está se perguntando como meu Toy Slave não vai resistir?

É muito simples: eu faço amputação de suas pernas e os braços! Eu vou amputar os braços bem acima cotovelos e as pernas bem acima dos joelhos. Fácil, não é? Essa garota nunca vai ficar longe de você... Para uma menina esta é uma operação muito pesada e é provavelmente o passo mais importante no processo de transformação. Mas a maioria das vezes elas sobrevivem.

Agora, eu não estou apenas deixando as meninas com tocos de seus braços e pernas. Vou anexar uma barra de metal 5 cm muito firmemente ao osso em seus braços e pernas antes de costurar as feridas. A outra extremidade da barra de metal tem uma rosca de parafuso, onde é possível anexar um o-ring (também conhecido como junta tórica).

Quando ela estiver pronta, você facilmente coloca uma corrente ou cadeado para qualquer objeto que você gosta! As minhas Tanya e Luda normalmente têm um cadeado atrás das costas ligando a ambos os o-rings sobre os tocos de seus braços. Ele vai manter seus braços bem perto de seu corpo.

No começo tem que cuidar das feridas nos tocos para evitar infecções. Uma vez que a ferida está curada completamente, vou colocar uma capa de silicone sobre o coto. A parte externa da tampa é coberta com veludo branco e isso realmente parece muito doce, apesar de cruel, e não o-rings no final do que resta de seus braços e pernas.

Depois de alguns meses, quando as pernas e os braços se recuperaram totalmente, você pode colocar pressão um pouco mais sobre os o-rings. Eu comecei há um ano atrás para pendurar Tanya e Luda em seus braços e pernas do teto. É uma forma interessante de decoração em seu quarto, ter uma Lolita nua pendurado em seu teto! E é muito bom para usar sua vagina ou boca quando ela está pendurada assim.

Mas antes é um longo caminho a percorrer. A operação ainda não está pronta com amputação dos braços e as pernas. Em seguida eu também corto suas cordas vocais, por isso ela não pode mais falar ou fazer ruídos, e retiro os dentes de sua boca. Depois de ter removido todos os seus dentes, eu implanto uma camada de silicone em suas mandíbulas. Ela ainda será capaz de chupar seu pênis, mas não poderá mordê-lo. Agora, é realmente muito bom, quando ela tenta morder, a camada superior macia em sua boca, lhe dá uma espécie de massagem.

O implante de silicone é, contudo, absolutamente necessário, se não, ficaria desdentada. Isto mantém sua boa aparência. Para continuar a manter a boca em boa forma, ela vai usar uma mordaca de bola a maior parte do tempo. Isso soa um pouco antiquado, porque eu corto suas cordas vocais e ela não pode falar de qualquer maneira, mas isso é apenas por causa da estética. Uma menina amordaçada simplesmente parece ser bom e além de alimentar, beber e transar, ela não precisa mais de sua boca.

Uma vez que a operação está pronta, dou-lhe uma ou duas semanas para se recuperar e deixar a ferida cicatrizar. Em seguida, seu treinamento começa.

Ela não é mais uma garota comum, mas tornou-se um brinquedo, há um monte de coisas que ela tem de aprender. Já que ela não tem mais seus dentes, ela não pode comer. Mas tem que ser alimentada como um bebê. Na verdade, eu alimento-a uma vez por dia com uma mamadeira e fórmula infantil, pois contém todos os minerais e vitaminas. Eu não lhe dou mais, porque não quero que ela engorde.

Você tem que ter cuidado com isso. Ela começa a beber uma mamadeira com água, chá ou limonada três ou quatro vezes por dia, de modo que ela recebe pelo menos dois litros de líquido por dia. Isso é suficiente para mantê-la saudável. No início vou colocar a garrafa

em sua boca, mas logo vou apenas colocar a garrafa ao lado dela, então ela mesma tem que colocá-la na boca.

É preciso alguma prática para conseguir colocar a garrafa na boca, já que ele não tem braços, mas eventualmente ela vai beber. É preciso alguma prática para colocar a garrafa na própria boca sem ter as mãos, mas ela consegue pegar uma garrafa com a boca.

Uma vez que ela aprende o toque vendo-a antes que ela receba a garrafa; antes de seu treinamento terminar, ela deve ser capaz de encontrar a garrafa e beber sem ser capaz de ver.

A comida e bebida são retornáveis então você tem que colocá-la no banheiro algumas vezes por dia. Como ela não pode se mover, você tem que levá-la ao banheiro e trazê-la. Quando eu estou fora para o negócio, normalmente eu coloco um cateter no seu trato urinário. Desde que ela não come muito, ela não faz muita merda.

Embora ela não possa mais falar, eu ainda posso me comunicar com ela para lhe ensinar algumas coisas elementares. Eu a ensino a dar um boquete bom, a desfrutar do sexo, quando seu clitóris e lábios vaginais são estimuladas com um vibrador. Também ensino a ela o que significa ser um escravo.

Chicoteio sua vagina todos os dias, principalmente em combinação com o uso de um vibrador, de modo que ela, em algum ponto já não será capaz de discriminar entre dor e prazer. Vou colocar grampos e pinos em seus mamilos e lábios, esticar seus lábios. Vou intensificar seu treinamento quando eu for tratar sua vagina com agulhas. Sua vagina será tratada com cera quente, seu clitóris será torturado com agulhas, sua vagina será eletrocutada e depois costurada. Qualquer possível forma de tortura que ela terá que suportar antes que ela chegue ao estágio seguinte de sua transformação.

Nesta fase cuido para que ela veja e perceba como eu a torturo. Eu tenho uma câmera funcionando a maior parte do tempo, e ela terá que ver a própria tortura, além de mais alguns filmes realmente torturantes hardcore, pelo menos uma hora por dia.

Em tempo que ela não é apenas uma escrava fisicamente, mas também mentalmente se tornou um escravo. Sua mente já não resiste, ela tornou-se totalmente submissa. Então eu vou fazer a última modificação para torná-la a um brinquedo Escravo. Ela já está imobilizada e incapaz de comunicar-se, pois não é capaz de falar.

Até agora ela ainda era capaz de ver e ouvir, ela não estava completamente sensório-privada. A Toy verdadeira escrava não pode mais se mover, falar, ver ou ouvir, mas apenas sentir. Antes de privá-la de seus últimos sentidos vou dar-lhe um leve anestésico. Então eu coloco fones em seus ouvidos e coloco por várias horas ruídos extremamente altos nos fones de ouvido. Isso será suficiente para danificar sua audição para o bem, ela não vai ser capaz de ouvir mais.

Como toque final trato os olhos com um laser. Ela não vai ser completamente cega. Minhas Tanya e Luda ainda reagem a luzes fortes, e eu acho que eles ainda podem ver algumas sombras tênues, mas não pode reconhecer mais nada e elas são quase surdas.

No entanto eu vendo-lhes a maior parte do tempo, mas isso é porque eu gosto de garotas de olhos vendados. Elas são completamente entorpecidas, elas nem sequer fazem barulho quando eu torturo-as. Eu só posso ver a partir das reações de seu corpo, o aumento da velocidade de respiração, e a expressão em seu rosto, ela está sofrendo, sentindo dor.

Quando ela se recuperar desta fase, estará transformada em um brinquedo indefeso e pronto para venda. Elas são muito fáceis de manter: um pouco de comida, só precisa de um pouco de cuidado (limpeza diária). Elas são imobilizadas, você pode anexá-las a qualquer objeto, e até mesmo fazer "decoração" com elas. Elas não podem falar, ouvir ou ver, elas são completamente sensório-privadas.

Os brinquedos escravos que estão à venda são ainda virgem e entrando na puberdade. No entanto, elas são bem treinadas para sexo oral, são torturadas e abusadas pesadamente.

Elas podem ficar grávida, então anticoncepção é aconselhável, a não ser que você goste de ter um brinquedo escravo grávida.

Toda a transação foi feita pela <sup>7</sup> DEEP WEB e em poucos dias a mercadoria foi entregue no endereço combinado, com muito cuidado eu e Roberto levamos a mercadoria para a Igreja do Padre César, quando chegamos com o seu novo brinquedo ele não conteve a alegria.

— Buon giorno Caim filho mio, não sabe a alegria que sinto em te ver!

— Eu vou fingir que acredito que é por minha causa que o senhor está tão animado.

— Ma è vero ragazzo!

— Claro que é... Padre este é um parceiro meu.

— Piacere di conoscerti meu nome é Cesar.

— Não entendi muito bem a primeira parte, mas meu nome é Roberto.

— Padre, há tantos anos vivendo no Brasil ainda não domina o português.

— Caim filho mio, portoghese è una lingua più difficile!

— Eu sei, às vezes nem os falantes nativos conseguem falar corretamente.

— Caim, eu tenho que voltar para a delegacia!

— Claro! Muito bem César, o pacote está entregue, divirta-se.

— Grazie Caim, eu nem sei como posso retribuir!

— Não se preocupe com isso, se eu precisar de algo entrarei em contato.

— Caim! Eu preciso mesmo voltar para a delegacia!

— Ok vamos! E César, vê se cuida dessa melhor do que você cuidou da outra!

— Io cuidarei muito bene!

## A boca de fumo do Rafa

Quando eu conheci o Rafa em uma viagem que fiz a Vitoria da Conquista em 2007 ele não era ninguém. Era um zero à esquerda! Ninguém sabia quem ele era, eu tomei conhecimento de seu negócio por acaso. Minha irmã havia acabado de brigar com o namorado e me implorou para que eu comprasse um “barato” pra ela, então após várias idas e vindas nós começamos a trocar umas ideias. Eu percebi potencial nele e sabia que ele tinha um futuro promissor, só precisava de orientação. Eu sabia desde o início que se ganhasse o respeito de um traficante conceituado teria muitos privilégios. Rafa era um tolo! Não sabia se impor perante seus rivais, ele simplesmente executava na base do tiro e pronto, então eu ensinei os mais eficientes métodos de tortura física e psicológica.

Em uma ocasião um espião foi pego nas proximidades da boca do Rafa.

— Rafa! Aí está sua oportunidade, mostre a eles que você não está para brincadeira!

— Então brother, o que a gente faz com esse arrombado?

— Nós iremos mandar um recado para seus inimigos! Para cada um deles!

Iniciamos o processo introduzindo agulhas embaixo das unhas do indivíduo que já estava devidamente imobilizado, em seguida o sufocamento com saco plástico e finalmente o derramamento de chumbo derretido sobre a pele. Quando ele nos disse tudo que precisávamos saber dividimos seu corpo em várias partes utilizando

uma motosserra. Enviamos para cada inimigo uma parte do corpo juntamente com um bilhete avisando para não se meterem conosco.

Depois do treinamento deixei com Rafa um manual de construção de aparatos de tortura que datavam da idade média.

Em uma ocasião Rafa descobriu que um dos seus vendedores estava usando boa parte da mercadoria, me pediu um conselho sobre que castigo deveria aplicar no rapaz.

— Beleza brother! Eu descobri essa semana que um dos meus vendedores anda desviando a mercadoria para uso próprio, o que acha que devo fazer com ele?

— Simples, dê a ele o que ele quer.

— Como assim brother?

— Se ele quer fumar, dê erva a ele, se ele quer cheirar dê pó a ele, se ele quer baforar dê lança a ele, se ele quer sentir o arpão na veia dê a ele, mas dê pra valer!!!

— AAHH muleque tu é foda! Eu entendi o esquema!

Rafael chamou seu vendedor para trocar umas ideias, o rapaz não desconfiava de nada. Rafael o tratou muito bem, disse a ele que suas vendas estavam aumentando muito e ele estava de parabéns. Rafa ofereceu uma carreirinha ao vendedor que todo contente tirou uma nota de 10 reais do bolso enrolou formando um tubo e acabou com a carreirinha de cocaína. Rafa fez mais alguns elogios ao rapaz e fez mais 4 carreirinhas de cocaína, o rapaz sorriu. Rafa disse para ele aproveitar, pois ele merecia! O vendedor acabou com as carreirinhas uma a uma.

— Dá uma brisa boa não é?

— Pode crer! Valeu mesmo Rafa, agora eu já vou indo! Valeu mesmo pelo barato.

— Que isso brother, pra que tanta presa?

— É que minha mina fica me enchendo o saco quando eu chego tarde em casa!

— Relaxa man, se ela falar alguma coisa diga que você estava fazendo um serviço pra mim!

— Beleza então.

— Relaxa aí cara, hoje eu estou muito generoso, pois as vendas aumentaram muito, toma aqui esse barato e curte a brisa de boa!

Rafael abriu uma gaveta e entregou uma seringa ao vendedor que hesitou um pouco, mas recebeu o presente. Rafael disse pra ele usar logo, pois se demorasse muito a brisa não seria tão boa. O rapaz amarrou uma borracha no braço, abriu e fechou os dedos algumas vezes fazendo força para que as veias ficassem dilatadas. Então ele injetou o conteúdo da seringa em sua corrente sanguínea, alguns minutos depois ele começou a rir bastante enquanto gostas de suor escoriam pelo seu rosto.

— Então brother a brisa tá boa?

— Boaaaa demaiiiiisss esse bagulho é dos bom cara!

— Estão quer mais um pouco?

— Não! Não eu já tô de boa!

— Você quer sim! Que eu sei!

— Não Rafa eu tô de boa mesmo, valeu mesmo, mas eu não quero mais não!

— VOCÊ QUER SIM! SEU BOSTA E VAI USAR O BAGULHO AGORA!

Nesse momento dois comparsas do Rafael apareceram e seguraram o garoto.

— VOCÊ ACHA QUE EU SOU OTÁRIO? ACHOU MESMO QUE EU NÃO ÍA SABER?

— Mas por que isso? Eu não fiz nada!

— NÃO MINTA PRA MIM SEU MERDA! NINGUÉM PASSA A PERNA EM MIM! ENTENDEU? NINGUÉM!

— Eu juro cara que eu não passei a perna em você! Acredita em mim, por favor!

— Amarrem esse porra!

— NÃO! NÃO! NÃO! POR FAVOR, NÃO, FOI SÓ UNS BAGULHOS, EU PAGO! EU PAGO TUDO!

— EU NÃO QUERO DINHEIRO! EU QUERO LEALDADE!

O rapaz foi amarrado em uma cadeira e teve várias seringas contendo cocaína diluída em Vodca injetadas em sua corrente sanguínea. Rafael filmou enquanto o rapaz sofria uma overdose e agonizava até a morte. O vídeo foi enviado para todos os vendedores para servir de exemplo.

## Prazo de Validade

Se você olhar nos rótulos dos produtos que você compra no supermercado verá que existem datas, estas datas são chamadas de prazos de validade. Quando esse prazo esgota o produto se torna impróprio para o consumo se for alimentício, se for outro produto como um inseticida, ele pode perder a sua eficácia. Existem algumas exceções como o vinho, por exemplo, que possui um prazo de validade indeterminado, se tornando melhor e mais saboroso a cada ano que passa, mas infelizmente seres humanos não são assim, muito pelo contrário! O ser humano nasce inútil e quando atinge o seu auge começa a decair até se transformar em uma asquerosa e fraca criatura.

O mundo está cheio de criaturas inúteis que só servem para ocupar espaço e atrapalhar os propósitos dos demais, infelizmente não existe

um <sup>8</sup> Death Note onde eu possa escrever os nomes dos imprestáveis que ocupam lugar na terra. Sendo assim sou obrigado a limpar a sujeira à moda antiga, pois eu analiso os que estão a minha volta e decido se o indivíduo ainda possui alguma utilidade ou não, depois coloco na balança os benefícios e malefícios que terei com a sua eliminação. Na maioria das vezes os benefícios superam os malefícios. Os malefícios aos quais me refiro são problemas com a lei e dificuldades para limpar a sujeira sem deixar rastros, por isso é importante possuir colaboradores.

Na maioria das famílias quem sustenta a casa é o homem, o pai que é extremamente útil, principalmente quando os filhos ainda são muito pequenos e totalmente dependentes dele, mas quando os filhos crescem e podem se sustentar sozinhos o pai não é mais tão importante. Mas de qualquer forma se ele recebe aposentadoria ou ainda trabalha seu prazo de validade ainda não expirou. Se seu pai foi um imbecil que se matou de trabalhar dia e noite sem gozar a vida somente para acumular um patrimônio para ficar de herança para você se considere uma pessoa de sorte por ter um otário como pai.

Meu pai sempre foi um beberão tolo que não se dava conta de nada que acontecia ao seu redor, eu sempre fiz o que quis bem embaixo do nariz dele e ele não percebeu nada. Ele sempre estava ocupado demais com o trabalho ou com a bebida, ele pensava apenas em acumular riquezas e não desfrutava dos bens que possuía. Ele preferia adquirir mais e mais sem dar a mínima importância para o mais importante na vida miserável do ser humano que é o PRAZER. O prazer é a única coisa que faz com que essa vida de merda que levamos valha a pena! Se um ser humano passa a sua vida inteira trabalhando e juntando dinheiro sem aproveitar os prazeres que este dinheiro pode lhe proporcionar este humano é um ser desprezível. Se você não se deliciar com os prazeres da vida para beneficiar os outros você não merece viver.

No enterro do velho consegui derramar algumas lágrimas graças há um produto especial que usei nos olhos.

# Zoofilia

Roberto esconde sua pratica de quase todos, poucos sabem de suas aventuras sexuais com seres não humanos. Roberto já teve vários problemas por causa do seu desejo por animais, dentre eles estão: acidentes, doenças, mortes e etc... A esposa dele já se separou dele várias vezes depois de ver marcas estranhas no corpo dele, ela acreditava estar sendo traída pelo marido com outra mulher, mas ela não fazia ideia da real situação. Outro fato que causava estranheza para ela era o fato de todos os seus cachorros morrerem muito jovens, ela não entendia o que acontecia. Ela chegou a chamar um padre em outra ocasião e depois um pai de santo para benzer a casa e livrar o ambiente dos “maus espíritos.”

Roberto enfrentou também problemas de saúde por causa de suas práticas sexuais um tanto quanto exóticas. Ele temia ir ao hospital e ser descoberto, então eu contatava a Patrícia para auxiliá-lo sem que a notícia de um policial que transa com animais se espalhasse por aí. Ele foi aconselhado várias vezes a sempre usar preservativo quando fosse praticar sexo com seus bichinhos, mas o cara era teimoso feito uma mula. Por falar em mula, uma vez ele levou um coice de uma mula que lhe resultou em uma perna quebrada. Sempre que possível eu levava o Roberto ao sítio dos meus avós. Quando chegávamos lá ele ficava deslumbrado com a quantidade de animais.

— Roberto acabei de saber pelo meu avô que semana passada nasceu um bezerro.

— Serio?

— Claro! Vá até o curral e divirta-se, mas cuidado vê se pega leve, da outra vez você matou o potro recém-nascido da minha vó!

— Aquilo foi um acidente eu não fiz por mau!

Eu estava relaxando na varanda ouvindo o canto dos pássaros quando de repente escuto um grito de socorro seguido de outros gritos de dor.

“Aquele imbecil! Eu disse pra tomar cuidado com a vaca.” levantei peguei a espingarda de dois canos do meu avô que estava pendurada atrás de uma prateleira na despensa e fui até o curral. Quando cheguei lá vi a vaca prensando Roberto contra a cerca do curral, um dos chifres dela havia atravessado a lateral de sua barriga. Atirei primeiro no quadril da vaca que tombou e em seguida na cabeça.

— Me ajuda cara eu estou perdendo muito sangue!

— Claro, mas você me deve uma vaca!

— Pelo amor de Deus Caim não é hora pra brincadeiras!

“Se você não fosse uma peça útil... eu o assistiria sangrar até a morte.” Levei o Roberto para o hospital mais próximo na cidade de Matina. Após esse episódio Roberto retirou animais de grande porte de sua lista. Eu não vejo problema algum em zoofilia, apesar de não ser adepto, eu compreendo a necessidade de alguns de experimentar algo diferente, mas no caso do sexo com criaturas tão imprevisíveis e agressivas como animais é preciso ter o máximo de cuidado. Uma vez um primo meu teve um dos testículos arrancados por uma cadela, depois disso sua vida nunca mais foi a mesma, pois como a cidade era pequena a história se espalhou e ele sofreu inúmeras zombarias, sendo obrigado a se mudar para ter paz novamente.

Mas nem todos têm a mesma sorte, um caso famoso na região é de Chico da égua que morreu com um coice na cabeça depois de tentar ter relações sexuais com o animal. Chico era tido por muito como um doente mental que andava por aí falando coisas sem sentido, o seu irmão também teve uma morte trágica ao tentar montar em um jegue ele acabou caindo por causa do efeito da cachaça, ao cair seu pé ficou preso no estrivo, o jegue se assustou e disparou na corrida arrastando assim o infeliz até a morte. Quilômetros depois seu corpo foi encontrado preso em um tronco na beira da estrada.

# Lílian

24/12/2004 BA-030

Havia 15 minutos que o ônibus da New Horizon tinha deixado a rodoviária de Guanambi, nós nos aproximávamos da Serra dos Brindes.

Era uma subida bem íngreme com uma curva muito fechada onde vários acidentes ocorriam por causa da imprudência dos motoristas que não diminuía a velocidade ao entrar na Curva da Morte. Era final de tarde e o tempo estava agradável com um vento gostoso soprando em nossos rostos.

— Que bom que seus pais deixaram você vir comigo.

— Se fosse outro rapaz eles não iriam deixar, mas como foi você que pediu...

— Ouvindo você falar assim me sinto um cara muito privilegiado.

— Meus pais são muito antiquados e não entendem que o mundo mudou, quando fiquei grav....

Nesse momento a voz de Lílian travou e ela começou a chorar, então ela encostou a cabeça no meu ombro, eu a abracei e beijei sua testa e lhe disse palavras de consolo.

— Hoje faz exatamente um ano que desde tudo aconteceu, parece até coincidência estarmos juntos exatamente nessa data.

— Sim realmente é uma “coincidência”.

— Você ainda pensa muito nele?

— Sempre, principalmente nos momentos de solidão, eu... eu nem mesmo pude ver o rosto do meu filho.

Neste momento Lílian chorou novamente.

— Lílian eu não posso fazer com que você esqueça o que aconteceu! Mas eu posso fazer com que o período que ficarmos junto seja o mais agradável possível!

— Caim você é um amor!

— Ha ha ha não sei se mereço este elogio, mas obrigado.

— Merece sim! E merece muito mais, Caim você tem sido um amigo incrível, você sempre me dá forças nos momentos difíceis, você nunca me julgou como os outros fizeram, sempre me tratou da mesma forma.

— Não entendo essas pessoas ignorantes que mudam a maneira de tratar os outros por motivos tão ridículos, detesto esses moralistas hipócritas!

— Eu também não suporto esse tipo de gente! Tenho um receio, será que essa sua amiga não vai se importar em nos receber em sua casa?

— Fique tranquila, a Patrícia é super legal, eu já falei com ela que estava trazendo uma amiga e ela concordou.

— Que bom, assim fico mais aliviada.

A viagem durou cerca de cinco horas até que desembarcamos na rodoviária de Vitoria da Conquista por volta das 11:00 da noite. Perto de um posto de gasolina Patrícia nos aguardava como havíamos combinado. De lá seguimos para uma pizzaria e depois para um bar, quando chegamos lá Lílian estava retraída, pois não estava acostumada com aquele tipo de ambiente. Pedi ao garçom que trouxesse uma garrafa de vinho e outra de vodca, no início Lílian resistiu um pouco, mas acabou se entregando ao néctar do Diabo. É incrível o poder do álcool! Ele transforma uma garota acanhada do interior em uma mulher desinibida.

O olhar de Lílian estava perdido no espaço, mas o olhar de Patrícia estava focado nas pernas de Lílian, pois Patrícia é bissexual. Eu e ela havíamos combinado uma suruba, ela me pediu que arranjasse uma garota gostosa, então imediatamente pensei em Lílian, a garota que me fez esperar um ano para concluir meu objetivo. Depois de muitos goles e muitas risadas fomos para a casa da Patrícia, no caminho Lílian ficou admirando o tamanho da cidade já que não estava acostumada com grandes centros urbanos.

— Ei Patrícia você comprou aquelas “balas” que eu te pedi?

— Claro! Estão no porta-luvas.

— Eu gosto de balas, me dê uma Caim!

— Claro, tome.

— Essa bala tem um gosto diferente!

— Sim! Ela é uma bala muito especial.

Quando chegamos à casa da Patrícia Lílian já foi desabando no sofá e começou a gargalhar sem parar.

— Como se sente querida?

— HA HA HA HA EU ME SINTO DE UM JEITO QUE EU NUNCA TINHA ME SENTIDO ANTES HA HA HA HA, PATRÍCIA VOCÊ JÁ SE SENTIU ASSIM TAMBÉM?

— Claro Lílian, muitas vezes! Na verdade eu estou me sentindo como você, livre para aproveitar os prazeres da vida.

— EU QUERO ME DIVERTIR! QUERO APROVEITAR TUDO!

— Eu também!

A Patrícia começou acariciando os longos e loiros cabelos de Lílian, ela sorria sem parar, Patrícia continuou acariciando o corpo de Lílian e

fazendo elogios. Enquanto isso Lílian dizia algumas coisas sem sentido e continuava sorrindo, sentado em uma poltrona bem de frente para as duas eu tomava um vinho observava enquanto elas se beijavam e trocavam carícias. Patrícia desabotoou a blusa e depois seu sutiã expondo seus belos seios. Eu tomei mais um gole e continuei assistindo enquanto Patrícia passava a língua suavemente no mamilo de Lílian. Patrícia gosta de ser dominadora com as suas garotas, ela sempre tomava as atitudes primeiro.

— Ei garotas vamos para o quarto, lá é mais confortável.

— Você leu minha mente Caim! Eu estava pensando nisso agora mesmo! Vamos Lílian vamos para minha cama ela é espaçosa e cabemos nós três!

— HA HA HA HA HA EU GOSTO DE CAMAS GRANDES!!!!

Patrícia arrastou Lílian para o quarto e eu fui logo atrás ainda tomando meu vinho.

— Garotas, vou colocar o cd da minha banda favorita, eu adoro aquela parte “AS CAMAS ESTÃO SUJAS DE SANGUE E DE VINHO”

Ao som amaldiçoado da minha banda preferida, fizemos nossa orgia a três durante horas, o suor escoria pelo meu corpo enquanto penetrava alternadamente as vaginas das minhas garotas. A essa altura do campeonato Lílian já tinha perdido a noção da realidade e não esboçava quase nenhuma reação. Pedi que Patrícia abrisse bem a vagina de Lílian enquanto eu a enchia de vinho, eu e ela tomamos o vinho saboreando lentamente o sabor especial do “copo” e da bebida.

Pedi a Patrícia que trouxesse uma seringa de 200 MLs e uma borracha, amarrei a borracha bem apertada no braço esquerdo de Lílian e penetrei a agulha na veia mais alterada, puxei o embolo da seringa cuidadosamente até o final o espaço vazio da seringa imediatamente começou a ser preenchido com aquele liquido maravilhoso de cor vermelha. Quando a seringa ficou cheia retirei cuidadosamente e coloquei um curativo no local.

— VEJA ISSO PATRÍCIA! ISSO É VIDA! SEM ISSO NOSSO CORPO NÃO É NADA!

— Eu mais do que ninguém sei disso Caim!

— É CLARO QUE SABE VOCÊ JÁ DERRAMOU MUITO! OH NÃO! VOCÊ TEM METODOS MAIS DISCRETOS NÃO PRECISA DERRAMAR.

— Eu não sou tão má como você pensa Caim, eu ajudo aqueles infelizes que não tem mais chances de recuperação a descansar em paz.

— QUAL O NOME QUE VOCÊS MÉDICOS DÃO PRA ISSO MESMO?

— Eutanásia.

— QUE GAROTA GENEROSA!!! HA HA HA HA HA.

O sangue e o vinho são mais parecidos do que as pessoas imaginam, pois eles proporcionam prazer ao indivíduo e quando estão juntos eles se completam. Eles se tornam o verdadeiro néctar dos Deuses e eu iria saboreá-lo, comecei a derramar o conteúdo da seringa no rosto de Lílian até sua linda vagina, depois derramei o restante no meu corpo principalmente no meu pau. Peguei a garrafa de vinho e tomei um grande gole, derramei o restante no corpo de Lílian, em seguida comecei a saborear o néctar dos Deuses por todo aquele lindo corpo.

Quando finalmente ejaculei sobre os seios de Lílian eu e Patrícia fomos limpar a bagunça.

— Patrícia o porão está pronto?

— Está sim! Eu fiz tudo como você pediu, mas eu ainda não entendi por que você me pediu para trazer um feto de sete meses?

— Depois eu te explico, agora me ajude a levá-la para o porão.

O porão estava preparado! Em breve o show iria começar. Foram instaladas câmeras no porão, Patrícia e eu assistíamos tudo de um monitor. No início Lílian ficou desacordada por muitas horas, mas finalmente acordou, ainda muito confusa sem saber onde estava, ela

não parecia se lembrar de nada do que havia acontecido algumas horas antes. Ela tentou abrir a porta em vão, pois estava trancada! Em seguida começou a implorar por ajuda. Ela colocava as mãos na cabeça e se agachava chorando e repetindo a palavra “NÃO” várias vezes.

— Patrícia a hora é agora acenda as luzes!

Lílian estava agachada com a cabeça baixa encostada nos joelhos, quando as luzes do porão se acenderam ela ergueu seus lindos olhos vermelhos e cheios de lágrimas. O olhar dela se fixou em um ponto do porão, de repente ela começou a gemer e repetir a palavra NÃO num tom de voz baixo que foi gradativamente aumentando até se tornar um grito ensurdecedor. Cambaleando Lílian caminhou até um ponto do porão e caiu de joelhos no chão gritando descontroladamente e arrancando os próprios cabelos.

— Divertido não acha?

— Ha ha ha ha e como!

— Eu gostaria de continuar assistindo, mas estou muito cansado, e além do mais preciso devolver essa garota inteira para os pais dela. Então vamos organizar os brinquedos antes que a mamãe chegue.

Patrícia e eu descemos até o porão e lá estava Lílian caída aos pés de uma cruz com um bebê de sete meses crucificado. No alto da cruz uma placa dizia, **Emanuel**. Lílian foi levada para um hospital psiquiátrico localizado a cinco quilômetros da cidade, lá ela permaneceu por seis meses sempre recebendo a visita de seus pais que enfrentavam grandes dificuldades, pois não tinham condições financeiras para arcar com as despesas sendo obrigados a vender um terreno para quitar as dívidas.

Contei a eles que nós três estávamos nos divertindo num bar e que quando chegamos em casa Lílian do nada surtou gritando o nome do filho morto e quebrando tudo que encontrava pela frente.

Certo dia no hospital psiquiátrico o zelador percebeu que alguém havia mexido em suas coisas, estava faltando algo, mas ele não sabia o que era. Também naquele mesmo dia a médica que cuidava de Lílian a

liberou para passear pelo jardim, pois ela estava muito mais calma do que antes.

— Bom dia Dr. Luzia!

— Bom dia Roberto, como vai o serviço?

— Como sempre, mas hoje aconteceu uma coisa estranha.

— O que aconteceu?

— Quando cheguei para trabalhar hoje cedo percebi que as minhas ferramentas de trabalho não estavam do mesmo jeito que eu deixei ontem.

— Você acha que alguém mexeu em suas ferramentas?

— Com certeza! Se alguém mover um objeto nem que seja cinco centímetros eu percebo!

— Temos que averiguar isso, vamos ver o quartinho onde você guarda suas ferramentas!

— Sim vamos lá.

O zelador mostrou o cômodo onde guardava seus utensílios de trabalho e disse que sempre mantinha porta trancada, mas, como a fechadura não estava em boas condições a porta poderia ser aberta facilmente se fosse forçada. Ele já havia pedido uma fechadura nova, mas até aquele momento seu pedido não tinha sido atendido.

— JÁ SEI O QUE SUMIU!

— O que?

— A corda!

— Uma corda? Mas quem roubaria uma corda?

A Doutora deixou o zelador cuidando de seus afazeres e caminhou pensativa pelo jardim. De repente um pensamento terrível lhe passou

pela cabeça “NÃO PODE SER...” Quando ela deu mais um passo esbarrou em alguma coisa, assustada ela olhou pra cima e avistou sua paciente LÍlian Fagundes enforcada em uma árvore.

## Orfanato Madre Tereza

Já fiz vários trabalhos para o padre César e ele sempre me pagou muito bem, afinal de contas a igreja é um negócio muito lucrativo, mas com a compra da boneca humana o padre César abriu um rombo no orçamento da igreja. Ele precisava reverter essa situação o mais rápido possível ou seria descoberto, então ele me chamou para discutirmos sobre um plano para restabelecer o caixa da igreja. Depois de muita conversa César parecia não ter mais esperança de recuperar o dinheiro gasto com seu brinquedo.

Eu estava sentado em uma das poltronas da sacristia olhando para o teto distraído quando César disse. “È CHE” Levei um susto e antes que eu pudesse me recuperar ele continuou. Falou sobre um orfanato chamado **Madre Tereza** que ficava em Salvador, explicou que conhecia o diretor do orfanato que era um ex-padre e disse também que os dois tinham feito o seminário juntos em Roma. O nome do diretor era Alberto Rizzo e dirigia orfanato há quase 20 anos e como o padre César, também estava sendo investigado pelo Vaticano, pois ele além de exercer sua função como diretor também tinha outro trabalho para complementar a renda. César me explicou que o orfanato estava superlotado, era quase impossível alimentar todos os órfãos.

Sendo assim o diretor elaborou um engenhoso esquema onde as crianças mais velhas eram supostamente “adotadas”, mas na verdade eram compradas para a retirada e venda de seus órgãos. O esquema era tão perfeito que ninguém nunca havia desconfiado, mas havia um problema. O sócio do Alberto Rizzo estava desviando alguns órgãos e

ficando com o lucro sozinho, e traição era uma coisa inaceitável para o senhor Rizzo.

Então minha missão era ir até o orfanato Madre Tereza em Salvador e eliminar o sócio do diretor sem deixar evidências. O padre César ligou para Alberto Rizzo e combinou tudo com ele, com o dinheiro que receberíamos o padre poderia reabastecer o caixa da igreja e eu ficaria com uma boa parte. Eu exigiria no mínimo 60% já que todo o trabalho duro ficaria por minha conta. Depois de concluído o acordo, marcamos o dia da viagem para domingo. Fui para casa preparar minhas coisas. Infelizmente eu teria que enfrentar 10 horas de ônibus até Salvador, pois essa é uma das desvantagens de se morar em cidades pequenas, mas valeria a pena. Peguei o ônibus da New Horizon na rodoviária de Guanambi às 08:00 da noite, o ônibus partiu quase vazio e eu pude relaxar enquanto planejava como executaria aquela missão.

Depois de longas horas sentado em uma poltrona não muito confortável finalmente desembarquei na rodoviária de Salvador. Desci do ônibus e caminhei com dificuldade desviando de uma multidão de pessoas carregando suas bagagens. Pedi informação em um guichê sobre onde poderia pegar um taxi, a moça me explicou bem detalhadamente, cheguei ao ponto de taxi e logo um taxista veio oferecer seus serviços. Entreguei o papel com o endereço para ele e partimos. No caminho ele puxou conversa fazendo aquelas perguntas típicas: “De onde você é?” “O que te trouxe aqui?” “Já estive em Salvador antes?” Etc.. Respondi todas com poucas palavras, pois estava muito concentrado na missão.

Como era madrugada não havia muito trânsito, então o percurso foi rápido. No caminho passamos por uma longa avenida beira mar, o tempo estava agradável e uma brisa soprava em nossa direção. A praia era bela durante a noite, pois o sol não estava presente para estragar o lugar. Eu não entendo porque as pessoas gostam de ficar o dia inteiro debaixo de um sol escaldante torrando a pele! Isso é estupidez. Mas como diz uma frase que ouvi uma vez “GOSTO NÃO SE DISCUTE, SE LAMENTA.” de repente o motorista disse que estávamos quase chegando, logo avistei a construção, era antiga, semelhante a um mosteiro ou coisa parecida. O taxista parou bem em frente ao portão,

desci do taxi e paguei absurdos 65 reais pela corrida, o taxista agradeceu e foi embora. Ao me aproximar do portão avistei um homem de terno preto se aproximando.

— Boa noite em que posso ajudá-lo?

— Boa noite, meu nome é Caim Fonseca e estou sendo aguardado pelo senhor Alberto Rizzo.

— Sim claro! Como o senhor Alberto não sabia quando chegaria ele deixou instruções para acomodá-lo em um dos quartos de hóspedes, por favor, me acompanhe.

Eram 5 da manhã e as crianças ainda estavam dormindo por isso o orfanato estava silencioso, acompanhei o porteiro até o interior do lugar. Era uma construção antiga de 4 andares estilo Barroco, o porteiro disse que o meu quarto ficava no último andar. Enquanto subíamos os vários lances de escada o portento permaneceu calado, quando finalmente chegamos ele apontou para uma porta no final do corredor e me entregou uma chave. Em seguida se retirou. Eu estranhei a arquitetura do lugar, parecia realmente que tinha sido construído para outra finalidade e depois foi adaptado para ser um orfanato. Abri a porta e senti um leve cheiro de mofo, em cima da cama havia uma toalha nova ainda embrulhada por um plástico e um sabonete “o Alberto sabe mesmo como receber as visitas.” Joguei a mochila num canto e fui direto tomar uma ducha. Depois me joguei na cama, pois estava exausto da viagem.

Acordei no dia seguinte às 09:00 da manhã, lavei o rosto e saí do quarto para dar uma volta pelo orfanato. Fiquei surpreso ao ver que o terreno era bem maior do que eu tinha imaginado, havia uma grande área verde com um belo jardim e também uma fonte cercada de estatuas de anjos.

Também havia um parquinho para as crianças se divertirem, com balanços, gangorras e outros tipos de brinquedos. Parei de frente a uma estátua de um anjo empunhando uma espada, ao pé da estátua estava escrito **Gabrielus** e mais alguma coisa em Latim, de repente uma voz soou atrás de min.

— Arcanjo Gabriel, o mensageiro de Deus, o que traz a boa nova.

— Obrigado por traduzir, meu Latim não é dos melhores.

— Eu presumo que você seja Caim?

— Sim! E o senhor deve ser Alberto Rizzo.

— Exatamente, meu velho amigo César falou muito bem de você meu rapaz. Ele contou sobre suas incríveis habilidades.

— O padre Cesar é um pouco exagerado em seus elogios, talvez isso seja por causa dos vários favores que fiz para ele.

— Ele me disse que era muito modesto também, então Caim vamos até a minha sala lá poderemos tomar café da manhã e falar de negócios.

— Caim eu não sou um homem de rodeios! Por isso vou direto ao ponto! Como você já deve saber, eu estou tendo problemas com meu sócio. Houve uma traição imperdoável da parte dele e felizmente ele ainda não sabe que eu tomei conhecimento desse fato. Sendo assim estou em uma posição privilegiada para tomar as providências necessárias.

— Eu compreendo senhor Alberto, então o senhor já tem algo em mente? Alguma preferência?

— Sim! Eu já planejei tudo. O Santiago estará aqui em poucos minutos, o plano é o seguinte, eu irei te apresentar a ele como um novo ajudante de confiança que acabei de contratar, o Santiago irá adorar, pois sempre está reclamando que fica com todo o trabalho duro sozinho. Você irá trabalhar com ele ajudando-o a descartar o lixo e nesse meio tempo você deverá ganhar a confiança dele, e quando chegar a hora e a oportunidade certa tu acabará com ele bem lentamente. *FAÇA COM QUE SEJA O MAIS DOLOROSO POSSIVEL!* Dê o melhor de si! Capire?

— Perfeitamente senhor! Não se preocupe. Será lento como o senhor determinou.

Dez minutos depois houve batidas na porta, o senhor Alberto autorizou a entrada... Era o sócio.

— Santiago que bom que chegou quero que conheça alguém, este é Caim seu novo ajudante.

Santiago pareceu estranhar um pouco, talvez pela minha pouca idade, mas tentou disfarçar, me deu um aperto de mão meio fraco e se sentou em uma das cadeiras ao redor da mesa. Alberto tratou de me apresentar para Santiago contando algumas de minhas travessuras, Santiago ouvia tudo calado sem nenhuma reação, mas eu sabia que ele estava admirado, mas claro que não demonstraria nada. Fingiria que tudo aquilo que ouviu do Alberto era brincadeira de criança e eu era apenas um moleque com muita imaginação. Após as devidas apresentações fomos trabalhar, Santiago se levantou e me disse para segui-lo. Santiago caminhava rápido e sempre olhando para frente, não se preocupando se poderia pisar em algo no caminho, isso já mostrava que ele não era um sujeito muito cauteloso. Quando saímos do orfanato avistei o carro dele, era um Impala 67 preto. No banco traseiro estavam um menino e uma menina mais ou menos da mesma idade cerca de 8 anos. As crianças estavam sorridentes segurando duas pequenas mochilas contendo alguns poucos pertences que dentro de pouco tempo não seriam mais uteis. Entramos no carro, sentei no banco do carona e coloquei o cinto de segurança, já Santiago não se importou em pôr o cinto, isso era mais um indício de sua falta de cautela.

Outro indício da falta de cautela de Santiago era a sua forma insana de dirigir. Ele acelerava até quase 100 km/h em um espaço muito pequeno e logo diminuía bruscamente para entrar em uma esquina. As crianças que não percebiam o risco achavam aquilo divertido, pobres tolos mal sabem eles que em uma batida a 50 km/h seriam lançados violentamente para frente destruindo seus pequenos e frágeis corpos. Durante o percurso Santiago se manteve calado e eu também fiquei na minha, não puxei papo, preferi continuar analisando seu comportamento. 40 minutos depois de sairmos do orfanato estávamos em uma rodovia fora da cidade, numa área quase deserta exceto por algumas fábricas. Quando estávamos passando por uma grande

plantação de eucaliptos Santiago diminuiu a velocidade e entrou à esquerda, seguimos por uma estrada de terra por cerca de meia hora então finalmente chegamos ao que me pareceu à primeira vista uma fábrica. Na fachada estava escrito em imensas letras, “BIG OX”.

Santiago estacionou em uma das várias vagas disponíveis no estacionamento.

— Então crianças, animadas para conhecerem seus novos pais?

— Siiiiimmm!!!!!!!

— Então vamos, mas primeiro um doutor muito gentil vais fazer alguns exames em vocês para ver se está tudo bem. Eu prometo que não vai doer nada.

As crianças estavam tão felizes que nem prestaram muita atenção na parte do doutor. Saímos do carro, o Santiago na frente eu atrás dele e as crianças logo atrás de mim, Impressionadas com o tamanho do lugar. O Santiago seguiu pelos fundos e nós também, só quando entramos no local que eu pude perceber do que se tratava. Avistei dezenas de homens e mulheres vestidos de branco, mas não era um hospital e sim um frigorífico. Em um ritmo acelerado os funcionários embalavam pedaços de carne, outros dividiam a carcaça do animal em várias partes menores e outros se ocupavam de outras funções. Como a vidraça por onde eu observei o funcionamento ficava muito alta as crianças não conseguiram ver e seguiram seu caminho na ilusão de ter uma família.

Pegamos um elevador e descemos no último andar, à nossa frente havia apenas uma porta com um aviso de acesso restrito. Santiago retirou um cartão da carteira e passou no leitor da porta que se destrancou instantaneamente. Chegamos a uma sala de espera como essas que vemos em consultórios médicos, Santiago pediu para que as crianças se sentassem em um sofá e aguardassem. Enquanto isso ele me chamou e seguimos juntos para outra sala, lá Santiago ligou para alguém.

— Os bois já estão prontos! Pode dar início ao procedimento!

Em seguida guardou o celular e soltou o corpo no sofá.

— Caim abra essa cortina, por favor.

Quando abri a cortina fiquei surpreso, não era uma janela e sim um tipo de vidraça semelhante às aquelas que existem nos berçários para que as pessoas possam ver os recém-nascidos, porém aquela vidraça só permitia ver de dentro para fora.

— Senta aí e relaxa, não vai demorar muito para começar, a propósito você vai querer acompanhar o procedimento?

— Com certeza!

— Muito bem, mas eles não permitem que fiquemos na sala de cirurgia então teremos que assistir através de um vidro.

— Sem problema.

Alguns minutos depois alguns homens de branco chegaram trazendo duas macas, eles pediram para as crianças deitarem nelas, mas elas não obedeceram então foram colocadas a força. Aos gritos foram levadas para outra sala, Santiago me disse para abrir a outra cortina então pude continuar observando o procedimento. Nesta sala as crianças tiveram suas roupas retiradas e seus corpos foram muito bem lavados e desinfetados. Era tudo feito com uma agilidade e rapidez incríveis. Em seguida foram levadas para outra sala, Santiago se levantou e me disse para acompanhá-lo. Fomos para outra sala, chegando lá Santiago abriu outra cortina, então pude ver através do vidro as duas crianças já anestesiadas e deitadas e na mesa de cirurgia. Um dos homens de branco iniciou a abertura do abdômen do garoto enquanto outro sugava o sangue que saía com um aparelho parecido com os usados pelos dentistas para sugar o excesso de saliva só que este era de maior porte. Usando um instrumento semelhante a um alicate o cirurgião abriu a caixa torácica do garoto, com muito cuidado e agilidade eles retiram os órgãos dos quais eu pude distinguir: Coração, Pulmões, Fígado e Rins, o mesmo procedimento foi feito com a garota.

Após o fim do procedimento o pessoal de branco levou os corpos para outra sala, Santiago fez um gesto para que eu o seguisse. Entramos em

outra sala bem menos limpa do que a outra, os corpos tinham sido deixados sobre uma mesa cada um de um lado, Santiago vestiu um avental, luvas e pôs uns óculos de serralheiro, mas invés de começar o trabalho cruzou os braços e ficou olhando para mim.

— Antes quero ver se você não é um fresco que banca o açougueiro.

— Como quiser, senhor Santiago.

Eu teria feito aquilo sem nenhum daqueles equipamentos de proteção justamente para sentir o sangue espirar em mim, pois eu adoro sentir aquele líquido maravilhoso em contato com a minha pele, mas como eu sabia que precisaríamos sair em público após o trabalho tive que usar. Liguei a serra elétrica e iniciei o retalhamento do corpo pelas pernas, a serra era tão potente que cortava os ossos como se fossem manteiga, eu nem precisava fazer força. Em poucos instantes o corpo do garoto estava todo em pedaços, Santiago percebendo que eu tinha feito aquilo com a mesma naturalidade de alguém que retalha um frango tentou disfarçar sua surpresa e começou a cortar o corpo da menina. Em um certo momento ele quase deixou a serra cair, e nesse instante eu percebi que ele era um cara impulsivo, não tinha a frieza necessária para aquele tipo de trabalho.

Depois de cortarmos os corpos em pequenos pedaços colocamos tudo em um carrinho de lixo e fizemos uma limpeza na área, em seguida pegamos outro elevador. Esse era exclusivo, Santiago apertou o zero e descemos, quando a porta se abriu avistei uma grande máquina de cor verde escuro.

— Este é um triturador de lixo industrial, ele está ligado à rede de esgoto e tudo que for jogado nele irá se juntar ao esgoto da cidade.

Eu empurrei o carrinho pela rampa e de lá de cima despejei o lixo dentro da máquina, Santiago apertou um botão e o triturador começou a moer os restos de corpos. Em 3 minutos não havia mais nada! O serviço estava feito.

Um mês se passou... Santiago e eu fizemos o serviço novamente e mais algumas tarefas pouco relevantes, ele agora já não estava mais tão cabreiro comigo. Já trocava algumas ideias, ele até me convidou para ir a uma boate, apesar de não gostar desse tipo de ambiente eu fui apenas para conhecer mais da personalidade dele. Outro indício de que ele era um descuidado e sem noção, foi o modo como ele andava no meio das pessoas na boate. Ele caminhava trombando nas pessoas de propósito sem se preocupar com quem elas eram. Ele achava que era o poderoso chefão, que era intocável, isso mostra claramente que ele é um completo imbecil, pois nunca devemos subestimar quem conhecemos e muito menos quem não conhecemos.

A arte de bajular alguém é feita por muitos, mas a maioria não sabe como fazê-la corretamente, primeiramente a bajulação jamais pode ser notada pelo bajulado. Ela deve ser feita de uma forma progressiva começando com pequenos elogios simples, jamais se deve bajular de forma espalhafatosa e exagerada. A bajulação tem que ser sutil e discreta, e sempre opte pela capacidade intelectual do indivíduo ao invés da aparência física, pois elogiar a aparência é muito apelativo! E foi dessa maneira que conquistei a confiança de Santiago, comecei com pequeninos elogios que de tão pequenos nem pareciam elogios, depois fui aumentando de forma lenta e cuidadosa sem nunca parecer um puxa-saco. Sem nunca falar de maneira eufórica e ficar gesticulando exageradamente durante o elogio, como o Santiago é um arrogante e prepotente ele não enxerga as próprias falhas, então sempre acredita nos elogios mesmo que eles não correspondam à realidade. Desse modo ficou muito fácil compreender o funcionamento de seu cérebro primitivo que nunca percebeu qual era o meu real objetivo.

Pedi para que Alberto Rizzo providenciasse uma pistola de dardos tranquilizantes e ele o fez imediatamente. Recebi a pistola, era exatamente como eu queria pequena e leve, fácil de guardar e de manejar. Com base no peso corporal de Santiago fiz um cálculo para colocar a quantidade certa de tranquilizante no dardo, coloquei um pouquinho a mais para que o efeito fosse imediato. Esse era um produto muito bom, pois o seu efeito era rápido e durava pouco tempo

então eu não precisaria esperar muito tempo para que Santiago recuperasse a consciência. Fui ao centro da cidade e comprei um pote de soda caustica de 500 g, um litro de álcool, um par de luvas de látex extralongas, um funil de tamanho médio e uma agulha grande dessas de costurar sacos, e por último um metro de linha de pesca. O dono da loja disse que só venderia o carretel de mil metros, eu disse a ele que não precisava disso tudo, depois de um tempo ele acabou me cedendo um pedaço de linha que estava sobrando gratuitamente.

No domingo bem cedo saímos novamente em direção ao frigorífico com mais duas crianças, dessa vez 2 meninos de 7 e 10 anos. Quando chegamos lá o processo foi o mesmo, as crianças passaram pelo processo cirúrgico e tiveram seus órgãos mais importantes removidos.

Depois eu e Santiago fizemos o fatiamento dos corpos usando uma serra elétrica e logo em seguida fomos para triturador de lixo que era ligado à rede de esgoto da cidade. Já estava tudo arquitetado perfeitamente, eu já havia comentado com Santiago antes, que após esse trabalho eu iria retornar para minha cidade, então ele não desconfiou do fato de eu estar levando uma mochila. O local por onde entramos no frigorífico não era monitorado por câmeras então oficialmente Santiago nunca havia entrado ali, o estacionamento também não possuía câmeras de segurança o que facilitaria o trabalho ainda mais, pois uma pessoa contratada por Alberto Rizzo possuía uma cópia da chave do carro de Santiago feita secretamente por Alberto anos atrás por precaução. Então no horário marcado essa pessoa levaria o carro de Santiago do estacionamento para um desmanche localizado na periferia de Salvador. Eu empurrava o carinho de lixo com os restos mortais das crianças, Santiago se adiantou em ligar o triturador, quando ele virou de costas para pressionar o botão eu saquei rapidamente a pistola de tranquilizante e disparei quase no meio das costas, mas de modo que o dardo penetrasse ao lado da coluna vertebral, pois se atingisse exatamente no meio acertaria o osso e não penetraria o suficiente. Santiago ainda gritou uma frase... “FILHO DA...”, mas antes que ele conseguisse terminar tombou no chão como um veado abatido nas caatingas baianas.

Eu precisava ser rápido, pois o efeito não duraria muito tempo! Abri minha mochila e joguei toda a tralha no chão, coloquei as luvas de látex, abri o pote de soda caustica e o frasco de álcool, misturei os dois produtos em um pequeno lixeiro que encontrei na sala onde fatiamos os corpos. Houve uma reação quando misturei os produtos, mas não foi muito intensa, mexi a mistura com a mão do moleque que eu tinha acabado de retalhar e fui em direção a Santiago. Percebi que ele estava quase recuperando a consciência então o coloquei sentado de forma que seu corpo ficasse escorado no triturador de lixo, levantei sua cabeça, abri sua boca e coloquei o funil. Com cuidado despejei a mistura de soda cáustica e álcool goela abaixo. Quando a mistura estava na metade percebi que Santiago estava começando a esboçar algumas reações, então parei imediatamente de despejar a mistura e peguei a agulha que já estava previamente preparada. Segurei os lábios de Santiago de forma que eles ficassem bem juntos, costurei dando um nó bem apertado no final, após terminar me afastei até uma distância segura e me preparei para o show. Santiago arregalou os olhos, tentou se levantar, mas caiu novamente, ficou de joelhos com as mãos na barriga. Ele tentava abrir a boca, mas não conseguia, tentou vomitar, mas o vomito não saía por causa da boca costurada. Santiago se debatia no chão, um pouco da mistura saiu por seu nariz. Ele estava tendo seu esôfago e estomago derretidos pela soda caustica, Santiago gemia, mas o som não saía muito baixo... De repente ele puxa os lábios em direções opostas, numa tentativa desesperada ele consegue abrir a boca rasgando parte de seus lábios e vomitando uma bela mistura de produtos químicos, sangue e pedaços de estomago e esôfago. E assim ele permaneceu por mais de 2 horas vomitando sangue e pedaços internos do seu corpo, agonizando e morrendo lentamente do jeito que o senhor Rizzo queria. Quando vi que Santiago estava quase morrendo resolvi ser bonzinho com ele, segurei em seus pés e o arrastei para a reciclagem. Posicionei seu corpo corretamente e com o pé direito o empurrei para dentro do triturador, fiquei observando as garras metálicas esfaļharem o corpo. Era uma cena linda... quando o corpo foi totalmente moído eu despejei o restante do lixo e fiz uma limpeza rápida no local. Fui para o estacionamento onde um taxi já estava me aguardava.

# O namorado da minha Irmã

**02/02/2011 Guanambi BA**

Sou um rapaz privilegiado, pois tenho uma bela irmã dependente química que posso controlar graças ao seu vício, dessa forma sempre que as condições são favoráveis eu posso usufruir do corpo dela como eu bem entender. Ela é uma ótima irmã! Sempre sendo útil para mim, sempre que nossos pais saiam para trabalhar eu ficava à vontade, mas um dia um intruso surgiu em nossas vidas. Minha querida e gostosa irmã arranhou um namorado, quando fiquei sabendo disso fiquei muito desapontado com Paulina. Como ela pôde me trair dessa forma tão repulsiva? Entregar seu corpo para um estranho, quando imaginava outro homem tocando naquele belo corpo, penetrando aquela vagina eu me sentia péssimo. Eu tinha que tomar uma atitude, mas não antes de conhecer o inimigo.

Como era de se esperar fiz meu papel de cunhado simpático, me aproximei do rapaz aos poucos. Com calma, pois sei que muitos namorados tem um certo receio com cunhados no início do relacionamento. Seu nome era Breno de Souza Martins, 17 anos, 1,70 de altura, branco de cabelo castanho e um pouco acima do peso. Trabalhava na loja de produtos agropecuários de seu pai e nos fins de semana quando não estava comendo a minha irmã em algum motel vagabundo ele gostava de fazer trilha com sua CRF-230.

Certa vez ele me convidou para ir a uma micareta em Caetitê, apesar de detestar esse tipo de evento cheio de imbecis correndo atrás de um caminhão equipado com um potente sistema de som. Outros tolos que pagam altas quantias para ficarem em uma área delimitada por uma corda que é controlada por pessoas denominadas “Cordeiros”, nesta

área o som é tão potente que chega quase a chacoalhar seu cérebro dentro de seu crânio. Sendo quase impossível conversar com alguém por causa do barulho, barulho esse que eles chamam de “música” em seguida essas criaturas de intelecto avançado trocam saliva com dezenas de outras pessoas para depois contar para seus amigos a quantidade de fluidos que trocaram, não é impressionante a inteligência desta espécie incrível?

Após o final do evento o idiota do Breno estava bêbado e queria ir embora de moto, eu tive trabalho para convencê-lo a esperar o efeito do álcool passar para então prosseguimos viagem de volta a Guanambi.

Depois de me recusar a voltar naquelas circunstâncias o estúpido namorado da moinha irmã foi obrigado a esperar até que estivesse mais sóbrio, por um lado seria bom deixá-lo ir quem sabe entrasse na frente de um caminhão ou não conseguisse fazer uma curva e despencasse ribanceira abaixo. Sim, seria ótimo, mas infelizmente eu estava com ele e se caso algo acontecesse com aquele merda as suspeitas poderiam recair sobre mim.

Numa tarde de domingo eu estava sentado na varanda de casa tomando um vinho e contemplando o pôr do sol quando ouvi o som de uma moto se aproximando, minha irmã saiu correndo descalça para atender o portão. Quando ela abriu lá estava ele, o merdinha do Breno montado em sua CRF-230, ele tirou o capacete e beijou minha irmã, fiquei tão enojado vendo aquela cena que o gosto do vinho se tornou amargo. Levantei, fui até a pia e despejei o resto do vinho, segui para o meu quarto, coloquei o cd da minha Maldita banda favorita e me joguei na cama tentando bolar uma estratégia eficiente para exterminar de vez aquela praga.

Como sempre antes de eliminar uma praga é necessário checar o caminho que ela percorre e depois comprar o inseticida adequado. Discretamente segui Breno para saber como era a rotina dele. Era bem simples, como ele já havia terminado o colégio e não estava cursando nenhuma faculdade, apenas trabalhava na loja do pai na parte da tarde, pela manhã ele acordava entre nove e dez horas e ia direto para a academia de musculação. Após o fim do treino por volta de 11 da

manhã ele retornava para casa tomava banho, almoçava e depois ia direto para a loja. A loja era fechada as 06:00 da tarde e em seguida Breno voltava para casa tomava banho e vinha para minha casa ver minha irmã. Nos fins de semana ele ia fazer trilha na Serra Vermelha próximo da cidade.

Com a rotina do inimigo já conhecida comecei a pensar em uma maneira eficiente de eliminá-lo sem deixar evidências que pudessem me comprometer. Pesquisando mais a fundo descobri que o pai dele possuía um sitio próximo de Guanambi e que Breno ia lá às vezes, isso me deu esperança, pois um sitio é um local com muitas coisas perigosas onde um pobre rapaz pode sofrer um acidente fatal. Em uma das visitas que fiz a loja onde Breno trabalhava acabei ouvindo uma conversa muito interessante entre ele e o pai.

— Breno eu preciso que você vá até o sitio no domingo e traga aqueles 20 sacos de milho que estão no depósito.

— Logo no domingo pai? Não pode ser na segunda?

— Não Breno, não pode! Tem que ser no domingo, pois na segunda um cliente vem buscar o milho bem cedo!

— Tá bom pai eu vou! Já que não tem jeito mesmo.

— Não se esqueça! Vê se não vai dormir o dia todo e esquecer do trabalho!

— Pode deixar pai eu não vou esquecer!

Após essa conversa percebi a grande oportunidade que me aguardava, quando o pai de Breno saiu me ofereci para ajudá-lo com o carregamento do milho. Ele aceitou na hora, mas pedi a ele que não contasse a ninguém, pois talvez o seu pai não gostasse da ideia, ele então pensou um pouco e concordou dizendo que era melhor mesmo porque seu pai era muito chato em relação a quem entrava em seu sitio. No dia combinado aguardei Breno na saída da cidade a margem da BA-030 que dava acesso a cidade de Caetité, esperei por cerca de 15 minutos e logo a F-1000 preta com o logo da loja Agorroça na lateral

parou no acostamento onde eu aguardava. Entrei e me acomodei no banco do carona, Breno estava com uma cara de sono e no caminho ele ficou resmungando que detestava acordar cedo. Eu me fiz de interessado e concordei com ele enquanto pensava em como iria concretizar meu plano. Com a estrada vazia e o carro em bom estado logo estávamos entrando à esquerda em uma estrada de terra que dava acesso ao sítio da família de Breno e diversas outras propriedades de simples lavradores até grandes empresários da região. Breno tinha presa, passava nos buracos da estrada sem diminuir, creio que seu pai não aprovaria aquilo. Após um bom pedaço de estrada esburacada paramos de frente de uma porteira de madeira trancada com corrente e cadeado. Breno me deu uma chave e pediu para que eu abrisse a porteira, peguei a chave destranquei o cadeado e abri a porteira de duas partes. Breno passou, fechei a porteira e entrei no carro novamente, seguimos por uns 300 metros até a casa, chegando lá Breno estacionou a F-1000 em frete do galpão onde era estocado o milho. Enquanto Breno procurava a chave para abrir o galpão eu caminhei pela propriedade para averiguar se tinha vizinhos por perto ou algum trabalhador rural nas redondezas. Por sorte não havia ninguém por perto, as fazendas vizinhas estavam muito distantes para que alguém pudesse ver algo indevido. A estrada estava em um plano mais elevado e a mais de 300 metros de distância, e entre nós uma grande área de mato impedia que quem passasse na estrada pudesse ver o sítio, como poderia ser mais perfeito do que isso?

Eu estava distraído olhando um velho trator parado embaixo de um umbuzeiro quando Breno me chamou.

— Vamos Caim! Está tudo no ponto é só começar a carregar o carro!

— Claro, vamos trabalhar!

Fiz um pouco de corpo mole, fingi que os sacos estavam muito pesados (mas estavam mesmo) tentando ganhar tempo para pensar em alguma coisa. Quando terminamos de carregar os sacos, olhei para as minhas mãos e percebi que estavam muito sujas, então perguntei para Breno onde havia uma torneira para que eu pudesse lavá-las.

— Aqui não tem água encanada, mas tem um poço, vamos lá que eu puxo um balde d'água pra nós lavar as mãos!

— Beleza! Vamos lá!

Breno retirou algumas tabuas que cobriam o velho poço, observei que haviam dois baldes, um pequeno de 12 litros e outro maior de 24 litros.

— BRENO! DUVIDO QUE VOCÊ CONSIGA PUXAR ESSE BALDE GRANDE CHEIO DE ÁGUA SEM DERRAMAR!

— OXE, POIS VOU PUXAR ELE CHEINHO! AQUI É PROFISSOIONAL RAPAZ, SE LIGA!

Enquanto Breno amarrava a corda na alça do balde eu olhava ao redor. Breno passou a corda pela roldana e deixou o balde descer, ouviu-se o barulho do impacto do balde na água. Breno chacoalhou um pouco a corda para que o balde virasse de lado e se enchesse de água, enquanto

Breno estava ocupado puxando o balde aproveitei a oportunidade! Utilizando um cabo machado o atingi com um golpe certo na parte de trás da cabeça. Breno soltou a corda e cambaleou, imediatamente o empurrei para dentro do poço, tirei minha camisa enrolei na mão direita e recolquei as tabuas na boca do poço, recolhi o cabo de machado e fui até a porta dos fundos da casa. Percebi que era uma porta de duas partes sem fechadura, provavelmente fechada com tranca pelo lado de dentro. Rodeei a casa até a porta da frente, esta era mais nova, a madeira ainda tinha cheiro de madeira recém serrada. Com a mão coberta pela camisa tateei a parte superior dos caibros e encontrei uma chave, quando estava prestes a enfiá-la na fechadura desisti “que merda que estou fazendo? Se eu abrir a porta dessa maneira vão suspeitar de alguém conhecido.” Pus a chave de volta no lugar e voltei para os fundos da casa.

A porta dos fundos por outro lado era antiga e já apresentava desgastes, ergui o pé direito e golpeie a porta com a sola do pé, pouca coisa se alterou então repeti o processo por mais 6 vezes. O espaço entre as duas partes da porta aumentou e já era possível ver a tranca, peguei o

cabo do machado e introduzi a ponta mais fina no espaço entre as partes da porta, forcei o cabo e este entrou um pouco, em seguida forcei o cabo para cima de modo que a tranca foi retirada do lugar caindo no chão. Entrei na casa e com a mão coberta pela camisa comecei a revirar tudo, abri todas as gavetas, joguei objetos no chão arranquei os colchões das camas, retirei as roupas dos guarda-roupas e joguei pelo chão, fiz a maior bagunça possível, depois fui até a F-1000 e olhei dentro da cabine.

— MAS QUE MERDA! CADÊ A PORRA DA CHAVE?

— .....DROGA ! AQUELE FILHO DA PUTA DEVE TER FICADO COM ELA NO BOLSO!

O Breno estava no fundo do poço com a chave do carro! Aquilo atrapalhou meus planos, pois eu precisava me livrar do carro. Eu não podia arriscar deixá-lo lá, havia grandes chances de digitais minhas serem encontradas no carro e nos sacos de milho já que eu não tinha usado luvas. Não havia outra opção eu teria que queimar o carro juntamente com a carga de milho ali mesmo, não havia tempo a perder! Comecei a vasculhar o galpão, em meio a toda aquela tralha tinha que ter alguma coisa inflamável. Se a F-1000 tivesse um motor movido a gasolina seria fácil, mas infelizmente aquele era um motor movido a óleo diesel que não se inflama com facilidade, então continuei procurando, não era possível que não houvesse nada que eu pudesse usar no meio de tanta coisa. Retirei uma lona empoeirada que cobria uma prateleira e meus olhos se depararam com uma linda lata quadrada de cor vermelha branca e azul com a figura de um jacaré no meio, era uma lata de 20 litros de querosene e estava cheia. Com cuidado derramei o querosene sobre os sacos de milho, em cima dos bancos do carro, abri o capô derramei sobre o motor, bateria e toda a afiação, também despejei nos pneus.

Joguei a lata na carroceria e corri até a casa, fui até a cozinha. Olhei no fogão a lenha, não achei! Olhei em cima do armário e lá estava ele! Um isqueiro Bic branco. Sem perder tempo peguei alguns panos de prato e disparei para fora da casa, ao passar pela porta dos fundos peguei o

cabo de machado e enrolei os panos na ponta do cabo de machado e fiz uma tocha. Umedeci a tocha com o querosene que ainda restava na lata e me afastei do carro, acendi a tocha e joguei na carroceria da F-1000. O fogo tomou conta do carro em poucos segundos, enfiei a mão no bolso da calça jeans e senti a chave do cadeado da porteira, deixei a F-1000 queimando para trás e disparei em direção à porteira. Eu precisava sair dali antes que o fogo aumentasse e chamasse a atenção! Ao passar pela porteira peguei o cadeado e a corrente, atravessei a estrada, passei pela cerca de arame farpado e peguei um atalho pelo mato. Esse atalho me levaria de volta à rodovia e de lá eu seguiria para casa. Enquanto caminhava pelo matagal fiz zingue-zague e depois alguns círculos para confundir alguém que tentasse seguir meu rastro. Passei na beira de uma pequena lagoa e joguei a chave e o cadeado lá dentro, continuei meu caminho zigzagueando pelo mato até a rodovia. Quando cheguei em casa tomei um banho e me sentei na varanda tomando um vinho e relaxando satisfeito por mais um trabalho bem feito.

## As aventuras de Caim na Fazenda

**13°51'45.3"S 42°48'51.4"W 13/06/1998**

Para um garoto que gosta de se divertir uma fazenda é um paraíso e no meu caso esse paraíso era a fazenda dos meus avós. Com uma grande diversidade de brinquedos e o melhor de tudo era que esses brinquedos não eram inanimados. Isso tornava a brincadeira muito mais divertida, a fazenda ficava em um local bem isolado e o terreno era vasto e cheio de vegetação o que proporcionava para o menino travesso um bom esconderijo para levar seus brinquedos. Cheguei à fazenda cheio de alegria e louco para brincar, mas minha alegria se transformou em ódio quando percebi que o insuportável do meu primo estava lá, Lisandro era um moleque mimado pelos pais que conseguia tudo que

queria fazendo birra, ele gostava de mim e eu usava isso ao meu favor, mas em algumas ocasiões ele era um estorvo.

Algumas pessoas chegavam a pensar que Lisandro sofria de algum retardo mental pela sua forma peculiar de se comportar. Garanto que qualquer um estranharia se visse um garoto de 8 anos com uma chupeta na boca, às vezes a mãe era obrigada a dar banho e vestir o moleque que com 8 anos já era bem crescido para fazer isso sozinho.

Com certeza Lisandro sofria de algum distúrbio de aprendizado ou coisa parecida. Às vezes eu o observava fitando o horizonte com a boca aberta expondo os dentes amarelados que somados com suas orelhas abertas, corpo franzino e pele avermelhada de sol o faziam parecer eremita débil mental.

Lisandro era a cobaia predileta dos outros garotos e a minha também, certa vez eu e o vizinho Maurício desafiámos Lisandro a comer cocô de galinha. Ele relutou um pouco, mas depois zombarmos dele “ah eu sabia que ele não tinha coragem!” “Isso é um frouxo!” Ele provou que estávamos errados e comeu o delicioso excremento galináceo. Em certas ocasiões Lisandro eu e Mauricio saíamos pelo mato para explorar, quando encontrávamos um buraco de tatu ou uma outra toca de bicho qualquer desafiávamos Lisandro a enfiar a mão lá dentro e é claro que ele para provar que era corajoso metia a mão no buraco. Na maioria das vezes nada acontecia, mas um dia uma cobra coral se enrolou em sua mão, quando ele se deu conta do perigo começou a correr sacudindo a mão e gritando desesperadamente e é claro que Maurício e eu não poderíamos deixar de dar boas gargalhadas daquela cena. Lisandro teve muita sorte de não ter sido picado pela cobra coral, mas ele não teve tanta sorte quando estávamos roubando melancias da plantação do senhor Antônio Venceslau. Ao erguer uma melancia Lisandro foi surpreendido por um escorpião que lhe picou o dedo, mas felizmente ou infelizmente Lisandro sobreviveu para continuar aprontando e servindo de cobaia para as minhas experiências. É assim que funciona! Cada um luta com as armas que têm, os cientistas tem ratos e eu tenho Lisandro meu mascote fiel e bem adestrado.

— Caim vem vê! A gata pariu lá no <sup>9</sup> paiol!

— Vamos lá!

— Anda logo rapaz deixa de lerdexa!

— Pra que essa presa? Os gatos não vão a lugar nenhum, eles acabaram de nascer.

Ao lado de um velho umbuzeiro que deveria ter uns 200 anos e já estava parcialmente morto havia um paiol onde antigamente meus avós estocavam mantimentos, mas hoje em dia estava caindo aos pedaços e servia apenas como ninho para as galinhas. Entre toda aquela tranqueira espalhada havia um ninho onde a gata tinha parido 4 filhotes, os bichos haviam nascido a pouco tempo e ainda não podiam abrir os olhos e nem andar direito. A mãe dava de mamar e lambia suas crias enquanto isso Lisandro olhava para aqueles animaizinhos nojentos de boca aberta parecendo um retardado, “moleque idiota.”

— MENINOS VENHAM ME AJUDAR A BUSCAR ÁGUA NA CISTERNA!

O grito da nossa vó fez o debiloide do Lisandro acordar de seu transe, então me veio uma ideia muito interessante à mente naquele instante.

— Vai você na frente com a vó que eu vou ao banheiro primeiro e depois eu acompanho vocês!

— Tá bom, mas cê vai bater punheta agora véi?

— Vai logo porra! E para de falar merda!

O Lisandro saiu dando risada e foi junto com a minha avó buscar água na cisterna, era o tempo que eu precisava, chutei a gata do ninho e peguei um filhote de cor amarelada. Fui até a cozinha, olhei ao redor e tive uma ideia.

— VOCÊ VAI DANÇAR GATINHO!

Pus o gato em cima da chapa quente do fogão e o espetáculo de canto e dança começou! O gato miava e sapateava em cima da chapa quente

enquanto um chiado da pele das patas fritando tomava conta do ambiente. Era tão lindo que não pude me conter comecei a bater palmas e dançar.

— VAMOS LÁ GATINHO ME MOSTRE DO QUE É CAPAZ!

— VAMOS MEXA ESSE QUADRIL! OLHA QUE BELEZA, OLHA COMO ESSE GATO DANÇA!

A carne das patas e da barriga do gato estava começando e ficar grudada na chapa do fogão então peguei um dos espetos de ferro usados para assar milho que estava em cima do fogão a lenha e espetei na barriga do gato. Levei ele até um córrego que passava perto da casa e joguei o bichano no fundo do córrego, depois retornei para a cozinha e com o auxílio de uma faca arranquei o resto de pele que ainda estava grudada na chapa do fogão a lenha, joguei a pele para as galinhas comerem.

Minha vó me pediu que levasse a lavagem para os porcos, mas como eram muitos e o trabalho estava ficando muito cansativo, eu precisava arranjar uma maneira de diminuir a quantidade de bocas para alimentar, mas sem deixar que as suspeitas caíssem sobre mim. Já farto daquilo fui até o <sup>10</sup> monturo procurar algo útil, enquanto caminhava pisei em algo que se quebrou com um som de estouro, olhei para baixo e percebi que tinha pisado em uma lâmpada, me agachei para ver melhor a lâmpada. Era feita de um vidro bem fino e que se fragmentava facilmente. Após um minuto de reflexão a ideia surgiu em minha cabeça. Levantei e passei a vasculhar o monturo atrás de mais lâmpadas, após 10 minutos de busca consegui reunir um total de 10 lâmpadas, era mais que suficiente para o meu projeto.

Quebrei todas as lâmpadas uma por uma dentro de uma <sup>11</sup> gamela de madeira, no final restou apenas um punhado de pequenos fragmentos de vidro que eu misturei com a lavagem dos porcos. Depois fui até o chiqueiro despejei a lavagem nos cochos, no mesmo instante os porcos começaram a comer. Os maiores agrediam os menores para poderem comer mais, mas mal sabiam eles que aquela seria sua última refeição.

Observei por algum tempo depois fui para casa. No dia seguinte na parte da tarde voltei ao chiqueiro para observar o andamento do projeto de diminuição de pessoal, quando cheguei ao chiqueiro vi os porcos maiores que tinha comido mais lavagem deitados grunhido enquanto defecavam. Suas fezes saiam com uma coloração avermelhada devido à hemorragia interna provocada pelos pedaços de vidro. Meus avós com certeza pensariam que era alguma doença, eu duvido muito que eles remexeriam nas fezes para investigar a causa da morte.

## **Coivaras da alegria**

O fogo é um elemento fantástico! Depois que o ser humano descobriu como controlá-lo o mundo mudou. Ele possui diversas utilidades, porém a minha preferida é sua capacidade transformar materiais, o fogo tem uma sede de consumir tudo que for queimável ao seu redor, ele começa como uma minúscula faísca e se transforma em uma gigantesca lavareda dentro de pouquíssimo tempo. Meu avô estava capinando a roça a uma semana e já estava se queixando de dor nas costas, então me ofereci para ajudar. Fiquei em casa no sábado justamente no dia de feira, pois eu sabia que meus avós iriam ficar fora o dia todo e eu poderia ficar à vontade para fazer algumas experiências.

Era mês de agosto e nessa época do ano no sudoeste baiano e praticamente todo o Nordeste ficam com quase toda a sua vegetação seca. Caminhando pela roça vi várias coivaras já queimadas e outras prontas para serem queimadas. Caminhei até o final da roça onde ainda havia um pedaço sem capinar, como a maior parte do mato estava seco o fogo se alastraria facilmente, comecei a capinar.

Depois de mais ou menos uma hora e meia eu tinha montado uma grande coivara com quase um metro de altura por seis de diâmetro, estava na hora de começar os experimentos. Fui até o paiol peguei uma espiga de milho e debulhei no meio do terreiro, logo as galinhas vieram desesperadas comer o milho. Enquanto elas disputavam para ver quem comia mais eu agarrei uma pela perna, ela tentou escapar se debatendo,

mas eu segurei firmemente suas pernas e asas, prendi a galinha embaixo de uma bacia de alumínio e pus uma pedra em cima. Depois fui até a garagem do meu avô que era cheia de tralhas velhas e ferramentas. Lá peguei uma marreta, um pedaço de arame e um facão. No caminho para a roça cortei um galho de aroeira e afinei a ponta transformando-o em uma estaca. Já na beira da coivara chequei a direção do vento e organizei o mato em uma meia lua, finquei a estaca no centro da meia lua e amarrei o arame de modo que ficasse curto o suficiente para não dar chance da cobaia fugir. Retornei a casa e peguei a galinha e também um isqueiro na cozinha. Quando cheguei na roça chequei novamente a direção do vento, enrolei o ponta do arame em uma das pernas da galinha, enrolei tão apertado que o arame penetrou na pele. Soltei a galinha, ela tentou fugir inutilmente, caminhei para o outro lado, agachei e risquei o isqueiro... O maravilhoso espetáculo começou! As chamas rapidamente começaram a devorar o mato, fui para lado oposto onde estava a galinha e fiquei a uma distância segura. O vento ajudou as chamas e logo toda a coivara estava queimando, a galinha cacarejava e batia as asas sem parar tentando escapar. O grande momento do show começou quando uma rajada de vento jogou as chamas na direção da galinha, aquilo foi lindo, era como estar vendo a lendária Fênix.

## **O fim de Feroz**

Feroz era um cachorro vira lata de cor preta que vivia na fazenda dos meus avós, ele era jovem com pouco mais de um ano de vida. Meus avós e meu primo pareciam gostar muito daquele animal, eles o acariciavam e brincavam com ele. Quando eu e Lisandro saíamos ele nos seguia, e aquilo começou a me irritar, pois onde quer que eu fosse o maldito cachorro vinha atrás! Até mesmo quando eu resolvia fazer minhas necessidades fisiológicas no mato o cão do inferno ficava me observando. Mas o pior era a noite quando eu me deitava em minha cama para dormir e o maldito cachorro começava a latir por causa de

uma merda de uma lagartixa ou uma porcaria de um besouro. Minha paciência se esgotou! Resolvi dar um fim naquele animal insuportável. Levantei bem cedo antes dos outros acordarem e saí, chamei Feroz com um assovio, ele veio correndo. Comecei a andar pela propriedade pensando em uma forma eficaz para eliminar o animal. Enquanto caminhava eu observava os morros ao redor, avistei no pé do morro da propriedade vizinha uma pedra enorme que deveria ter mais de vinte metros de altura. Segui por um caminho pelo mato e Feroz vinha logo atrás de mim balançando o rabo, passei pela cerca de arame farpado da propriedade do vizinho, Feroz passou rastejando por baixo do arame farpado. Ente nós e a pedra havia uma grande pastagem, o capim chegava a altura do joelho, como eu estava de bermuda a travessia foi bem incomoda, pois o capim provoca coceira na pele, mas o sacrifício valeria a pena. Feroz continuava me seguindo, às vezes ele avistava um calango e começava a persegui-lo, mas eu o repreendia e ele voltava e me seguir. Finalmente depois de vários aranhões e estrepadas em espinhos de Juazeiro cheguei ao pé do morro. Parei para observar a pedra, ela era meio quadrada e como estava em um terreno inclinado a terra que descia do morro se acumulava na parte de cima formando uma espécie de rampa que me permitia subir. Iniciei a lenta e cansativa subida, Feroz me seguia com a língua pra fora. Já lá em cima me sentei para descascar, Feroz se deitou ao meu lado meio ofegante com a língua se movendo rapidamente num movimento de vai e vem. A vista de lá de cima era deslumbrante apesar da pedra estar no pé do morro era possível avistar uma grande área montanhosa cortada por estradas que pareciam pequenos riscos em meio a vegetação. Quando me recuperei do cansaço levantei e fui até a beirada, Feroz também veio, olhei para baixo senti uma leve tontura, mas me recuperei rapidamente. Ergui Feroz até a altura do meu peito e o encarei... Seus olhos inocentes se fixaram nos meus, dei um passo para frente e lancei o cachorro, ele ainda deu um latido meio engasgado antes de atingir o solo. Desci o mais rápido que pude para ver o resultado, quando cheguei até onde o corpo do cão estava vi que o trabalho tinha ficado lindo. A queda arreventou o abdômen do cachorro expondo suas vísceras, a mandíbula se separou da cabeça ficando presa apenas pela pele, sentei-me em um troco e

fiquei observando minha obra enquanto o fluido vital escoria morro abaixo.

## Cobra come cobra

— O casal de dinamarqueses vai aguardar a mercadoria no sábado às 06:00 da tarde próximo ao Hotel Maresia número 615 Avenida Oceânica, temos 2 dias para buscar o pacote e fazer a entrega.

— Non ti preoccupare noi vamo buscar oggi a tarde já está tutto combinato!

— E como ficou a questão do valor? Ela aceitou a nossa oferta?

— All'inizio ela relutou um pouco ma dopo comcordou!

— Ótimo eu vou passar em casa e depois no banco e então vamos até lá para concluir a negociação.

— Certo io vou pedir o auto do diacono Carlos preso in prestito!

Eu e o padre César partimos de Guanambi em direção ao município vizinho de Igapoprá, existem duas rotas: através da BA-573 que é uma rota mais curta, mas uma parte da estrada está em péssimas condições. A outra é através da BA-030 e posteriormente BA-430 que tem uma pista em melhores condições de trafego, mas o percurso é mais longo. Por fim decidimos ir pelo caminho mais longo já que o curto parecia mais com o lado oculto da lua de tantas crateras que lá haviam. O potente motor do Opala SL, 1990 subia a serra dos brindes com facilidade enquanto o padre César dirigia, eu checava os documentos falsos que Aberto Rizzo tinha providenciado para nós e para a mercadoria. Fiquei impressionado com a semelhança com o original. Ao passarmos por Caetité paramos em uma loja de artigos infantis para comprarmos algumas coisas.

Menos de uma hora depois estávamos passando pela avenida principal de Igarorã, entramos à esquerda e seguimos para a estrada no final do bairro Alto da Varginha. Essa estrada de terra dava acesso a uma comunidade rural chamada Boa Vista, quando o calçamento de paralelepípedos acabou eu já me preparava para o tormento, mas para a minha surpresa a estrada havia sido patrolada a pouco tempo “eu odeio estradas esburacadas.” Desse modo a viagem foi tranquila. Era uma tarde quente como muitas outras do sertão baiano, mas aquela estava sufocante, pedi para César ligar o ar condicionado, mas infelizmente o carro não era equipado com esse aparelho. Só me restou a opção de abrir o quebra-vento, que já foi ótimo, pois o interior do veículo parecia um forno. Depois de muita poeira e sol quente paramos em frente da porteira da Maria de Jesus, como na zona rural o silêncio predomina o som do carro chamou a atenção dos moradores da casa, 5 crianças entre 3 e 7 anos saíram para ver quem estava chegando, abri a porteira e entrei. O padre veio logo atrás, seguimos através do terreiro até a frente da casa, as crianças estavam sentadas no passeio de concreto da frente, quando nos aproximamos notei os olhares inocentes, porém curiosos por causa de nossa chegada. Quando cheguei mais perto percebi a deplorável situação das crianças, os maiores usavam trapos e os menores estavam nus, falei para a menina mais velha chamar a mãe, ela obedeceu e imediatamente saiu correndo gritando <sup>12</sup> MAINHA.

Uma mulher trajando roupas extremamente velhas veio ao nosso encontro, nos pés sandálias de pneu, as pernas repletas de cicatrizes, a saia com estampa de flores estava tão desbotada que não dava para identificar os desenhos. A camiseta GG com a foto do prefeito estampada na frente, parecia um lençol no corpo franzino de Maria.

— Boa tarde vamo se achegá.

— Boa tarde senhora.

— Buono pomeriggio signora Maria!

— Padre César não se esqueça estamos no Brasil e não na Itália.

— sì si, naturalmente às vezes até me esqueço!

— A bença padre.

— Dio ti benedica filha mia!

— Má vamo entra gente e sentá eu vou fazer um cafezin pá nois.

Eu e o padre César sentamos em um banco de madeira na sala enquanto Maria fazia o café, as crianças nos espiavam curiosas, Maria chegou trazendo 2 copos. César pegou o dele e eu peguei o meu, logo dei os primeiros goles percebi que o copo era uma embalagem de estrato de tomate reaproveitada.

— Então Maria, pensou no que abbiamo parlato?

— .....Sim só um instante, Alessandra leva os minino pá brincá dibaxo do inbuzeiro!

Após se certificar que as crianças estavam longe Maria retornou.

— Sim padre... eu pensei muncho no qui o sinhô disse e.....eu vou aceitá.

— È la decisione più corretta filha mia, assim tu poderá dar ao seus outros bambini uma vita melhor.

— Eu sei padre, meus fi passa sofrimento dimais! Eles me pedi as coisa mais eu não tem condição de dá, hoje mermo os minino cumeu farinha com mel de manhã e mei dia nós cumeu cortado de palma, as coisa tá difis di mais.

— Todo esse sofrimento vai passar dona Maria! A senhora nunca mais vai precisar ver seus filhos chorarem por causa da fome ou por um brinquedo que a senhora não pode comprar.

Maria ficou em silêncio por um tempo, enquanto ela derramava algumas lagrimas eu conferia o dinheiro. Entreguei o valor combinado a ela, ela pegou os envelopes com as mãos trêmulas quase deixou um

cair, em seguida Maria nos levou a um pequeno quarto com três camas de solteiro, duas na vertical e uma na horizontal e num canto um pequeno berço de madeira quase não era notado por causa da grande quantidade de coisas amontoadas no pequeno quarto. Maria abriu caminho retirando alguns brinquedos que de tão velhos pareciam ter sido achados no lixo “talvez tenham sido mesmo.” Quando finalmente conseguimos passar por todos os obstáculos conseguimos ver a mercadoria de perto. O produto parecia estar em boas condições apesar da pobreza da família, a pele era clara os cabelos também, isso aumentaria o nosso lucro. Maria começou a falar sobre como ele era calmo e quase não chorava muito e depois falou mais algumas coisas que eu não consegui prestar atenção, olhei no relógio eram 03:00 da tarde precisávamos ir.

— Já está tarde precisamos ir, não se preocupe Maria seu filho vai para um ótimo lar e terá a melhor educação possível na Europa.

— Dio vai recompensar per questo atto de bondade filha mia!

Maria pegou o bebê cuidadosamente, ele dormia profundamente e não acordou. Chorando Maria deu um beijo na bochecha do filho e o entregou para mim, eu o segurei com o máximo de cuidado possível, mas mesmo assim ele acabou acordando e começou a chorar. Aos prantos Maria me entregou uma sacola com uma mamadeira e outras coisas. Quando eu e o padre César entramos no carro, pelo retrovisor eu pude ver o momento em que Maria caía de joelhos na beira da porteira com as mãos no rosto ela chorava, e era cercada por seus outros filhos que não entendiam porque seu irmãozinho mais novo estava sendo levado por 2 estranhos.

Fizemos o caminho de volta, paramos em um posto de gasolina para abastecer. Enquanto o funcionário enchia o tanque César desceu para checar os pneus, depois de terminado o funcionário disse a famosa frase “prontinho patão” César tirou a carteira do bolso da calça social preta, mas ao fazer isso deixou cair um papel retangular semelhante a um cheque, ele rapidamente pegou o papel do chão e o guardou. Entregou o dinheiro ao funcionário do posto e guardou a carteira

novamente, eu observei tudo pelo retrovisor sem que César percebesse. Ele retornou para o carro e estacionamos no acostamento da saída da cidade para que eu pudesse montar a cadeira do bebê no banco traseiro, pois eu já estava de saco cheio de ter que segurá-lo.

Após dar a mamadeira para bebê seguimos viagem deixando Igaporã e rumando para Salvador pela BR-242. O sol estava se pondo no horizonte e a temperatura caía aos poucos, enquanto seguíamos rumo ao leste eu checava os documentos falsos e mais uma vez fiquei impressionado com a perfeição com que foram feitos. Dificilmente algum policial que nos parasse em uma blitz perceberia que não eram originais, para descobrir que eram falsos só mesmo em uma minuciosa análise feita por um profissional da área. Guardei tudo em um envelope e pus no porta-luvas reclinei um pouco o banco, e tentei relaxar já que dormir naquelas circunstâncias era meio difícil. César dirigia com muita atenção, mal piscava, já a mercadoria repousava em silêncio na cadeira acoplada ao acento traseiro, tínhamos sossego por um tempo. Eu cochilava tranquilamente quando as rodas do carro passaram por um buraco no asfalto despertei meio desorientado... Olhei para trás, o bebê ainda dormia “a mãe falou a verdade quando disse que ele era tranquilo.” Olhei no meu relógio de pulso eram 10:30 da noite. No acostamento vi uma placa com os seguintes dizeres “RESTAURANTE SABOR DO SUL SELF-SERVICE”.

— Vamos parar nesse restaurante para comer alguma coisa estou morto de fome!

— Vamos si io também estou molto affamato!

Estacionamos numa vaga perto dos banheiros, seguimos para a entrada, ao passarmos pela porta um rapaz nos entregou uma comanda de plástico com um código de barras. Peguei um prato que mais parecia uma bandeja e comecei a preenche-lo com as mais diversas variedades de comidas. Haviam algumas que eu nem sabia o que eram, após terminarmos de montar nossos pratos eles foram pesados por uma moça que também pedia nossas comandas, digitou alguma coisa no

computador e passou um aparelho que emitia uma luz vermelha sobre o código de barras das comandas, após todo esse processo tecnológico nos sentamos para comer.

César terminou de comer primeiro, se levantou e disse que iria pagar e me aguardar do lado de fora. Ele foi primeiro ao banheiro e depois passou pelo caixa na saída, estava agindo um pouco estranho, ele não costumava ser apressado principalmente nas refeições, talvez fosse pelo prazo apertado que tínhamos para fazer a entrega do pacote. Terminei minha refeição e me dirigi à saída, paguei e votei para onde o carro estava estacionado. Vi de longe o padre César encostado na lateral do carro falando ao celular, quando ele percebeu minha aproximação falou alguma coisa e rapidamente desligou e guardou o aparelho no bolso.

— Vamos Caim, non abbiamo tempo da perdere!

— Com certeza não temos!

Agora bem alimentados continuamos seguido viagem rumo à capital, a viagem estava sendo tranquila até aquele momento não tinha acontecido nenhum imprevisto, tudo corria às mil maravilhas, até o bebê começar a chorar. Tentei ignorar, no entanto era quase impossível ignorar um som tão irritante como aquele.

— Continue dirigindo eu vou passar para o banco de trás para preparar mais uma mamadeira, não podemos parar, isso nos faria perder muito tempo!

— Tutto bene!

Tive muita dificuldade para passar para o banco traseiro com o carro em movimento minha perna acabou acidentalmente atingindo o câmbio de marchas o carro deu um tranco. Mas César conseguiu manter o controle, quando já estava no acento traseiro tirei a segunda mamadeira da sacola que a Maria havia nos dado e coloquei na boca da peste. “ENGULA ISSO E CALE A BOCA PORRA!” Felizmente ele começou a sugar o conteúdo da mamadeira e encerrou o berreiro, depois que terminei de alimentar o menino ele voltou a dormir, tínhamos sossego

por mais um tempo. Enquanto ele dormia fiquei a observá-lo... aquele merdinha era um garoto de sorte, ao invés de ter seus órgãos retirados e ser retalhado em pequenos pedaços ele iria ser comprado por um casal Europeu rico, teria uma vida boa num país de primeiro mundo enquanto seus irmãos mais velhos continuariam na miséria aqui no terceiro mundo. “Moleque você tem muita sorte!” Pus meu fone de ouvido.

Após ouvir todas as músicas do álbum NERO 4 vezes retirei o fone de ouvido e iniciei a leitura de um livro chamado **INSANO CONSCIENTE** que minha irmã havia me dado. Apesar do protagonista ser meio idiota a história até que era interessante por se passar em uma realidade alternativa acessada através de sonhos lúcidos. Me distrai tanto lendo que nem percebi o passar do tempo, quando ergui as vistas para o horizonte o sol já estava nascendo. Dei uma boa espreguiçada dentro dos limites que o espaço do carro me permitia, baixei um poço o vidro para sentir o vento no rosto. Uma grande placa verde anunciava: “*Feira de Santana 25 quilômetros*” e outra logo a frente anunciava: “*Restaurante Fogão à Lenha*” César sugeriu que parássemos lá para tomar café.

— Vamos parar qui para la prima colazione!

— Vamos sim, preciso tomar um café para despertar.

— È questo odore?

— Mas que merda é essa?

— È letteralmente una merda!

— Puta que pariu! Não dá para respirar, baixe o vidro do seu lado!

— Sim claro!

— Acelera César! Temos que chegar logo ao restaurante para trocarmos a fraude dessa peste!

— Non mi sento molto bene você poderia cuidar da limpeza do bambino?

— Tudo bem César, eu já estou acostumado a ficar com o trabalho sujo mesmo, um a mais um a menos não faz diferença.

— Grazie.

César foi direto para o restaurante e eu fiquei com a missão de trocar a frauda do garoto, abri o pacote de fraudas descartáveis retirei uma e peguei um rolo de fita adesiva no porta luvas. O banheiro ficava na parte externa do restaurante e como a maioria dos banheiros de beira de estrada estava imundo. Olhei ao redor e em todos os boxes para me certificar de que não havia ninguém, baixei a tampa do vaso sanitário e coloquei o bebê em cima, abri a frauda. “CARALHO COMO ISSO FEDE NEM CARNE EM PUTREFAÇÃO FEDE TANTO ASSIM.” Com cuidado levantei as pernas do moleque e retirei a frauda cheia de merda e joguei no lixeiro ao lado, cortei um pedaço da fita adesiva com o dente e colei na boca do garoto, o levantei pelas pernas e fui até o box onde havia um chuveiro. Liguei o chuveiro e pus o moleque de ponta cabeça com as pernas abertas debaixo da água fria até que toda a imundice saísse. Enxuguei o bebê, coloquei a frauda nova, levei de volta para o carro. Quando o coloquei no banco traseiro ele tremia e se contorcia, retirei a fita adesiva de sua boca e ele começou a berrar como um bezerro, pus a fita de volta no porta luvas e joguei a toalha em cima do moleque, fechei a porta do carro e fui tomar meu café da manhã.

Prosseguimos viagem após o café, César pisou fundo, pois não tínhamos tempo a perder. O bebê repousava em sua cadeirinha acoplada ao acento traseiro e para nossa sorte calado. Avistei outra placa, agora faltavam apenas 6 quilômetros para Feira de Santana, logo estaríamos em Salvador. Os carros à nossa frente começaram a diminuir, provavelmente por causa de algum acidente... OU UMA BARREIRA POLICIAL.

— CÉSAR FIQUE COM OS DOCUMENTOS EM MÃOS PARA QUE VOCÊ POSSA MOSTRÁ-LOS AO GUARDA RAPIDAMENTE PARA QUE ELE NÃO

## TENHA TEMPO DE SUSPEITAR DE ALGUMA COISA!

Quando paramos na fila de carros César retirou a carteira do bolso, mas ao fazer isso um outro documento de cor vermelho escuro que estava no mesmo bolso apareceu parcialmente, mas eu pude ler “UNIONE EUROPEA REPUBBLICA ITALIANA” A fila de carros seguia em marcha lenta quando finalmente conseguimos nos aproximar eu pude ver do que se tratava, era uma barreira policial, mas aparentemente eles estavam liberando todos os carros sem fazer nenhum tipo de revista, provavelmente deveriam estar procurando algo específico como um carregamento de drogas ou coisa parecida. Quando nossa vez estava se aproximando senti um frio na barriga, apesar dos documentos falsos serem muito bem feitos nunca se sabe, talvez o policial não fosse com a minha cara e resolvesse checar a veracidade deles. Chegou nossa vez! Respirei fundo, fiz minha melhor cara de tranquilidade, o padre César bancou o bom sacerdote, mas o policial não parecia estar interessado em nada disso fez sinal para prosseguirmos.

Após o breve momento de tensão seguimos sem mais problemas nossa viagem passando pela segunda maior cidade da, Bahia Feira de Santana, pegamos um pouco de trânsito, mas logo conseguimos nos desvencilhar e continuamos o trajeto para nosso destino. Finalmente depois de mais de 10 horas de viagem entramos na região metropolitana de Salvador, César retirou o GPS do suporte e pediu que eu digitasse o endereço, o endereço do hotel, o GPS traçou a rota mais rápida possível. O pus de volta no suporte preso ao para-brisa, olhei no relógio, tínhamos tempo de sobra até o horário marcado para o encontro. Como era de esperar pegamos um pouco de trânsito típico das capitais e para piorar o bebê voltou a chorar, mas como faltava pouco para chegar controlei minha vontade de tapar a boca dele com fita adesiva.

— Este bambino deve estar com fome.

— Quando chegarmos ao hotel eu vou procurar um supermercado para comprar uma daquelas papas para crianças.

Por sorte encontramos um supermercado ao entramos em uma rua estreita, eu saltei do carro e César seguiu em frente procurando um

lugar para estacionar. Entrei no supermercado, passei por uma catraca e fui direto para a seção de frios, dei uma rápida olhada, não achei o que eu queria, em seguida caminhei até seção de perecíveis e lácteos e lá estava. Pequenos potes de vidro com desenhos ridículos na embalagem, peguei um pote qualquer e fui para o caixa e como sempre acontece nos supermercados só havia um caixa operando dos 6 existentes no supermercado, sendo assim fui obrigado a esperar quase quinze minutos em uma fila. “Eu me pergunto o que os outros funcionários estão fazendo? Talvez uma orgia?” Quando finalmente chegou minha vez e o valor apareceu na tela do computador peguei o produto e joguei o dinheiro em cima do caixa e saí sem esperar pelo troco.

Com muito custo encontramos um estacionamento próximo do Farol da Barra, deixamos o carro lá e seguimos até um banco na praia. Como eu já estava de saco cheio entreguei moleque nos braços do César e disse para ele se virar, então César me surpreendeu com sua desenvoltura em alimentar aquele merdinha. César era um hipócrita! Dizia não saber lidar muito bem com crianças, mas cuidava de suas bonecas humanas por vários meses até o fim do prazo de validade. É claro que ele estava querendo se escorar em mim me deixando com todo o trabalho duro, mas ele estava muito enganado se pensava que eu iria aceitar isso.

Chequei as horas, faltava menos de meia hora para a chegada dos clientes, limpei a boca do bebê com um guardanapo, peguei o pote e a colher descartável e joguei em uma lixeira presa a um poste ao nosso lado. Olhei para o garoto, ele estava com uma aparência boa, estava limpo e bem alimentado e o melhor de tudo estava quieto. Meia hora depois um taxi branco com duas faixas na lateral uma azul e a outra vermelha estacionou em frente ao Hotel Maresia.

De dentro do taxi saiu um homem de meia idade calvo, ele ficou olhando para os lados discretamente como se procurasse por alguém.

— Vamos César, chegou a hora!

Eu fui na frente e César veio logo atrás com o menino nos braços, esperamos o semáforo fechar e atravessamos a avenida até onde o taxi

estava estacionando. O homem quando percebeu nossa aproximação pareceu aliviado.

— Ainda bem que vocês chegaram! O Sr. e Srs. Rasmussen estão ansiosos para finalizar a negociação.

César, eu e o bebê fomos no banco traseiro e o Mister calvície foi ao lado do motorista.

— Avenida Antônio Calos Magalhães 224 Cidade Jardim, por favor.

O taxista fez um gesto positivo com a cabeça e deu partida no motor, esse é um dos motivos que me fazem gostar de cidades grandes, aqui as pessoas são práticas! Elas não estão nem aí se você está traficando crianças ou vendendo órgãos, desde que pague pelo serviço prestado e não as comprometam está tudo certo. O taxista era esperto, conhecia os atalhos para fugir do trânsito, em poucos minutos ele nos deixou no endereço que lhe foi informado. Nosso guia de cabeça reluzente pagou a corrida com uma quantia bem acima da marcada no taxímetro, descemos do veículo, o taxista tomou seu rumo. Ergui os olhos para ler um nome na fachada: “CLÍNICA CORPUS PERFECTUS” o nosso guia pediu que o acompanháremos, quando nos aproximamos da porta ela se abriu, um segurança já havia percebido nossa aproximação. Ele fez um gesto educado para que entrássemos e fechou a porta novamente após nossa passagem. Seguimos o homem novamente até um elevador, ele selecionou o terceiro andar, em segundos a porta se abriu. Continuamos seguindo por um corredor até uma porta com fechadura eletrônica. Ele digitou a senha tão rápido que eu não consegui acompanhar o movimento do seu dedo.

A sala era aparentemente uma sala feita para procedimentos cirúrgicos, havia vários equipamentos e uma espécie de maca ou mesa não sei ao certo como denominar aquilo. Sentados em banco estavam o casal de dinamarqueses, em pé perto da mesa de cirurgia, ou seja, lá como se chama aquilo estava um homem de jaleco branco, provavelmente um médico. O casal se levantou quando nos viram entrar, a mulher abriu um largo sorriso quando olhou para o bebê nos braços de César, o homem foi mais contido não esboçando aparente entusiasmo. Nosso

intérprete foi dialogar com o casal em dinamarquês depois se voltou para nós.

— Muito bem senhores, o Sr. e Srs. Rasmussen já gostaram do menino logo de cara, agora para concluir o nosso acordo o bebê precisa ser examinado para checar se ele sofre de alguma patologia grave.

César pôs o bebê deitado na mesa, o médico imediatamente começou a examiná-lo, com uma pequena lanterna ele iluminou os olhos, a boca, em seguida o resto do corpo e por fim retirou a frauda do bebê e examinou as partes íntimas. Recolocou a frauda, depois foi até uma pia lavou bem as mãos, pôs luvas, em seguida pegou uma bandeja com alguns instrumentos, amarrou uma borracha no pequeno braço do garoto, umedeceu um algodão com álcool, passou no local e procurou com cuidado até encontrar a minúscula veia. O choro do menino tomou conta da sala, o médico levou o sangue retirado para outra sala.

Enquanto o garoto berrava a mulher parecia querer segurá-lo, mas o marido parecia pedir paciência a ela, ele deveria querer ter certeza da boa saúde do menino antes de ter qualquer contato com ele, quase uma hora depois o médico retornou.

— A criança é saudável!

O interprete traduziu e imediatamente o casal abriu um grande sorriso, a mulher pegou o menino nos braços e os dois ficaram olhando abobalhados para ele. Depois de alguns instantes o marido percebeu que ainda tínhamos um negócio para finalizar, ele abriu uma maleta e retirou 2 envelopes e entregou ao careca que em seguida passou para mim.

— Aqui está seu pagamento em Euro como foi combinado se quiser pode conferir!

— Não será necessário! Poderia chamar um taxi para nós, por favor?

— Claro!

Antes de sair da clínica abri os envelopes por precaução e fiquei aliviado ao ver a bandeira da União Europeia nas notas.

Quando chegamos ao hotel eu me sentia muito cansado, desabei na cama. César foi tomar banho deixando suas calças em cima da cama, quando escutei o som do chuveiro sendo ligado aproveitei a oportunidade para tirar umas dúvidas que estavam me incomodando. Com cuidado enfiei a mão no bolso da calça retirando uma carteira de couro marrom juntamente com um passaporte Italiano e uma passagem aérea para Roma, pus tudo de volta no lugar e voltei para minha cama.

— Eu estou morrendo de fome, vou naquela lanchonete perto da praia comer alguma coisa, você vem?

— No, molto cansado já vou dormire!

— Você quem sabe!

Peguei minha mochila com o pretexto de passar no supermercado e trazer algumas coisas, a desculpa poderia ter feito César desconfiar de algo, mas ele parecia estar muito preocupado pensando em outras coisas. Deixei o envelope com a minha parte do dinheiro em cima da mesinha de cabeceira e saí, desci as escadas fui até onde o Opala SL 1990 estava estacionado. Olhei para todos os lados para ver se havia alguém por perto, como não vi ninguém me agachei discretamente retirei a tampinha da válvula e usando a lixa de um cortador de unhas pressionei a pequena haste da válvula por um tempo até esvaziar o pneu. Pus a tampa de volta e saí do hotel. Caminhei pela avenida olhando na direção da janela do quarto onde César estava, mas ele não estava me observando, continuei caminhando até chegar num ponto de taxi.

— Ei jovem chega mais! Eu estou livre pode entrar!

Entrei no taxi me sentando no acento traseiro o taxista também entrou, obviamente no acento do motorista.

— Para onde jovem?

— Um Opala SL 1990 vai passar por aqui a qualquer momento eu preciso que você o siga!

— Oxe.....eu não estou gostando disso, e se eu fizer isso e você encontrar sua esposa com outro e matar os dois? Aí eu vou preso como cúmplice.

Dei uma grande gargalhada e realmente era sincera.

— Eu não tenho namorada e muito menos esposa, a pessoa que vamos seguir é um padre que é suspeito de praticar pedofilia, meu nome é Alessandro Souza sou investigador do Vaticano. Estou seguindo esse cara há dias para descobrir se ele realmente está cometendo tais barbaridades, caso confirme minhas suspeitas colocarei esse safado na cadeia.

— Entendi, mas eu não sei se posso te levar.. Cara, isso parece meio perigoso, sei lá... E se ele desconfiar e tentar nos matar.

— Fique tranquilo ele não desconfia de nada!

Joguei R\$ 500 na mão do taxista para dar mais ânimo a ele, por fim depois de hesitar um pouco ele acabou aceitando. Fiquei observando o trânsito na avenida até que vi o Opala vindo! Me abaixei e disse para o taxista esperar ele passar, e então segui-lo a uma distância segura e não perdê-lo de vista de maneira nenhuma. César tinha trocado o pneu mais rápido do que eu previ, ainda bem que consegui persuadir o taxista a tempo. César dirigia com aparente tranquilidade para quem está passando a perna em um sócio, depois de vários minutos seguindo César, perguntei ao taxista o que existia naquela direção. Ele disse que existia o aeroporto e algumas fábricas, mas para minha surpresa César não pegou o caminho que dava acesso ao aeroporto, em vez disso seguiu direto, mas para onde estaria indo? Talvez buscar alguma coisa ou se encontrar com alguém. O município de Salvador tinha ficado para trás, agora segundo o taxista estávamos no município vizinho de Camaçari. Agora estávamos trafegando por uma área rural, César seguia a uns 300 metros à nossa frente, de repente e diminuiu e entrou numa estrada de terra. Falei para o taxista ir com calma, mantendo sempre uma boa distância, enquanto seguíamos César observei os arredores. Eram grandes propriedades com plantações e criatórios de peixes e

jacarés, César diminuiu e entrou em uma propriedade que já estava com a porteira aberta. Ordenei que o taxista parasse, desci do carro e disse que ele estava dispensado, ele deu meia volta e foi embora.

Fui me esgueirando junto a cerca até a porteira da propriedade que o padre César esqueceu de fechar. Continuei seguindo agachado até um jardim ao lado da casa, escondido no meio das plantas tentei fazer um rápido reconhecimento do local. A propriedade não parecia ser muito grande e não havia sinais de casas próximas, isso era bom. Tinha uma grande construção de concreto que parecia algum tipo de reservatório de água ou uma piscina rústica ou outra porra qualquer. A porta da casa se abriu! César desceu os degraus primeiro e logo atrás dele um homem moreno de cabelos cacheados que segurava uma garrafa de vinho e 2 copos. Os dois foram até o Opala, César abriu a porta do lado do motorista, inclinou-se para dentro do carro e pegou 2 envelopes bem recheados. César abriu um dos envelopes e mostrou seu conteúdo para o homem que arreganhou os dentes num sorriso, os dois se abraçaram e iniciaram um nojento beijo de língua, César desceu com a mão pelo peito do homem até agarrar com força seu pênis, depois o moreno encheu os copos com vinho, os dois brindaram enquanto caminhavam de volta para a casa.

Oculto em meios às trevas e folhagens eu pensava na melhor estratégia a ser usada para resolver aquela situação da maneira mais discreta possível. Após um tempo de reflexão pus minhas luvas de couro sintético, retirei dois dos meus acessórios de minha mochila e segui em direção a casa pisando macio. Quando cheguei na porta girei a maçaneta com delicadeza e abri lentamente, entrei na casa pisando no chão como se ele fosse feito de vidro trincado, ouvi os gemidos do padre César e também ouvi uma respiração ofegante. Como uma cobra rastejei rente às paredes até uma passagem que separava os cômodos, agachado espiei para ver onde os dois estavam. César estava de quatro debruçado sobre o sofá e o jovem de cabelos encaracolados estava de pé atrás de César segurando em seus quadris e fazendo o tradicional movimento de vai e vem.

Mirei nas costas do ativo e atirei o dardo tranquilizante! Ele não teve tempo de tentar retirar o dardo e despencou de costas no piso da sala. César foi em seu socorro tentando reanimá-lo, enquanto César estava com as vistas baixas olhando para o homem caído eu ataquei! César tentou correr, mas eu lhe apliquei uma rasteira, ele caiu e antes que levantasse saltei sobre ele passando minha corrente com argolas de couro em volta de seu pescoço. Pus meu joelho em suas costas e apertei a corrente com toda a minha força, César tentou tirar a corrente do pescoço, eu aumentei a pressão do joelho sobre suas costas e segurei firme. Ele foi enfraquecendo aos poucos até desfalecer completamente, retirei a corrente soltando sua cabeça que bateu contra o piso da sala. Fui até o lado de fora da casa procurando algo para carregar os corpos, encontrei uma carriola em baixo de uma árvore próxima à casa. Posicionei a carriola próxima à porta, arrastei os corpos um de cada vez, pus primeiro o corpo do moreno e levei até o carro. Quando eu estava abrindo o porta-malas para depositá-lo fico curioso sobre aquela construção de concreto e resolvo ir até lá para ver do que se trata. “CARALHO COMO EU SOU UM CARA DE SORTE!” O filho da puta tinha um criatório de jacarés na beira da casa, resolvi meus problemas alimentando os famintos répteis.

## O jantar está Servido

03/08/2007 Guanambi BA

- Isso que você fez é crime!
- E daí?
- Isso não vai ficar assim!
- VOCÊ VAI FAZER O QUE?

Oswaldo era um típico valentão do bairro, falava alto, xingava e às vezes até agredia fisicamente. Ele se achava o dono do pedaço abusando da fragilidade dos fracos vizinhos que não tinham coragem para enfrentá-lo. Certa vez ele matou o cachorro do João afirmando que esse estaria entrando em seu quintal, João ameaçou denunciá-lo a polícia, mas Oswaldo não pareceu se importar e ainda debochou. No final das contas João acabou desistindo de fazer a denúncia porque sua mulher temia uma possível vingança por parte de Oswaldo. Em outra ocasião Oswaldo agrediu seu vizinho Sebastião com socos afirmando que esse estaria espionando sua esposa através da cerca que separava o quintal de sua casa da rua. Sebastião jurou que não estava espionando nada, apenas estava passando pela estrada próximo à cerca da casa de Oswaldo quando a correia de sua sandália se soltou, então Sebastião parou para encaixar a correia novamente.

O medo que as pessoas tinham de Oswaldo aumentou depois que surgiram boatos de que ele teria cumprido nove anos na penitenciária Lemos de Brito por ter matado um homem em Riacho de Santana. Eu nunca gostei desse sujeito! Não pelo que ele fazia com os vizinhos, isso não me importava, eu não ia com a cara dele por ele ser muito espaçoso. Ele estacionava o carro quase no meio da rua atrapalhando a passagem, quando precisava de terra para fazer alguma obra em sua casa ele escavava a rua deixando buracos, isso sem falar na sua pose de poderoso chefão sentado em um banquinho na frente de sua casa com os braços cruzados sobre a pança, olhando com o nariz empinado para todos que passassem.

Num final de tarde de sábado eu estava sem ter o que fazer então peguei minha bicicleta e fui dar umas voltas. Quando passei perto de um campinho de terra onde alguns rapazes jogavam futebol parei a bicicleta próxima da linha branca que delimitava o campo e me encostei em uma árvore próxima para assistir. Eu não aprecio futebol, mas como naquele dia eu estava muito entediado acabei indo parar naquele ambiente onde eu não entendia qual era o propósito daquele jogo, normalmente jogos são criados para divertir e dar prazer aos

jogadores, mas o futebol não parece cumprir seu papel, pois os jogadores pareciam estar sempre com raiva e ficavam xingando uns aos outros. Talvez a culpa não seja do jogo, mas sim dos jogadores. Eu estava quase indo embora quando escutei Osvaldo esbravejando furioso porque um dos caras do time dele não fez o passe e arriscou de longe um chute direto para o gol. O goleiro fez uma ótima defesa e a bola veio rolando até parar junto à roda traseira da minha bicicleta. Osvaldo veio caminhando pesadamente na direção da bola, ele estava tão suado que os pelos de seu tórax estavam escorridos dando-lhe uma aparência ainda mais grotesca.

Ele olhou para mim com um olhar de predador, como se desejasse o meu sangue. Eu continuei encostado na árvore de braços cruzados enquanto ele se aproximava como um touro enfurecido. Usando o pé direito ele afastou a bola da roda da minha bicicleta, depois me encarou! Sem tirar os olhos de mim chutou minha bicicleta derrubando-a próxima aos meus pés

— AQUI NÃO É LUGAR DE DEIXAR BICICLETAS!

— Me desculpe senhor, eu não percebi que estava atrapalhando.

Ergui minha bicicleta do chão e fui embora ouvindo algumas risadas dos jogadores, *“Osvaldo acabara de assinar sua sentença de morte”*.

Nos dias que se seguiram eu discretamente observei a rotina de Osvaldo, de segunda a sexta ele saía de casa as 06:30 da manhã para trabalhar e retornava por volta das 05:00 da tarde. Nos fins de semana ele gostava de cavalgar pelas estradas que davam acesso à zona rural. Num domingo de manhã bem cedo segui Osvaldo com minha bicicleta enquanto ele andava a cavalo. Ele seguia por uma estreita estrada de terra cercada por mato na parte baixa do bairro e finalizava saindo na parte alta em larga estrada com algumas casas próximas. No meio do caminho ele parava descia do cavalo abria uma porteira que levava a

uma <sup>13</sup> cocheira, lá ele deixava o cavalo bebendo enquanto lavava o rosto em uma torneira próxima, depois deixava o cavalo pastar um pouco enquanto ele descansava sentado embaixo de uma <sup>14</sup> Gameleira.

Ao redor só havia uma casa velha em ruínas, após estudar o local escondido atrás de uma moita dei meia volta e fui para casa dar início aos preparativos.

Na segunda feira fui até o centro para comprar os materiais necessários: um pedaço de tela de alambrado de 2,5 metros de comprimento por 2 de largura, um balde de plástico de 20 litros, um mine carretel de linha de pesca, uma agulha grossa de 13 centímetros, 20 metros de fio de cobre marrom, e por fim 3 frangos já tratados. Já em casa enchi o balde com água até a metade, pus os 3 frangos dentro em seguida fui até a esquina onde o lixo da vizinhança era depositado.

Utilizando um graveto perfurei o fundo de um dos sacos de lixo deixando que o chorume fosse derramado dentro do balde, repeti esse processo mais três vezes e depois levei o balde até a casa abandonada. Lá escondi o balde dentro de um velho forno de adobo ao lado da casa, coloquei umas tabuas na boca do forno para evitar que cachorros roubassem meus frangos.

Duas semanas depois num domingo acordei de madrugada, peguei minha mochila com o equipamento e fui aguardar minha presa no seu lugar predileto. Já no local peguei o restante do material que estava devidamente escondido no mato, pus minhas luvas isolantes de alta tensão, cortei os fios elétricos que alimentavam a bomba d'água e emendei nos 2 pedaços de fio de cobre de dez metros cada, levei os fios paralelos com o caminho até o seu limite. Desenrolei o pedaço de tela de alambrado sobre o caminho e para deixá-lo rente ao solo coloquei algumas pedras nas extremidades, depois cortei a tela ao meio deixando um espaço de 5 centímetros entre as partes, cobri cuidadosamente a tela com uma fina camada de areia deixando-a imperceptível, fiz o mesmo com os fios. Por fim emendei um fio em cada pedaço de tela e fiquei aguardando o cavaleiro escondido atrás da cocheira.

O sol já estava relativamente alto quando ouvi o som dos cascos do cavalo batendo no solo, fiquei em posição estratégica espiando agachado atrás da cocheira. Osvaldo parou diante da porteira, desceu do cavalo e a abriu, conduziu o cavalo para o lado de dentro puxando-o

pelas rédeas, fechou a porteira e montou novamente, deu uma violenta esporada no cavalo que disparou pelo caminho... quando os cascos do cavalo encostaram na tela energizada ele caiu derrubando Osvaldo que rolou para fora do limite da tela. Nesse momento eu já estava a menos de cinco metros de Osvaldo que ainda atordoado tentava se levantar, quando cheguei perto o suficiente falei!

— AQUI NÃO É LUGAR PARA DEIXAR CAVALOS!

Eu o agarrei por trás e pressionei um pano encharcado de clorofórmio contra seu nariz, Osvaldo resistiu! Empurrou meu braço direito retirando-o de seu rosto, em seguida me deu uma cotovelada nas costelas, me afastei, ele avançou em minha direção, mas caiu, tentou se erguer, mas tombou novamente devido à quantidade de clorofórmio que havia inalado. Ele tentou mais uma vez ficar de pé, mas eu o empurrei derrubando-o de costas no chão, rapidamente coloquei o pano eu seu nariz novamente. Ele segurou em meus braços tentando se livrar, mas já não tinha tanta força como antes, fiquei pressionando até ele desfalecer. O cavalo agora estava sendo eletrocutado e uma fumaça branca começava a emanar de seu corpo, esperei um pouco e então cortei os fios utilizando um alicate, depois religuei os fios na bomba d'água, recolhi os pedaços de telas e fios e levei para a casa velha, depois arrastei Osvaldo pelas penas até o interior da casa. Utilizando os fios de cobre amarrei suas mãos e pés, em seguida fui para a parte mais difícil! Amarrei uma corda de mais ou menos 3 metros em volta do pescoço do cavalo e amarei a outra ponta em um pedaço de madeira roliça com mais ou menos um metro... respirei fundo e comecei a arrastar o cavalo.

“PUTA MERDA.....CARALHO COMO PESA!” Eu só tinha arrastado o cavalo por cerca de 10 metros, mas já estava molhado de suor. Parei para recuperar o fôlego, o cavalo deveria pesar mais de 250 quilos pelo tamanho, mas eu tinha a sensação de estar arrastando uma tonelada. Depois de muito suor derramado consegui arrastar o cavalo até a porta da casa velha, tive mais trabalho ainda para passar com o cavalo pela porta que era muito estreita. Finalmente com os dois animais dentro de casa pude começar os trabalhos, fechei a porta, tirei algumas velas da

mochila e acendi, virei de cabeça para baixo deixando que um pouco de parafina líquida escorresse e pingasse em uma tabua velha, acendi 3 velas que foram suficientes para iluminar o lugar. Costurei a boca de Osvaldo com a linha de pesca, retirei meu facão da bainha e abri a barriga do cavalo, uma grande quantidade de sangue escorreu pelo piso da sala. Tive que quebrar algumas costelas para aumentar o espaço, arranquei as vísceras, o estômago e demais órgãos deixando o interior do animal oco. Retirei as roupas de Osvaldo e fiz vários cortes superficiais em todo o seu corpo.

Como eu tinha esquecido de pegar o balde no forno abri a porta com cuidado espiei para ver se não havia ninguém por perto. Fui até o forno retirei as tabuas que fechavam a boca do forno e senti o maravilhoso aroma de putrefação. De volta ao interior da casa perfurei o ânus do cavalo para aumentar o espaço, despejei a mistura pútrida e cheia de larvas dentro da barriga do cavalo, enfiei a pernas de Osvaldo por dentro do cavalo de forma que elas saíssem pelo ânus. Coloquei o resto do corpo de Osvaldo para dentro do cavalo deixando suas mãos amarradas para trás, passei a corda ao redor do cavalo fazendo um laço, puxei com bastante força pare que as partes da barriga do animal se fechassem em torno de Osvaldo, amarrei com um nó bem apertado e comecei a costurar a barriga do cavalo até deixar apenas a cabeça de Osvaldo de fora. Fiz alguns furos no corpo do cavalo e despejei o restante do conteúdo do balde em cima, depois recolhi todos os meus utensílios e saí discretamente da casa. Segui para uma área de mato, troquei de roupa e de calçados, juntei tudo com mato seco e botei fogo.

Três dias depois fui até o local checar meu trabalho... quando entrei pela porta uma nuvem de moscas levantou voo na sala, aproximei-me da escultura viva. As larvas estavam comendo a carne do corpo através dos cortes nas partes que estavam do lado de fora, os olhos tinham sido completamente comidos por larvas, formigas e insetos. Empurrei a cabeça com o pé e ele se mexeu! Começou a gemer, fiquei agachado ao lado do monumento observando as larvas fazerem seu belo trabalho enquanto as moscas emitiam seu som característico. Depois de observar por um longo tempo saí pela porta e a fechei. "SOUBE QUE A

FAMILIA ESTAVA PROCURANDO POR OSVALDO, MAS FELIZMENTE OS IMBECIS NÃO PENSARAM EM OLHAR DENTRO DA CASA”.

## Deus não vai te Salvar

Shalaencantala nebresucantaida aroimanebasu ixxiixi cabreduçu,  
cambela ixixi cantrebilanon oria urubixabas cavalentrasoi  
xombralubraza bi di cá cá zokaiui. DEUUUUUUSSSSSS!!! SEUS  
FILHOS ESTÃO AQUI SENHOOOOORRRR!! IMPLORANDO O SEU  
PERDÃO OÓÓÓ PAI, EU ME HUMILHO PERANTE A TI Ó PAI PARA  
IMPLORAR O SEU PERDÃO, HOJE O ESPÍRITO SANTO DE DEUS VAI  
DESCER COMO UM RAIOS SOBRE ESSA IGREJA, EU TÔ SENTINDO, ELE  
ESTÁ DESCENDO, ELE ESTÁ DESCENDO EU POSSO SENTIR. DESCE  
ESPÍRITO! DESCE ESPÍRITO SANTO! DESCE SOBRE SEUS FILHOS E  
QUEIMA, QUEIMA TODOS OS PECADOS. TÁ DESCENDO EU TÔ  
SENTINDO EM MIM IRMÃOS, ELE ESTÁ ME PURIFICANDO,  
IRMÃOOOOSSSS FECEM OS OLHOS E OREM COM FÉ QUE O ESPÍRITO  
SANTO DESCERÁ SOBRE VOCÊS.

IRMÃOS O DIABO ESTÁ AQUI!!!! ELE ESTA NA PORTA DA IGREJA  
ESPERANDO VOCÊS SAÍREM PARA TIRAR VOCÊS DO CAMINHO DA  
SALVAÇÃO. ELE VAI FAZER UMA LAVAGEM CEREBRAL EM VOCÊ PARA  
ENTORPECER SUA ALMA, PARA QUE VOCÊ NÃO CUMRA O DESTINO  
DESTINADO A VOCÊ POR DEUS. ASSIM QUE VOCÊ PUSER O PÉ PARA  
FORA DA IGREJA ELE COMEÇARÁ A TE ATENTAR PORQUE ESSE É O  
ÚNICO PRAZER DO DIABO, CAPTURAR AS OVELHAS DESGARRADAS E  
LEVÁ-LAS PARA UMA CAVERNA ESCURA ONDE SERÃO COMIDAS  
PELOS LOBOS. POR TANTO IRMÃOS A ÚNICA MANEIRA DE NÃO  
DEIXAR O DIABO TOMAR POSSE DE SUA ALMA É CONTRIBUINDO COM  
AS OBRAS DO SENHOR, POR ISSO EU CONTO COM A COLABORAÇÃO DE  
VOCÊS MEUS IRMÃOS, AGORA VAMOS CANTAR UM HINO DE LOUVOR.

Era isso que eu tinha que aguentar todas as terças, quintas e domingos. A paciência do ser humano é limitada e olha que eu tenho muita, mas eles conseguiram acabar com ela. Esse clube de fantasia onde um imbecil de terno lia um livro repleto de fabulas para crianças crescidas ficava na mesma rua onde eu morava e o barulho dos gritos dos integrantes do clube chegavam até a minha casa e depois aos meus ouvidos me fazendo sentir uma grande dor de cabeça. Caso você esteja sem dinheiro para comprar um ingresso para o circo basta ir até uma igreja evangélica a diversão é a mesma. Eu diria que a igreja é ainda mais divertida do que o circo, pois não se trata apenas de números circenses, tem também teatro. Alguns frequentadores desses clubes chamados igrejas deveriam ser contratados por uma emissora de TV, pois o talento que eles possuem para dramatizar certas cenas é inacreditável! Eu confesso que cheguei a sentir inveja em algumas ocasiões quando vi o pastor encenar uma cena onde ele chorava, eu quase aplaudi de pé, mas me contive. Outra cena incrivelmente bem encenada foi a de um exorcismo feito pelo pastor, nesta ocasião o pastor segurou na cabeça de uma mulher e começou a gritar “SATANÁS EU TE ORDENO QUE SAIA DESTA CORPO! EM NOME DE JESUS SAIIIIAAAAAA!” E ficou repetindo isso até que depois de uns minutos a mulher começou a se contorcer e se jogou no chão estrebuchando como uma minhoca no sol quente.

Realmente aquele era um negócio muito lucrativo, se eu tivesse toda aquela desenvoltura dos pastores eu até que poderia abrir uma igreja, eu faturaria uma fortuna em dizimo. Era simples, bastaria dizer o que os tolos quisessem ouvir, coisas como, “DEUS ESTÁ CONOSCO NOS PROTEGENDO, ELE TEM PLANOS PARA VOCÊ IRMÃO, DEUS VAI TE DAR TUDO QUE VOCÊ QUISE BASTA TER FÉ” e outras baboseiras sem sentido, mas que para as mentes dos fantoches fieis fazem muito sentido. Mas eu não tenho aptidão para isso, portanto não me interessa. Então o que se deve fazer para que o rebanho de ovelhas se perca por aí? É muito simples temos que eliminar o seu pastor.

Eu tinha ido nesta igreja apenas três vezes, apenas para me enturmar e parecer o mais normal possível, mas nos últimos dias passei a

frequentar todos os cultos semanais. Participando e contribuindo com o dizimo, o difícil era não dar gargalhadas das palhaçadas que aconteciam lá, mas eu me esforçava. Me mantinha o mais sério possível, me comportando como um verdadeiro crente, gritando aleluia, gloria a Deus, o sangue de Jesus tem poder, entre outras besteiras. Um dia o pastor perguntou quem ainda não tinha aceitado Jesus? Então eu fui na frente perante toda a igreja e disse que aceitava Jesus! A igreja inteira comemorou. No final do culto um monte gente veio me parabenizar, eu tive que me manter frio e relaxado para passar por toda aquela merda sem dar sinais de aborrecimento. Por fim o pastor Everaldo veio falar comigo.

— Abel meu coração está cheio de alegria por você ter aceito Jesus!

— O meu também pastor!

— Pode ter certeza Abel, daqui para frente sua vida vai mudar para melhor! O Senhor vai despejar bênçãos sobre você!

— Gloria a Deus!

Como eu não era conhecido no bairro eu disse para o pessoal da igreja que o meu nome era Abel, pois sabia que se dissesse o verdadeiro isso causaria estranheza devido à história contada pela Bíblia. O meu nome realmente seria Abel, mas no dia do registro minha mãe estava internada no hospital por causa de pedras nos rins e meu pai foi ao cartório bêbado. Então ele trocou os nomes dos filhos de Adão e Eva, depois que perceberam o erro eles contrataram um advogado e mudaram, mas quando tomei conhecimento desse fato ainda na infância me auto denominei Caim! E mudei o nome novamente após completar 18 anos.

O pastor Everaldo era como a maioria dos outros pastores se vestia com roupas sociais no dia a dia e nos dias de culto usava seu terno preto. O cabelo era curto e penteado para trás, a pele morena como a maioria dos mestiços brasileiros, a voz era grave e limpa o que ajudava muito nas pregações. Para suas ovelhas é Deus no céu e o pastor na terra! E não era diferente naquela pequena igreja do subúrbio de Guanambi. O

pastor mandava berrar, as ovelhas berravam, o pastor mandava calar as ovelhas se calavam, o pastor mandava sentar as ovelhas obedientes sentavam e liam seu livrinho de fabulas. É incrível como as mentes mais fracas são facilmente ludibriadas. Eu conseguia perceber o sistema de pilantragem que existia ali, era tão obvio, mas as tolas ovelhas não conseguiam ver, pois estavam cegas pela fé em um amigo imaginário. A fé realmente cega totalmente as pobres ovelhas que ficam perdidas nos campos sem saber para onde ir, então o astuto lobo feste a fantasia de pastor e conduz o rebanho até o seu covil e lá ele extrai tudo de valor das imbecis ovelhas que decidiram ser guiadas ao invés guiar seu próprio destino.

No final do culto de domingo o pastor Everaldo falou sobre a reforma da igreja.

— IRMÃOS E IRMÃS JÁ FAZ 6 MESES QUE ESTAMOS PLANEJANDO A REFORMA DA NOSSA IGREJA E HOJE FINALMENTE COM A CONTRIBUIÇÃO DE TODOS VOCÊS CONSEGUIMOS ALCAÇAR O VALOR NECESSÁRIO PARA DAR INÍCIO A REFORMA!!!

Houve uma ensurdecadora onda de gritos de aleluia e outras porras, aquilo já estava me enchendo o saco e aquela seria minha oportunidade para dar um fim naquela merda. Após o fim do culto cumprimentei o pastor e fui embora, o pastor também deixou o local em sua BMW 3 GT enquanto as ovelhas iam embora em suas humildes carroças.

A obra já havia começado há uma semana, a igreja estava repleta de caixas de piso, sacos de cimento, vergalhões, latas de tinta, e outros materiais. Eu me ofereci para ajudar na obra como servente de pedreiro, mas pedi segredo ao pastor Everaldo alegando que meus pais eram católicos e não sabiam que eu frequentava aquele ambiente. Ele concordou e prometeu convencer meus pais a aceitarem Jesus, fiz a cara mais alegre que pude e retornei a minhas atividades. No final do expediente fui direto para a casa dos meus avós onde passei a noite. No dia seguinte peguei a C-10 do meu avô emprestada e fui até uma serraria e encomendei uma cruz de 3 metros na parte vertical e 2 metros na parte horizontal. O cara da serraria disse que eu teria que

voltar no outro dia para buscar a cruz, então para não parecer desesperado concordei.

Como combinado retornei à serraria no dia seguinte para buscar a cruz, os funcionários me ajudaram a colocá-la na carroceria, amarrei bem firme a cobri com uma lona.

— Então essa cruz vai para alguma igreja ou cemitério?

— Essa cruz vai para uma igreja que está sendo construída em uma comunidade rural de Riacho de Santana. Como Riacho tem um município muito grande algumas comunidades estão muito afastadas da sede, então é mais perto vir comprar aqui, essa cruz vai para a comunidade de Quixaba.

Como ainda faltava muito tempo para escurecer eu voltei para a casa dos meus avós e esperei até escurecer. As 09:00 da noite parti para Guanambi. Quando eu estava quase chegando parei no acostamento próximo da entrada que leva até o lixão da cidade e troquei as placas do carro e continuei. Parei em frente à igreja, desci do carro, olhei discretamente e vi dois maconheiros puxando seu baseado. Eles não pareciam estar interessados em mim. Abri a porta da igreja com uma cópia da chave que eu tinha feito secretamente, em seguida desamarrei e retirei a pesada cruz ainda embrulhada na lona e levei para o interior da igreja. Depois peguei o restante do material e deixei ao lado da cruz, fechei a porta e fui até um orelhão.

— Pastor Everaldo!

— Sim, quem fala?

— Eu não suporto mais essa vida pastor! Acho que vou dar um fim nisso!

— Pelo amor de Jesus Cristo é você Abel?

— Não aguento mais pastor, foi muito bom te conhecer!

— Calma rapaz! Vamos conversar! Não faça nenhuma besteira!

— Não perca o seu tempo comigo pastor!

— Onde você está?

— Eu... eu, estou na nossa igreja.

— Fique ai! Eu estou a caminho, não faça nada até eu chegar!

Como o pastor Everaldo morava no bairro vizinho em menos de 10 minutos ele chegou. Fingi estar em estado de pânico e pedi que ele trancasse a porta, ele obedeceu imediatamente. Aproximou-se de mim, eu estava sentado no chão fingindo um estado de desolação, ele perguntou se eu tinha usado algum tipo de droga, eu neguei, então me levantei e pedi que ele colocasse as mãos em minha cabeça e orasse por mim.

— Meu Deus livra esse jovem das tentações mundanas, das drogas, da depressão, da influência de Satanás, pois só o senhor tem poder para isso...

Enquanto ele estava orando de olhos fechados eu retirei meu afiado canivete do bolso... bati o pé no chão para que o som da batida encobrisse o som da lâmina saindo quando apertei o botão. Desferi um golpe certo da direita para a esquerda cortando a garganta de Everaldo. Ele levou as mãos à garganta enquanto cambaleava pela igreja, não resisti ao ver aquela cena e caí na gargalhada, comecei a imitar o pastor, pus as mãos na minha própria garganta e comecei a cambalear pra lá e pra cá. Quando fiquei de saco cheio da brincadeira passei uma rasteira derrubando o pastor no piso da igreja e comecei a trabalhar. Já com minhas luvas de couros postas desde quando cheguei, peguei um pincel e desenhei um pentagrama no meio da igreja usando o sangue que escorria do corte na garganta do pastor, depois desembrulhei a cruz e a levei até o centro do pentagrama, levei o corpo e o coloquei em cima da cruz, fui até minha mochila e peguei um martelo e um saco de pregos grandes. Posicionei os braços corretamente e preguei 4 pregos em cada braço, um na mão, um no

pulso, outro no meio e por um último um no fim do antebraço. Flexionei os joelhos e preguei os pés um sobre o outro, e para dar o toque final pus uma coroa de espinhos de Quiabento que eu tinha carinhosamente preparado enquanto estava na roça. Para finalizar a obra de arte, deixei a emblemática frase “SALVE SATANÁS” escrita com sangue em baixo do pentagrama. Recolhi minhas coisas apaguei as luzes e saí discretamente. Olhei ao redor.. os maconheiros ainda estavam no mesmo lugar e novamente não pareciam estar interessados em mim. Quando eu estava quase entrando na C-10 percebi que estava esquecendo uma coisa muito importante, algo que poderia arruinar tudo. Voltei e retirei o celular do bolso do pastor Everaldo, tranquei a porta e parti em direção a Roça. No caminho fiquei pensando na repercussão que aquilo iria causar.. Como em Guanambi existe um grupo de Satanismo “secreto” intitulado “*Servos de Lúcifer*” que já foi responsável pela depredação de várias igrejas e templos na região a culpa cairia sobre eles com certeza.

## Maria a louca

**13°51'45.3"S 42°48'51.4"W 26/08/2005**

- O que acha que ela tá fazendo?
- Não faço a mínima ideia!
- Eu não consigo entender qual o propósito daquilo?
- Talvez não haja nenhum.

— Dizem que ela sempre foi assim, desde criança.

Eu e Lisandro estávamos sentados sobre a caixa d'água de concreto que ficava no cruzamento da estrada principal que ligava Matina a Igaporã e a estreita estrada que dava acesso até a casa dos nossos avós.

Assistíamos intrigados o “ritual” feito por Maria a louca, ela era uma mulher negra e robusta que deveria ter mais de 50 anos de idade, ela era conhecida por toda aquela microrregião entre as duas cidades, devido a história de vida dela e suas excentricidades. Maria era quase uma lenda na região, muitos tinham medo dela e evitavam passar por perto quando a encontravam na estrada. Alguns até passavam pela cerca de arame farpado para dar a volta e não ter que passar perto da louca.

Maria tinha feito uma fogueira perto da estrada e pôs uma chaleira enferrujada sobre as brasas e depois ficou andando em círculos e falando coisas sem sentido. Eu e Lisandro assistíamos intrigados a aquela cena que ficou ainda mais engraçada com a chegada do marido da louca, um velho que tinha por volta de 70 anos de idade e mancava da perna esquerda. Eles eram um casal realmente excêntrico e por isso combinavam muito, pois faziam suas loucuras juntos para a alegria dos espectadores que no caso eram eu e Lisandro. Enquanto Maria mexia o conteúdo da chaleira com um pedaço de pau, seu esposo João arrancava folhas de mato e fazia um pequeno monte ao lado da fogueira. Ao terminar de preparar o monte de folhas João se aproximou dele inclinou o corpo para frente e começou a escarrar e cuspir em cima das folhas.

— Mas que diacho esse cara tá fazendo?

— Para ele aquilo deve ter algum sentido... ou não.

— Lisandro você mora aqui a vida inteira! Já deveria estar acostumado com esses dois.

— Não dá pra se acostumar com isso!

João agora além de cuspir em cima das folhas andava em círculos e Maria ainda mexia o conteúdo da chaleira. João para de girar em volta do monte de folhas, endireita o corpo e faz um sinal para Maria indicando para que fossem embora. Maria concorda e retira a chaleira do fogo, mas larga imediatamente.

— DISGRAÇA! DISGRAÇA! DOS INFERNOS!!!! SUAS PUTAS DO CÃO QUE VEM ATAZANAR A VIDA DOZOTO, VAI MORER TUDO ESTRIBUCHANDO NO MEIO DAS CAPUEIRA FI DE SATANAIZ DA DISGRAÇA.

Eu e Lisandro não resistimos e caímos na gargalhada vendo aquilo. Mas nossa alegria não durou muito, pois tivemos que correr para escapar de Maria que nos perseguia com um pedaço de pau. Corremos muito e quando Maria percebeu que não conseguiria nos alcançar ela lançou o pedaço de pau com toda a força que tinha, eu acompanhei o percurso dele no ar e quando percebi que ele iria me atingir saltei de lado caindo de costas na areia, mas rapidamente me levantei e continuei correndo. Lisandro estava à minha frente correndo sem olhar para trás, olhei para trás e Maria havia desistido de nos perseguir. Retornou para junto do seu companheiro de loucuras.

Após o almoço todos foram tirar um cochilo, menos eu que não sou chegado a pequenos cochilos vespertinos, pois eles me deixam desorientado. A minha lógica é a seguinte, ou eu durmo ou não durmo. Se for para dormir tem que ser por um período longo. Entediado eu resolvi dar uma caminhada, mas antes me preparei, pois o sol estava rachando! Pus minha a vestimenta adequada, calça jeans, camisa de manga comprida, botas, boné e por fim passei protetor solar nas partes expostas ao sol. Peguei a estrada sentido Igaporã subindo uma imensa ladeira calçada com paralelepípedos. Quando terminei de subir já estava exausto e suado, então sentei-me em uma pedra à beira da estrada. Após recuperar o fôlego e secar o suor do rosto continuei caminhando até a bifurcação onde o caminho da direita levava a Igaporã e o da esquerda levava a comunidade de **Olho D'água**. Segui o da esquerda, uma estrada com terra fofa e vermelha como sangue, alias toda a terra daquela região era vermelha.

Deixei a estrada principal e peguei um carreiro cercado de

<sup>15</sup> Umburanas e com terreno bem acidentado, eu não tinha certeza, mas talvez aquele fosse o caminho certo. O silêncio era quase total, quebrado apenas pelo canto da <sup>16</sup> Fogo-Pagou e outros pássaros. Ao longo do carreiro percebi que ele ia se estreitando cada vez mais, parecia que ninguém havia passado por ali há tempos, mas com uma análise mais minuciosa percebi que havia alguns galhos de Umburana quebrados e pegadas de pés descalços que pareciam recentes. Depois de desviar de muito mato e quase ter o olho perfurado por um galho seco de Umburana me deparei com um colchete velho, os paus estavam apodrecendo e os amares enferrujados, abri, passei e fechei novamente. O mato alto ficou para trás, agora o terreno estava tomado por capim. “Ainda bem que estou usando calças, essa porra em contato com a pele provoca uma coceira desgraçada!” Segui o carreiro que continuava pelo capinzal.

O capim terminava em uma cerca de estacas de Aroeira e adiante já era possível avistar uma velha casa de adobo cercada de Algarobeiras e alguns pés de Jasmim. Fiquei debruçado na cerca observando o local e pelo que Lisandro tinha me falado o lugar só podia ser esse. De repente ouvi um barulho! Então me agachei atrás da cerca e continuei observando através das frestas. Um velho magro e de cabelos brancos passou pelo terreiro e foi em direção a um cercado, como ele saiu do meu campo de visão mudei de posição de forma que eu pudesse acompanhar sua atividade. Já dentro do cercado ele amarrou uma corda na alça de um balde e o lançou em uma cacimba, após puxar o balde o velho carregou o balde com certa dificuldade entortando o corpo para o lado contrário da mão que segurava o balde. Ele despejou o conteúdo do balde no cocho das galinhas em seguida retornou para casa.

Eu estava quase me levantando quando o velho voltou acompanhado de uma velha gorda vestida com roupas esfarrapadas. O velho trazia uma enxada no ombro e a velha um facão na mão direita, os dois foram até a cerca viva de Umburana. A doida começou a cortar as pontas das galhas mais finas enquanto o louco limpava uma área cheia de mato. Maria

recolheu o monte de galhas e pôs na área circular capinada por João, em seguida os dois foram para debaixo de um dos pés de Algaroba. João pegou o machado e lascou um pouco de lenha, depois os dois retornaram cada um trazendo um pouco. Maria arrumou a lenha cuidadosamente sobre as galhas de Umburana, primeiro ela pôs uma camada de lenha e depois outra de capim seco, depois outra camada de lenha. O velho tirou um isqueiro do bolso e ateou fogo na fogueira, e com a ajuda do vento as lavaredas tomaram conta de tudo. O casal insano se afastou alguns metros ficando na direção da fumaça. Assisti por um tempo e depois fui para casa rindo pra caramba.

— E aquela negrinha lá do Vira Mundo que dizem que dá pra todo mundo, você já tentou uma aproximação?

— É complicado!

— Por quê?

— Eu não tenho muito jeito com as mulheres!

— Não precisa de jeito, basta ter lábia.

— Eu tenho lábia!

— Não, você não tem! Você pensa que tem, isso é diferente!

— Mas eu falo muito, sou simpático, engraçado e converso com todo mundo, mas com as mulheres eu não consigo ter nada além de amizade.

— Lisandro, guarde bem essa dica que vou lhe dar... se você quer comer uma mulher não banque o engraçadinho simpático, diga a elas o que elas querem ouvir.

— E o que elas querem ouvir?

— Isso você terá que descobrir.

Naquela semana eu fui diariamente até a casa dos loucos para assistir o seu espetáculo privado. Após explorar um pouco encontrei um lugar melhor na arquibancada natural do sertão que me dava uma vista privilegiada do show.

A poltrona era uma galha de Umbuzeiro que não oferecia muito conforto, no entanto oferecia anonimato para o espectador que não gosta de atrapalhar o artista durante sua performance. Enquanto observava Maria fazer alguns riscos no chão e depois sapatear sobre eles eu pensava em quanto meu primo Lisandro era idiota, ele já tinha 15 anos e estava louco para transar, ele se masturbava 8 vezes por dia olhando para uma revista que ele guardava dentro do oco de uma árvore no mato. Até aí tudo bem, mas o problema era a imbecilidade dele que tinha um monte de primas que brincavam de esconde-esconde com ele no mato e ele apenas brincava normalmente sem tentar levar a brincadeira para um nível mais avançado.

Andréia e Paula eram nossas primas de segundo grau, ambas filhas de irmãos da nossa avó, todo domingo vinham até a casa dos meus avós proseavam um pouco e depois voltavam para o Olho D'água através de um atalho pelo Morro da Maria Joana. Elas quase nunca ficavam mais de uma hora e sempre pareciam ter presa de ir embora isso sempre me causou certa estranheza, mas eu nunca tinha chegado a nenhuma conclusão. Até o dia que a Paula deixou cair um objeto de plástico branco com uma parte de metal em uma das extremidades, como ela o recolheu muito rápido, eu não pude ter certeza do que se tratava, então para ter certeza resolvi seguir as duas no seu caminho de volta. Mantive uma distância segura durante todo o percurso, mas pude ouvir sobre o que elas falavam e para onde iriam, então peguei um atalho e cheguei lá antes delas e fiquei escondido no mato.

A cena que eu assisti foi uma das mais difíceis de se ver que já presenciei, tive que me segurar para não interferir, mas consegui graças a minha mão direita que ajudou a aliviar a minha tensão. Quando as duas foram embora retornei imediatamente para casa para preparar o plano. No domingo seguinte foi a mesma coisa, as duas vieram e foram prosar com os velhos, mas antes delas irem embora chamei Lisandro para vir comigo e no caminho eu lhe expliquei tudo.

— Caim para onde estamos indo?

— Para o paraíso!

— Como assim cara?

— Você quer foder, não quer?

— Sai fora caralho! Tá me estranhando?

— Não comigo, com garotas.

— QUE GAROTAS???

— Andréia e Paula.

— Você endoidou de vez?

— Nunca estive tão lúcido!

— Isso é loucura cara, por que você acha que elas vão dar pra gente?

— Pode ter certeza que vão!

Eu e Lisandro nos posicionamos exatamente onde eu tinha ficado da última vez, após uns 40 minutos o silêncio do mato foi quebrado pelos passos das duas. Andréia tirou 2 colchonetes enrolados que estavam debaixo de um monte de folhas e galhos, ela os desenrolou e os estendeu no chão. Do mesmo esconderijo Paula tirou um pequeno saco plástico e de dentro retirou 2 cigarros de maconha, ficou com um e entregou o outro para Andréia.

— O que você tá fazendo?

— Vou tirar umas fotos.

— Elas vão ouvir!

— Não se preocupe, eu desliguei os efeitos sonoros da máquina! Agora fique quieto porra!

Dei um zoom e consegui capturar o momento exato que as duas fumavam o seu baseado tranquilamente e depois capturei o melhor do show, o momento que as duas faziam um 69 delicioso. Então já com as evidências daquele crime hediondo que ia contra a moral e os bons costumes eu e Lisandro damos o bote.

— POSSO BRINCAR TAMBÉM?

O susto que as duas levaram foi quase hilário, elas saíram uma de cima da outra as presas e se esconderam atrás dos colchonetes com olhos arregalados de pavor. Eu teria dado risada daquilo, mas estava muito excitado para isso. As duas ficaram em um estado de transe, pareciam não acreditar que aquilo estivesse acontecendo.

— Então primas queridas, o negócio é o seguinte... vocês vão dar pra gente e fazer tudo o que mandarmos, entendido?

— Não, cê tá doido, nós não quer!

— Pelo amor de Deus não conte isso pra ninguém!

— Não se preocupem garotas, eu não vou contar nada, bastas vocês transarem com a gente.

— De jeito nenhum!

— Ok então eu vou ser obrigado a contar para toda a família sobre as maconheiras lésbicas que fazem uma deliciosa sacanagem no mato.

— Pode contar ninguém vai acreditar no cê!

— E se eu mostrar essas fotos?

Quando as duas viram a máquina fotográfica na minha mão o desespero tomou conta delas e começaram a chorar.

— Calma meninas, não precisam se desesperar, nem eu nem o Lisandro vamos contar nada do que vimos aqui. Basta vocês me obedecerem,

então eu entregarei o cartão de memória contento as fotos para que vocês quebrem.

As duas choraram por um tempo até que a Paula deixou o colchonete cair.

— Tá bom!

A Andréia hesitou um pouco, mas vendo que não havia outra saída também cedeu à nossa vontade.

— Ok vamos organizar isso aqui! Lisandro esconda a câmera em um lugar seguro! Andréia você vai dar para o Lisandro! E você Paula vem comigo!

Fui com a Paula para um local mais afastado para deixar o Lisandro que era acanhado mais à vontade. Abaixei as calças e mandei ela trabalhar no meu cacete. Depois ordenei que ela ficasse de quatro e iniciei a penetração enquanto massageava seus fartos seios.

— Caim já chega, por favor!

— Cala a boca! Só chega quando eu quiser! E é melhor você rebolar no meu cacete bem gostoso se não quiser que seu pai veja a foto de você chupando a buceta da Andréia!

Deitei no colchonete com as mãos atrás da cabeça enquanto Paula descia suavemente encaixando sua bucinha apertada na minha rola. Paula rebolou gostoso seguindo todas as minhas ordens. Ordenei que ela ficasse de joelhos, segurei em seu cabelo enquanto ela chupava meus testículos. Finalizei ejaculando em seu rosto e espalhando o esperma por toda a sua face.

— Caim me dá o cartão agora, por favor!

— Relaxa! Você cumpriu sua missão, eu vou te entregar o cartão, fica fria!

Quando chegamos Lisandro estava encostado em uma árvore com cara de idiota e Andréia estava sentada no colchonete de cabeça baixa.

— Lisandro vá buscar a câmera!

— ..... A tá

Eu havia configurado a câmera de modo que as fotos eram salvas tanto no cartão de memória como na memória interna, desse modo eu poderia facilmente ludibriar as duas fazendo-as acreditar que a evidência havia sido destruída e depois mostrar as fotos para a família, mas isso também iria me comprometer, pois elas poderiam alegar chantagem e estupro da minha parte então resolvi não revelar nada.

— Caim você é o cara! Como você conseguiu planejar isso tudo?

— Lisandro, basta observar com atenção tudo que ocorre ao seu redor e então você perceberá que as oportunidades estão na sua frente.

— Cara foi muito bom! Ela chupou meu pau, eu comi ela de quatro, fiz tudo como nos filmes!

— Quanto tempo durou?

— Sei lá, acho que uns 5 minutos.

— É... Nada mal.

Minhas mãos estavam ardendo em carne viva, pois as bolhas haviam estourado, mas eu estava satisfeito, pois o trabalho tinha ficado impecável. Foi uma noite inteira de trabalho extremamente cansativo que valeria a pena quando os dois pegassem o careiro pela manhã. O sol já estava nascendo quando a fumaça começou a sair pela chaminé, logo depois a porta se abriu e Maria saiu com uma cuia nas mãos e lançou milho às galinhas. Logo em seguida João encheu o cocho com água,

depois foi lascrar um pouco de lenha, Maria agarrou uma galinha pelas asas apalpou seu corpo depois a soltou. Os dois entraram novamente, lá ficaram batucando no que parecia ser panelas e depois de um bom tempo eles saíram. João caminhava na frente com um embornal no ombro e Maria vinha logo atrás arrastando um cavador, meu coração acelerou, a hora tinha chegado.

Saí de onde estava e fiquei deitado no chão atrás de um tronco de Mulungú observando os dois atrás de um espaço entre o tronco e o chão. Percebi que meu plano não funcionaria 100%, pois os doidos não caminhavam lado a lado... então me preparei para agir logo que o que estava na frente caísse. Assim que João caiu Maria parou imediatamente, soltou o cavador e ficou olhando para o marido trespassado por espetos dentro do buraco que eu havia cavado durante toda a noite e coberto com uma camada de finas varas e folhas deixando a armadilha imperceptível.

— E ai velha louca!

— FI DI PUTA DUS INFERNU, DISGRAÇADU! EU VOU TI RANCÁ AS TRIPA PELO CÚ!!!

Maria jogou o cavador em minha direção, desviei facilmente, ela pegou um pedaço de pau deu a volta no buraco e veio atrás de mim. Nesse instante uma ideia surgiu em minha mente! Corri pelo mato mantendo uma distância curta, porém segura de Maria. Enquanto corríamos eu a provoquei com insultos fazendo-a se enfurecer ainda mais. Então eu a atraí de volta para o carreiro e acelerei deixando-a um pouco para trás, desci dentro do buraco numa parte sem espetos no canto e me preparei. Quando Maria surgiu eu a lacei pelo pescoço e puxei num rápido movimento que não possibilitou nenhuma chance de reação. Maria caiu em cima dos espetos ao lado de seu marido.

## Minha primeira Vez

## 11/04/2000 Arredores de Igaporã BA

- Junior emprestou o jegue pra nós ir!
- E cadê o jegue?
- Tá amarrado lá embaixo na estrada.
- Então vamos!
- Espera! Nois tem que saí com cuidado pra mainha não vê!
- Tá todo mundo deitado cochilando, vamos logo!
- Juraci quer ir com a gente!
- O Neguinho que mora naquela casa velha?
- Ele mermo!
- Mas o jegue não aguenta 3!
- Ele vai de bicicleta junto com nós!
- A tá.

Quando passamos em frente à casa velha o neguinho já nos aguardava em sua Monark enferrujada que era grande demais para ele, os pés mal alcançavam os pedais. Então nós 3 descemos juntos até onde o jegue estava amarrado. Lisandro insistiu para que passássemos na <sup>17</sup> cacimba primeiro para dar água ao jegue, em seguida partimos para a barragem da Torta que era responsável pelo abastecimento da cidade de Igaporã e alguns povoados próximos. A entrada era proibida, mas não havia ninguém vigiando, então não teríamos problemas. O jegue com suas

pernas curtas não se deslocava muito rápido, mas de qualquer forma era melhor do que ir a pé. Já o neguinho sofria nas subidas, pois ele era pequeno e fraco.

— Caim eu vou trocar de lugar com Juraci, se não o muleque vai morrer de cansaço.

— Tá bom.

Lisandro desceu do jegue e pegou a bicicleta, Juraci subiu na garupa e assim a viagem ficou mais rápida. Depois de umas 2 horas chegamos ao nosso destino. Amarramos o jegue em um Juazeiro e fomos procurar um meio de passar pela cerca de arame farpado que tinha 3 metros de altura e cerca de 20 fios de arame. Os fios de arame eram tão esticados e próximos uns dos outros que não havia maneira de passar entre eles. Começamos a caminhar junto à cerca procurando alguma brecha, mas a cerca parecia nova e impecável. De dez em dez metros placas avisavam que a entrada era proibida, mas nós não nos preocupávamos com isso.

— E agora como a gente vai entrar?

— Não sei Juraci, ei Caim tem alguma ideia?

— Vai ser difícil... essa cerca foi feita a pouco tempo e não parece haver brechas!

— Se ela não fosse tão alta...

— O maior problema não é a altura e sim o arame farpado, se fosse arame liso nós poderíamos escalar.

— É verdade, e agora Caim o que nós faiz?

— Vamos continuar caminhando junto á cerca para ver se há algum ponto fraco.

Como a cerca tinha sido feita recentemente a terra estava fofa em alguns pontos e foi justamente em um canto onde a cerca passava próxima de uma arvore que a terra estava muito remexida.

Aparentemente quem construiu teve preguiça de arrancar a árvore e apenas escavou e cortou as raízes que estavam atrapalhando se esquecendo de compactar a terra novamente. Esses operários nos deram a porta de entrada para a barragem! Usando pedaços de pau e as mãos nós escavamos por baixo da cerca até que conseguimos passar nos arrastando.

— Juraci e Lisandro correram como loucos arrancando as roupas e pularam na água, eu antes dei uma boa olhada nos arredores para me certificar se havia alguém por perto observando.

— VEMMMMM CAIM A ÁGUA TÁ BOA DIMAIS CARA!!!

— JÁ TÔ INDO!

Caminhei até uma elevação de terra e olhei para todos os lados, não havia ninguém no local além de mim e os 2 moleques, então tirei a camisa e a calça e pulei na água.

— Ei Juraci porque você só fica na beirada?

— Eu não sei nadar!

— Eu pensei que você sabia.

— Eu quero aprendê, mais eu tenho medo!

— É fácil <sup>18</sup> véi! Eu aprendi rapidão!

— Cê min incina?

Enquanto Lisandro dava algumas dicas para o neguinho eu checava a profundidade da barragem, se mantinha rasa por vários metros, no entanto o terreno decaía bruscamente formando um profundo abismo.

— Juraci fica aí treinando com Caim que eu vou ali no mato dar uma cagada!

— Tá bom!

Sozinho com aquele moleque me veio uma lembrança de uma experiência que fiz com um filhote de cachorro, arame, pedra e uma lagoa. Aquilo foi incrível! Tão incrível que tive vontade de repetir a experiência, mas dessa vez não havia um cachorro por perto, em vez disso havia outro tipo de animal... Um pouco mais inteligente, só um pouco.

— JURACI! Eu vou te ajudar vem cá!

— Tô um pouco com medo!

— Relaxa eu não vou deixar você se afogar!

— Pela amor di Deus não min solta!

— EU NÃO VOU TE SOLTAR!

Segurei Juraci pela barriga enquanto ele movimentava braços e pernas na água.

— NÃO ME SOLTA CAIM, NÃO ME SOLTA PUR FAVOR!

— Eu já disse que não vou te soltar fique tranquilo!

— É MUITO... PARECE ATÉ QUE EU TÔ NADANDO!

— Você gosta de água Juraci?

— É CLARO QUI GOSTO, ÁGUA É BOA DIMAIS!

Olhei para a direção que Lisandro tinha ido, mas não vi sinal dele.

— CAIM VAMU VOLTÁ DISPOIUS UCÊ MIN INSINA MAIS!

— Vamos até aquelas plantas boiando depois voltamos!

— TÁ BOM, MAIS DISPOIS NOIS VOLTA, E NÃO MIN SOLTÁ PELAMOR DI DEUS!

— Já disse que não vou soltar.

Quando chegamos até as <sup>19</sup> Ninfeias olhei para os lados para ver se ninguém estava olhando... Empurrei Juraci para baixo d'água! Segurei o moleque, ele se debatia violentamente e tive muita dificuldade para controlá-lo, pois eu estava nas pontas dos pés e não tinha apoio nem muito equilíbrio. Consegui trazê-lo para a parte mais rasa e o preendi entre minhas pernas segurando-o até ele desfalecer. Em seguida o levei de volta até as Ninfeias e o enrolei no emaranhado de caules subaquáticos.

— LISANDRO, JURACI SUMIU!

— COMO ASSIM?

— EU FUI DAR UMA MIJADA E FALEI PARA ELE FICAR NA PARTE RASA E QUANDO VOLTEI NÃO O VI MAIS!

— SERÁ QUE ELE FOI EMBORA SEM A GENTE?

— NÃO SEI CARA, EU VOU VER SE A BICICLETA DELE AINDA TÁ NO MESMO LUGAR!

— TÁ BOM, E EU VOU OLHAR POR AQUI!

Consegui fingir uma preocupação convincente falando com a voz tremida e com um leve falsete. Fui até onde estava a bicicleta correndo e lá permaneci por um tempo pensando nas consequências que aquilo iria causar. Não havia como as suspeitas recaírem sobre mim, pois crianças morrem afogadas o tempo todo e Lisandro era um tolo e acreditava em tudo que eu dizia, no máximo receberíamos uma grande bronca, uma surra e um ódio eterno da mãe do Juraci. Respirei fundo e retornei correndo para parecer desesperado.

— QUE MERDA... EU NÃO ACHO ELE EM LUGAR NENHUM, AI MEU DEUS DO CÉU EU TÔ ACHANDO QUE... QUE, ELE MORREU AFOGADO!

— SERÁ? NÃO PODE SER! EU DISSE PRA ELE FICAR NA PARTE RASA!

— MEU DEUS! E AGORA? VÃO COLOCAR A CULPA NA GENTE!

— QUE DESGRAÇA, EU NÃO CONSIGO CRER!

— NOIS TÁ LASCADO VÉI! E AGORA?

— MAS A CULPA NÃO FOI NOSSA! ELE QUE QUIS VIR, NÓS NÃO CHAMAMOS ELE!

— É..... ESPERA AÍ CAIM, E SE A GENTE PROCURAR, TALVEZ ELE AINDA ESTEJA VIVO!

— OK VAMOS LÁ!

Lisandro e eu procuramos a tarde inteira por Juraci... sem sucesso retornamos para casa.

— Caim o que vamos dizer?

— A “verdade”.

## Um pra você um pra Mim

— Então o velho César tentou te passar para trás.

— Você falou bem, TENTOU!

— O que deu na cabeça dele para achar que conseguiria te ludibriar?

— Ele era um tolo descuidado! Deixou as evidências à mostra, se ele tivesse sido mais cuidadoso uma hora dessas ele poderia estar na Itália aproveitando os Euros, enquanto eu apodrecia por aí.

— Ninguém consegue te passar a perna!

— Talvez alguém consiga, entretanto terá que ser alguém realmente FODA!

— Mais FODA do que você ainda não conheci ninguém!

— Apesar de ter consciência de minhas habilidades eu nunca baixo a guarda, subestimar o inimigo é coisa de amadores!

O percurso da rodoviária até a casa de Patrícia era relativamente longo então nós conversamos sobre diversos assuntos antes de chegar ao nosso destino.

— E aquela investigação que estavam fazendo no hospital?

— Nem me fale dessa merda! Eles estão me enchendo o saco, mas não vão conseguir provar nada!

— Como tem tanta certeza disso?

— Você não é o único que entende de limpeza, eu também tenho minhas cartas na manga.

— Eu sei muito bem disso.

— Então mudando de assunto, meu irmão chegou de viagem hoje e está louco para traçar carne nova.

— Sei.

— Pois bem, quando ele me disse isso logo pensei em você.

— Especifique melhor o tipo de carne que seu irmão gosta.

— Garoto de 10 a 14 anos.

— Ok vou ver o que consigo encontrar.

Quando chegamos em casa o irmão de Patrícia estava deitado no sofá assistindo um filme pornô com atores extremamente jovens, quando percebeu a nossa chegada se levantou.

— Marcelo, esse é o meu amigo Caim.

— Sim, Caim o FODÃO, e aí cara beleza?

— Beleza, vejo que Patrícia andou falando bem de mim.

— E como falou, mas não confie muito ela é uma puxa saco de primeira!

— VÁ SE FODER MARCELO!

— Ha ha ha ha calma mana é só uma zoeira para descontrair!

— Ok então fiquem vocês dois zoando aí que eu tenho trabalho a fazer!

Patrícia nos deixou a sós então Marcelo e eu sentamos no sofá.

— Patrícia me disse que você pode me ajudar.

— Talvez, posso falar com um contato meu na cidade para ver o que ele pode conseguir.

— Se for por causa da grana não se preocupe eu pago! Pode confiar!

— Não é por isso, é apenas uma questão de oferta e procura, às vezes só ter o dinheiro não basta.

— Eu entendo... mas será que é muito difícil arranjar um novinho só pra eu me divertir um pouco?

— Isso nós vamos descobrir.

Marcelo e eu pegamos o carro de Patrícia emprestado para irmos até onde o meu contato morava.

— Caim esse seu contato é de confiança?

— É sim, fique tranquilo.

Quando entramos nas proximidades do bairro pedrinhas, percebi que Marcelo estava levemente nervoso.

— Seu contato mora aqui mesmo?

— Sim, nós estamos quase chegando.

— Cara esse lugar é muito feio!

— Sim é bem escroto mesmo.

— E se assaltarem a gente?

— Relaxa, o cara que vamos encontrar é muito influente nesta área, agora vire à esquerda!

Quando paramos na entrada da boca de fumo do Rafa, Marcelo se recusou a sair do carro, então eu o deixei lá e fui em direção a porta onde um jovem moreno usando short e camiseta regata me abordou.

— E aí patrão quer alguma coisa?

— O Rafa tá aí?

Ele ficou meio desconfiado e me fez várias perguntas.

— Qual seu nome? O que tu quer com o Rafa? Quem é o cara no carro?

— Meu nome é Caim, eu gostaria de trocar uma ideia com o Rafa, e o cara no carro é um amigo meu.

— O Rafa tá ocupado! Pode dizer o que você quer que eu mesmo trago.

— Eu preciso mesmo é trocar uma ideia com ele, eu e o Rafa somos chegados a muito tempo. Se você puder dizer a ele que Caim está aqui para falar com ele eu agradeço.

O jovem ainda demorou um pouco pensando, mas acabou indo informar o patrão sobre os visitantes. Quase imediatamente ele voltou bem mais simpático e me convidou a entrar, a porta de entrada era só o começo de um grande emaranhado de barracos e vielas interligados entre si, feitos para complicar a ação da polícia caso houvesse uma invasão. Quando finalmente chegamos, avistei Rafa supervisionando o

trabalho dos embaladores, uns moleques que não passavam dos 13 anos.

— E aí mano, faz tempo que você não aparecia por aqui!

— É verdade faz tempo, eu andei meio ocupado.

— Vamu alí no meu barraco, lá nós troca uma ideia di boa.

— Beleza.

— AÊ JUNINHO! FICA DE OLHO NOS MULEQUE!

— PODE DEIXAR RAFA!

— VAMBORA CAIM!

A casa de Rafa enganaria qualquer um, por fora parecia com toda as outras, já por dentro faria muitos da classe A ficarem com inveja. Fomos até o bar e ele me perguntou o que eu queria beber.

— Vinho.

Ele me serviu em uma taça grande com alguns cubos de gelo, e preparou outra para si com uísque e energético. Enquanto tomávamos nossas bebidas e eu expliquei toda a situação a ele.

— Foi mal mano, mas dessa vez eu não posso te ajudar, se fosse outra coisa qualquer eu arranjava de boa.

— Eu entendo.

— Se eu te ajudasse com isso eu perderia o respeito que o pessoal da quebrada tem por mim. Caso eu fosse preso eu não duraria um dia lá! Então brother, dessa vez tu tá por conta própria.

— Beleza mano, eu sei muito bem a responsabilidade que você tem aqui, mas valeu pela atenção.

— Que isso véi, você é bem-vindo aqui sempre. Aparece de vez em quando, não some não véi.

Quando voltei para o carro Marcelo estava roendo as unhas de tanta aflição.

— Ainda bem que você voltou, porque demorou tanto?

— O Rafa é um cara ocupado.

— E então?

— Vamos embora! No caminho te explico tudo.

Retornamos para casa com a frustração de não termos conseguido o nosso objetivo, no entanto eu já trabalhava mentalmente para chegar a uma solução. Mas não estava sendo nada fácil. Pensei em diversas pessoas, mas nenhuma delas tinha conhecimento sobre o assunto, eu estava quase desistindo quando um nome me veio à mente... “Alberto Rizzo” Claro! Como não pensei nisso antes? Ele é diretor de um orfanato e com certeza terá alguma coisa útil pra nós.

— É o seguinte Marcelo, eu conheço um cara em Salvador que talvez possa nos ajudar, então se quiser partimos para lá amanhã mesmo.

— Você disse talvez?

— É pegar ou largar, eu não posso garantir nada!

— Quer saber vamos nessa! Eu não estou mais aguentando!

— Ok, mas se tudo der certo eu vou querer um bom pagamento pelos meus serviços.

— Claro! Relaxa, você será recompensado!

Pegamos o voo das 21:05 de Vitoria da Conquista a Salvador com cerca de 1 hora de duração, viajamos de primeira classe, tudo por conto de Marcelo é claro. O vôo foi tão rápido que mal tive tempo aproveitar o

serviço de bordo e já estávamos aterrissando no aeroporto internacional de Salvador. Após o desembarque pegamos o primeiro taxi que vimos pela frente e passamos o endereço do Orfanato Madre Tereza para o taxista que ficou nos olhando pelo retrovisor durante todo o trajeto, ele provavelmente era gay e estava admirando nossa beleza.

— Chegamos.

— Obrigado, quanto foi a corrida?

— São 50\$ reais.

— Caim, pode deixar que eu pago!

— Esteja à vontade.

— Aqui está.

— Obrigado.

Como a nossa chegada já era esperada o porteiro nos conduziu até o nosso quarto.

— Amanhã falaremos com o senhor Alberto.

— Esse lugar é maior do que eu imaginava.

— Também fiquei surpreso na primeira vez que estive aqui.

— Por que não podemos falar com ele agora?

— O senhor Alberto não gosta de ser incomodando quando está em seus aposentos, além disso ele gosta de dormir cedo.

— Não aguento mais esperar! Nem sei se vou conseguir dormir.

— Paciência definitivamente não é seu forte!

— Odeio esperar!

— Às vezes nem mesmo o dinheiro consegue te livrar de uma longa espera.

— Caramba eu preciso de alguma coisa para me fazer relaxar!

— Eu trouxe um vinho, quer um pouco?

— Quero sim!

Tomamos o vinho e conversamos algumas coisas sem importância até que o sono nos pegasse, no dia seguinte acordei com Marcelo me sacudindo pelo ombro.

— O que foi porra?

— Acorda cara! Vamos falar com o Alberto!

— Porra Marcelo ainda é cedo!

— Cedo? Já são 09:30!

— Tá bom eu vou lavar o rosto e já vamos.

Fomos até o escritório de Alberto onde ele já nos aguardava. Apresentei Marcelo a ele e depois de jogar um pouco de conversa fora fui direto ao ponto. Expliquei o motivo da minha vinda, Alberto pensou por um instante e respondeu.

— Veja bem... eu sou um homem de negócios sérios e limpos, entrego o produto e então dele é extraído tudo que possui alguma utilidade e depois o resto é descartado! Você sabe muito bem como funciona senhor Fonseca.

— Eu sei.

— Então, senhor Alberto, o senhor pode nos ajudar ou não?

— Posso com a seguinte condição, após utilizarem o produto ele deverá ser descartado imediatamente!

— Por mim tudo bem.

— D-de descartar? Mas eu não, eu nunca...

— Relaxa cara, deixe isso comigo!

— Então estamos entendidos?

— Sim senhor.

Alberto pediu que Marcelo escolhesse um garoto entre um grupo que brincava no playground, Marcelo demorou menos de 1 minuto para decidir.

— Aquele moreninho que está na gangorra!

— Tem certeza? Não prefere um mais velho?

— Não, aquele é perfeito eu quero ele!

— Quem é a menina que está brincando com ele?

— É a irmã.

— Marcelo eu quero a menina! Esse será meu pagamento.

— Caramba Caim desse jeito você me leva a falência.

— Não reclame, sem minha ajuda você não conseguiria nada.

— Tudo bem, eu pago pelos dois.

— Muito bem já que os cavalheiros chegaram a um acordo eu vou dar início aos preparativos.

— Eu mal posso esperar! Vai ser uma delícia!

— *Sim, um pra você, um pra mim.*

Tivemos que aguardar por mais um dia de muita agonia para o pobre Marcelo que estava louco de vontade de por suas mãos naquela carne

jovem e fresca. No dia seguinte Marcelo me acordou ainda mais cedo.

— Caim! Caim! Caim acorda cara! Vamos procurar o Alberto!

— Já vou... Caralho que horas são? Você parece um galo acordando de madrugada!

— Deixa de moleza cara o sol já está alto, e daqui apouco teremos carne nova para degustar.

Após tomar um café servido a nós por um dos empregados do orfanato fomos falar o com o senhor Rizzo.

— Bom dia senhores.

— Bom dia senhor Alberto.

— Onde estão as crianças?

— Onde está a sua educação Marcelo? O senhor Rizzo disse bom dia.

— Me desculpe, bom dia, é que estou muito ansioso mais uma vez peço desculpas.

— Bom a mercadoria está aguardando vocês, meu motorista já está a postos para levá-los até o local.

Marcelo e eu agradecemos e fomos imediatamente para onde o motorista nos aguardava. No trajeto Marcelo dava sinais de ansiedade roendo as unhas e batendo o pé direito no piso do carro.  
Definitivamente ele não tinha o dom da paciência.

— MOTORISTA! Falta muito pra chegar?

— Daqui a mais ou menos 15 minutos chegaremos.

O perímetro urbano ficou para trás, agora trafegávamos por uma estrada de terra margeada por imensas plantações de eucaliptos e mata

nativa. Pegamos uma entrada à esquerda e seguimos por alguns metros até a entrada da propriedade que era cercada por muros bem altos e com arame farpado na parte de cima. O motorista diminuiu a velocidade e apertou o botão de um pequeno controle remoto, o portão à nossa frente se abriu, entramos, ele estacionou próximo da casa.

— Chegamos, que horas querem que eu volte para buscá-los?

— Amanhã por volta das 09:00 da manhã.

— Muito bem estarei aqui neste horário.

Marcelo realmente estava disposto a se divertir pra valer, pois com todo aquele tempo que teríamos com as crianças brincadeiras não faltariam.

O motorista deu meia volta e deixou a chácara, Marcelo estava tão eufórico que até se esqueceu de mim e saiu andando sem rumo.

— Cadê? Cadê o menino?

— Calma cara ele está em por aí em algum lugar.

Caminhamos um pouco pela chácara e logo avistamos as crianças brincando com cachorro na grama. Os dois corriam do animal enquanto esse os perseguia latindo, assim que perceberam nossa aproximação ficaram parados nos olhando, sussurrei para Marcelo.

— Controle-se cara, nós temos muito tempo, então vamos com calma para prolongar o prazer ao máximo.

— Tá, tá eu vou tentar!

— Deixe que eu fale primeiro.

Agora as crianças nos olhavam com olhar de curiosidade muito comum nessa idade. A garota deveria ter uns 13 anos, mas aparentava mais, pois já tinha pequenos seios e o corpo levemente esculpido pela puberdade. O menino era um pouco mais novo talvez tivesse uns 11 ou 12 anos. A mistura racial deles era muito interessante, tinham pele morena clara, olhos verdes e cabelos encaracolados.

— Oi, estão gostando daqui?

A menina era mais desinibida então respondeu.

— Sim, aqui é muito massa!

Qual seu nome?

— Angélica.

— Bonito nome, meu nome é Caim e o meu amigo aqui se chama Marcelo, e como se chama esse rapazinho tímido?

— O nome dele é Luciano, ele é meio acanhado mesmo.

— Então Angélica você e o Luciano estavam brincando de quê?

— Nós tava brincando de correr do Cholito!

— Parece divertido, mas eu sei de uma brincadeira ainda mais divertida.

— E QUAL É?

— Esconde-esconde!

— AH <sup>20</sup> queta com isso, pensei que era uma brincadeira diferente.

— Calma, esse esconde-esconde não é igual aos outros! Ele é muito mais divertido!

— É mesmo? E por quê? O que tem de diferente nele?

— Prêmios.

— Como assim?

— Eu e Marcelo vamos nos esconder e se vocês conseguirem nos achar vão ganhar um prêmio!

— O QUE NOIS VAI GANHAR???

— É surpresa vocês só vão saber depois que nos acharem.

— Aaahh fala vai! Fala o que é!

— Não, só depois, então querem brincar?

— Tá bom!

— Ok fechem os olhos e contem até 50!

Eles obedeceram e começaram a contar, arrastei Marcelo que estava hipnotizado olhando para o garoto e juntos fomos nos esconder no depósito de ferramentas.

— Ele é tão lindo... valeu cada centavo.

— A menina é uma delícia também.

— Caim por que estamos fazendo isso? Essa brincadeira ridícula?

— Isso foi só um pretexto para que eu pudesse preparar os prêmios deles.

— Do que diabos você está fazendo?

— Estou preparando o sossega leão!

— Pra que?

— Como assim “pra que?” Você lidar com o garoto como?

— Não! Não precisa disso! Quanto mais resistente e agressivo melhor!

— Ok você que sabe, então eu vou preparar só o da Angélica.

Depois de terminar o preparo do sossega leão fiz barulho de propósito que eles nos encontrassem.

— Foi fácil demais achar vocês!

— Nossa! Como conseguiram nos achar tão rápido?

— Vocês fez <sup>21</sup> zuada, cadê o nosso prêmio?

— Vamos para dentro de casa que eu dou a vocês.

Eu queria ter demorado um pouco mais antes de começar a brincadeira de verdade, mas a ansiedade de Marcelo já estava me enchendo o saco.

Já dentro de casa falei para Marcelo ir com o menino lhe entregar o presente, enquanto isso levei a menina até a piscina.

— Cadê meu presente?

— Está olhando para ele!

— ... Como assim?

— Eu sou seu presente!

Agarrei Angélica e me joguei na piscina junto com ela. Ela entrou em desespero se debatendo e gritando que não sabia nadar. Eu a empurrei para baixo d'água para que ela refrescasse a garganta, repeti o processo até ter certeza que ela tinha tomado alguns goles daquele liquido essencial para vida humana. Retirei-a e deixei na beirada da piscina enquanto ela vomitava o excesso de água.

— Oh! Querida está tão molhada deixe-me ajudá-la!

A segurei firmemente e comecei a retirar suas roupas, comecei pela blusa em seguida retirei seu short, então ele tentou se desvencilhar de mim.

— É melhor se comportar ou serei obrigado a te dar mais um pouco de água!

Meu aviso não fez efeito, pois Angélica ainda tentava se livrar da minha pegada, então a levei até a sala da casa onde minha mochila com

ferramentas estava. Coloquei-a de bruços no tapete da sala pressionando meu joelho direito em suas costas amarrei suas mãos e pés com fita adesiva. Injetei a mistura no corpo dela e esperei fazer efeito, a pequena fera agora estava mansinha como um filhote de cachorro. A arrastei pelas pernas até um dos quartos da casa, chegando lá a joguei na cama de casal e me sentei em uma poltrona ao lado da cama para apreciar aquela cena maravilhosa. Após uns dez minutos de relaxamento dei início aos trabalhos. Cortei as fitas adesivas que prendiam os membros de Angélica e a posicionei deitada de barriga para cima com braços e pernas abertos. Acariciei seu corpo jovem dos cabelos até os pés, retirei sua calcinha deixando-a nua, a levei para o banheiro, lá lavei todo seu corpo deixando-o mais limpo possível. Voltei ao quarto e a coloquei de volta na cama, tirei minhas roupas e sentei ao lado dela, segurei em seus cabelos e a puxei para perto de mim, abri sua boca e introduzi meu pênis. Me recostei ficando o mais confortável possível e relaxei.

No auge do prazer eu penetrava a vagina de Angélica e perfurava suas costas seguidas vezes com meu punhal de aço inoxidável. Quando ejaculei respirei fundo soltei o ar. Descansei ao lado dela na cama. Fui à cozinha e procurei por uma taça, mas como não encontrei peguei um copo qualquer e retornei ao quarto, levantei a cabeça de Angélica e perfurei sua garganta com o punhal, aparei um pouco do sangue que escorria com o copo depois completei-o com vinho, tomei tudo de uma vez. Fui despejando o restante da garrafa aos poucos nos ferimentos das costas de Angélica para em seguida saborear aquela mistura deliciosa de sangue com vinho.

Após a diversão tomei um banho caprichado e fui para a sala aguardar Marcelo. Quase uma hora tinha se passado e nenhum som tinha sido produzido na casa, a não ser o som do vento nas árvores estava tudo muito calmo. Cansado de esperar fui checar os outros quartos, mas não havia ninguém neles. Olhei também no segundo andar da casa que também estava vazio, por fim restava o quintal. Então percebi que Marcelo era mais imbecil do que eu pensava.

— É isso que acontece com quem não toma as devidas precauções!

Deixei o corpo de Marcelo com uma tesoura de jardinagem cravada na barriga e fui em busca do garoto. Procurei em todos os lugares mais prováveis, mas Luciano era realmente bom em brincar de esconde-esconde. Retornei para casa e fiquei pensando se tinha esquecido de algum lugar. De repente houve um estalo em minha cabeça! “Como não pensei nisso antes?” Fui ao depósito de ferramentas e peguei um machado, caminhei no por entre as árvores do jardim até avisar o pequeno primata agarrado a um galho de uma mangueira. Passei por baixo da árvore fingindo que não o tinha visto, então me virei rapidamente e olhei para cima.

— TE ACHEI!

Com o susto ele quase caiu da mangueira, mas conseguiu se segurar por pouco. Ordenei que ele descesse, mas é claro que ele não me obedeceu, então dei a primeira machadada no tronco da árvore, e a cada machadada o moleque dava um grito de desespero... E assim foi até a queda.

## Adeus

Guanambi é uma cidade nova e relativamente grande se comparada as suas vizinhas, porém deixa muito a desejar no quesito lazer. Simplesmente não há o que se fazer! As poucas e fracas opções de lazer são inacessíveis à maioria da população que passa os fins de semana em bares consumindo bebidas alcoólicas e aguardando a próxima exposição agropecuária. Uma cidade jovem e rústica que cresce rápido, porém não rápido o suficiente para alguém como eu que não consegue conceber o fato de que não há uma livraria decente na cidade. Existe uma cidade com cerca de 50 mil habitantes chamada Naviraí que fica no

extremo sul do estado do Mato Grosso do Sul, ela é mais nova e menor do que Guanambi que possui 85 mil habitantes, porém é mais desenvolvida e tem mais opções de lazer, porque isso acontece? Simples questões de localização geográfica, clima, industrialização entre outras.

Agora vamos mudar o cenário drasticamente! Vamos supor que um empresário louco resolva investir milhões na construção de um Shopping Center com cinema e várias lojas e também uma mega boate, o que vai acontecer? A não ser que o empresário seja bilionário ele provavelmente irá à falência, pois fazer tais empreendimentos em Guanambi seria como abrir uma loja de roupas de grife na favela.

Um ramo que é muito rentável na cidade é o de bares, pois Guanambi é uma das cidades com o maior número de alcoólatras por metro quadrado do país. Às vezes você encontra 4 bares no mesmo quarteirão competindo para ver quem consegue mais alcoólatras... quero dizer clientes, que são normalmente analfabetos com extrema dificuldade em fazer uso da língua portuguesa, mas eu não os culpo por isso, eles vivem em suas realidades paralelas onde a regra é ir no bar do Tadeu no domingo encher a cara e depois se arrastar com sua Monark enferrujada até em casa e em seguida arrancar um pouco de sangue da esposa e ir dormir.

Uma coisa que me incomoda e sempre vai me incomodar é a imbecilidade humana. Não suporto analfabetos, ignorantes, e pobres de cultura perto de mim! Faço todo o possível para ficar longe dessas porcarias que transitam por aí como uma praga. Pragas normalmente são combatidas com pesticidas potentes que eliminam quase que totalmente as pestes da lavoura, mas por algumas questões práticas essas pragas devem ser mantidas vivas para executar o trabalho braçal.

— Caim me ajude a pôr essas coisas no carro.

— Já vou pai!

Depois de muita insistência do velho aceitei ir com ele em uma pescaria em um rio próximo.

— Vamos Caim me dê uma mão com o barco!

— Tá.

— Vamos pôr na carroceria. Pegue aquela corda em baixo da escada!

Depois de amarrar o barco de alumínio na carroceria da F-250 e arrumar mais algumas tralhas meu pai foi ao bar comprar um litro de pinga para levar para a pescaria. Enquanto isso eu arrumava minhas coisas na mochila.

— Que milagre! Você vai pescar com o pai?

— Ele insistiu tanto que eu não quis desapontá-lo e acabei aceitando.

— E aonde vocês vão?

— Não sei! Ele disse que é um lugar perto da cidade.

— E cadê ele?

— Foi comprar cachaça.

— Eu já imaginava.

O destino era o rio Carnaíba de dentro ao sul de Guanambi, saímos de casa por volta das 07:00 da manhã do domingo, ouvindo música brega dos anos 70 no som do carro, e para piorar eu ainda era obrigado a ouvir as histórias estúpidas que o velho contava sobre as dificuldades por ele superadas na juventude. Era difícil fingir interesse naquilo, mas como sou um ótimo ator com anos de experiência no teatro da vida tirava aquilo de letra. O problema de fingir interesse em algo que você não gosta é que a pessoa não para de falar, pois pensa que você está maravilhado com aquela incrível narrativa. Para sair dessa situação fiz o que parecia mais obvio, mudei de assunto.

— Então, como ficou aquele problema com o fornecedor?

— Ah! Aquele safado vai me pagar! Se ele pensa que pode me passar a perna está muito enganado!

—A mercadoria estava muito estragada?

— Quase toda, pregos enferrujados, canos quebrados, cimento empedrado, e mais um monte de coisas estragadas.

— E você já entrou em contato com ele?

— Já liguei 3 vezes e ninguém atende, mas se ela pensa que vou ficar no prejuízo ele está muito enganado!

— Que cara safado.

— Se ele não atender da próxima vez que eu ligar vou abrir um processo contra a empresa dele!

Definitivamente era melhor eu ter ficado calado ouvindo as antigas histórias do velho. Infelizmente nem todas as estratégias funcionam e aquela tinha sido um tiro no pé, pois o rumo da conversa saiu do fornecedor picareta e foi para a política local.

— Eu votei no Nilo Coelho apesar de saber que ele é um desgraçado que detesta pobre, mas pelo menos ele faz o que deve ser feito e pronto! Tenho que admitir o miserável não vale nada, mas trabalha bem.

— Sei.

— Sinto falta do tempo que a Sizalta era prefeita de Guanambi, aqueles sim eram bons tempos! Ela não tinha preguiça de trabalhar! No mandato dela Guanambi cresceu bastante, e ela era honesta coisa rara entre políticos.

Meu pai trocou o cd do Reginaldo Rossi por um do Valdick Soriano o que fez a dor de cabeça que eu estava sentindo aumentar ainda mais, e para deixar o ambiente ainda melhor o velho resolveu acender um cigarro.

— Será que não dá pra você esperar até chegarmos ao rio para fumar?

— Abra o vidro! Assim a fumaça não vai te incomodar!

Mas é claro que incomodou! E muito. Fico impressionado com a fraqueza do ser-humano que não consegue se livrar de vícios ridículos, nojentos e prejudiciais à saúde. Esta merda de cigarro é uma das principais causas de câncer da atualidade, mas a imbecilidade humana supera todas as barreiras. Isso é constatado observando o verso do maço de cigarro, onde é possível ver claramente fotos de pessoas acometidas por diversas enfermidades causadas pelo cigarro, mas isso não parece surtir nenhum efeito, pois a criatura mais “inteligente” do planeta terra escolhe destruir o próprio corpo com tal substância tóxica.

E a estupidez não para por aí, pois mesmo sentindo na pele os sintomas causados pelo consumo deste lixo eles ainda continuam se destruindo.

Dentes amarelados e podres, tosse e falta de fôlego, cansaço e muito mais atormentam a criatura que não se entrega a sábia ideia de abandonar o uso do produto que aos poucos o reduzirá a um monte de carne podre. Certa vez existiu um homem na cidade de Matina BA que fumou por muitos anos de sua vida e num determinado dia notou uma protuberância em sua garganta que rapidamente aumentou de tamanho. Exames constataram que se tratava de um tumor maligno, e o que ele fez depois dessa descoberta? Continuou fumando até o fim de sua miserável vida! De certa forma ele estava certo, pois não havia mais saída para ele, pois caminhou pelo corredor da morte construído por ele mesmo. Antigamente até poderia ser compreensível cometer tamanha estupidez, pois as pessoas não tinham conhecimento de que estavam cometendo um suicídio a longo prazo, mas hoje em dia é totalmente inaceitável alguém se destruir sem saber o que está fazendo.

Passei o restante da viagem olhando para o rosto do meu estúpido progenitor e pensando se ele ainda tinha alguma utilidade.

— Chegamos!

— Até que viajamos rápido.

— Vou estacionar debaixo daquela árvore.

Após estacionarmos ajudei o velho a retirar o barco e o restante da tralha do carro. Fui procurar lenha enquanto meu pai procurava o melhor lugar para armarmos as redes de pesca.

— Caim! Achei um lugar ótimo, vamos lá me ajude a levar o barco até a água.

Levamos o barco até o rio e começamos a armação das redes que foi uma tarefa muito difícil, pois o rio estava repleto de plantas aquáticas na superfície e galhos de árvores que se enroscavam nas redes. Fora isso foi uma maravilha.

— O Rodrigo me disse que nesse rio tem piranhas, se isso for verdade elas vão estragar minhas redes.

— E se elas estragarem as redes tem como remendar?

— Até tem, mas o serviço é caro e não fica muito bom.

— Então o que fazer onde existem piranhas?

— Pescar com vara de anzol.

— A tá, é claro.

Já era final de tarde quando retiramos as redes do rio e o velho estava certo sobre as piranhas, pois algumas redes estavam bem estragadas. Alguns peixes que foram pegos na rede estavam com apenas metade de seus corpos, pois a outra as piranhas tinham devorado.

— Olha essa traíra Caim, as piranhas comeram quase todo o seu corpo, mas ela ainda está viva.

— No final das contas todos quem viver, “ou não?”

Depois de retirarmos todas as redes do rio voltamos ao acampamento guardamos a maioria dos peixes na caixa de isopor e <sup>22</sup> tratamos alguns para comermos assados.

— Caim, cuidado com essa traíra, pois ela tem espinhas pra caramba!

— Eu sei, uma entrou entre meus dentes.

— Tenta tirar.

— Droga! Perfurou minha gengiva... Pronto saiu!

— Bom mesmo é Surubim que quase não tem espinhas!

— Porque não pegamos nenhum?

— O Surubim é um peixe raro e nesse rio não tem dele.

— Que pena.

— Mas no rio São Francisco tem! Se você quiser nós vamos lá algum dia.

— É, seria legal.

O velho dormia num colchão debaixo da árvore enquanto eu observava o movimento dos galhos da árvore que se moviam de acordo com a “vontade” do vento. Uma coruja cantou quebrando o silêncio parcial da noite que também era quebrado por grilos e outras criaturas. “Preciso de uma ideia!” Me levantei e fui caminhar na margem do rio para tentar refletir um pouco. Como era noite de lua cheia estava claro o suficiente para enxergar para caminhar, mas não claro o suficiente para evitar que eu pisasse em algo. Olhei para chão e percebi que tinha pisado em algo meio redondo, acendi a lanterna e iluminei o objeto que escondeu a cabeça quando sentiu a luz nos olhos. Tratava-se de um Cágado, me agachei para olhá-lo mais de perto, ele estava com as 4 patas e a cabeça escondidos em sua carapaça para se proteger de mim um possível predador, mas é claro que eu não iria matá-lo, pois aquele era um belo animal, na verdade todos os reptéis são belos. Iluminei a parte dianteira

de seu corpo e pude ver seus pequenos e belos olhos reptilianos me encarando sem expressão nenhuma, apenas me olhava com esse olhar que poderia significar muita coisa menos medo. Eu poderia pegar uma pedra e destruir aquele animal, mas ele não demonstrava nenhum temor diante desse risco provavelmente o Cágado temia pela sua vida naquele momento, mas seus olhos só me davam desprezo, então deixei aquele fantástico animal em paz e fui dormir com uma nova lição aprendida.

Na volta pra casa meus ouvidos foram novamente torturados com as músicas bregas do velho e para completar o meu tormento uma dor aguda no pescoço me incomodava, ela provavelmente foi causada por dormir de mau jeito no fino colchão sobre o <sup>23</sup> lajedo. “Que merda de dor!” Eu estava quase iniciando um raciocínio que provavelmente me levaria a uma ideia quando fui interrompido.

- Caim! O que houve com aquela menina com quem você saia?
- Que menina?
- Aquela das tatuagens.
- Você deve estar falando da Jessica.
- É essa mesmo, o que aconteceu que ela sumiu?
- Ela se mudou para Vitoria da Conquista.
- Ah! Tá agora eu entendi o sumiço dela.
- O pai dela arrumou o emprego lá, então eles resolveram se mudar.
- Você sente falta dela?
- Um pouco.
- Sabe Caim, talvez tenha sido melhor assim, aquela menina era meio estranha.

— É, talvez.

Meu tolo pai nem imagina que Jessica era uma masoquista com tendências suicidas que foi abandonada pela família que não aguentava mais suas crises. Eu a conheci na praça do colégio Luiz Viana em Guanambi, a princípio pensei que ela era uma daquelas patricinhas pobres que fazem programa para pagar a faculdade, de certa forma eu estava certo ela realmente estava trabalhando como garota de programa para sobreviver, mas não era uma das pobres patricinhas Guanambienses que estudavam na FG/UNEB de dia e trepavam de noite por alguns trocados. Na ocasião percebi que Jessica era masoquista graças a um descuido da mesma que revelou alguns cortes na parte superior da coxa ao se abaixar para pegar um objeto que tinha caído, então eu me aproximei e comecei a trocar umas ideias com ela e logo a convenci a vir até o meu esconderijo, uma modesta casa no bairro Vomita Mel que eu tinha adquirido recentemente sem revelar isso a ninguém. Quando chegamos ao meu esconderijo ela ficou maravilhada com os meus brinquedos de castigar meninas más. E eu a castiguei severamente por várias e várias vezes e depois de um tempo Jessica nem se importava em receber o pagamento por seus serviços ela só queria receber a punição e eu a punia com muito prazer. Mas como tudo que é bom dura pouco, o fatídico dia chegou! Jessica havia perdido totalmente a vontade de viver, o que era um grande desperdício, pois ela era realmente bela e eu adorava surrar aquele belo corpo, então eu a presenteei com a morte mais prazerosa que ela poderia ter. Primeiro eu a amarrei nua pelos braços e pernas bem esticados em forma de estrela, em seguida a golpeei sem piedade com chicotadas seguidas de cortes de navalha nas partes mais vascularizadas de seu corpo e finalizei transando com ela já sem vida.

— Você teve notícias dela depois que ela se mudou?

— Não... nunca mais.

Depois de chegar em casa tomei um banho e continuei o raciocínio que eu tinha começado no caminho, pensei no Cágado na margem do rio e na forma como ele se protegia dos predadores escondendo-se em sua

carapaça, porém se mantendo firme e frio sem demonstrar sinal algum de medo. Eu invejo os reptéis, o ser humano é tão fraco e ridículo, quando se depara com uma situação de risco de vida, alguns choram e se humilham chegando a implorar por suas vidas, porém essas estratégias são inúteis quando o carrasco está realmente determinado a exterminar sua vítima, nada do que você disser irá surtir efeito, então o que o frágil e indefeso humano que se encontra subjugado pode fazer para escapar? A resposta é nada! Isso mesmo NADA. Se você chegou a este ponto não há nada que possa fazer para salvar sua pobre cabeça da guilhotina. Digo isso por experiência própria, pois quando estou prestes a ceifar uma alma nada do que ela diga me fará mudar de ideia e quando eu digo nada é nada mesmo! Montantes de dinheiro não me trariam o mesmo prazer do que apagar a luz de alguém.

Ah! Como o sabor do vinho é agradável e ele se torna mais agradável ainda quando você assiste seu pai estrebuchar no piso da cozinha espumando pela boca. Fiquei ao lado dele nos instantes finais observando a vida deixar seus olhos.

## A creche

**23/12/2009 Guanambi BA**

A infância é um período da vida do ser humano que começa com o nascimento e vai até os 11, 12 anos de idade. No início o indivíduo é totalmente dependente dos pais, somos realmente criaturas imprestáveis quando nascemos. Os reptéis, por exemplo, já tem uma autonomia desde pequenos, mas nós humanos ridículos não temos a mesma sorte. Um bebê é uma das criaturas mais grotescas e insuportáveis do planeta, ele é barulhento, dependente, nojento, impotente, imprestável. E pensar que cada ser humano que vive hoje já foi um dia uma porcaria dessas.

Sinto vergonha de mim mesmo por um dia ter sido um incapaz usando fraudas e recebendo comida na boca, ainda bem que não nos lembramos desse período lamentável de nossas vidas. Foi comprovado cientificamente que se uma criança lembrasse do momento do parto ela teria sérios traumas, isso mostra como a natureza é “perfeita” ela coloca tudo no seu devido tempo e lugar, mas o ser humano não é grato por isso, muito pelo contrário ele reclama sempre de tudo e nunca está satisfeito.

Nas minhas andanças observei nas ruas, parques, praças, escolas e creches um excesso de crianças, observei os pais buscando seus filhos na escola e percebi o quão irresponsáveis eles eram por ter mais de 2 filhos. A burrice do ser humano é tão grande quanto sua inteligência, os imbecis mesmo sabendo das dificuldades que enfrentarão para criar mais de 1 filho, ainda assim fodem e fabricam mais uma desgraça para habitar o mundo. Eu sempre ficava enojado quando ia até a creche ***Infância Feliz*** localizada no bairro Beija Flor da cidade de Guanambi BA para buscar minha irmã que lá trabalhava. Eu estacionava a moto em frente e ficava aguardando minha irmã sair, e enquanto aguardava era obrigado a escutar gritos choros e todo tipo de ruído insuportável feito por crianças.

Um dia uma das funcionárias se descuidou e uma das crianças acabou saindo para rua, eu estava na esquina justamente para ficar longe do barulho, mas observava tudo de camarote. Uma menina catarrenta de aproximadamente 3 anos de idade escapou e começou a atravessar a rua, no mesmo instante eu me virei de costas e posicionei o retrovisor da moto de modo que eu pudesse observar o espetáculo sem que ninguém percebesse a minha negligência. Lá estava ela andando calmamente sem ter noção do perigo que corria, era questão de tempo até um carro passar, e casso isso acontecesse o motorista não teria tempo de frear, pois a creche ficava em uma curva que impossibilitava o motorista de ver se havia alguém no meio do caminho. Se fosse uma pessoa responsável faria a curva com velocidade reduzida, mas nós sabemos que isso não acontece. Agora a tola menina estava parada bem no meio da rua, parecia até que o universo conspirava ao meu favor, de

repente ouvi um som de pneus no asfalto. Meu coração disparou! “É AGORA! ELA SÓ PRECISA FICAR PARADA.” No momento que o Golf branco apareceu na curva um guarda de trânsito passou correndo e agarrou a menina, o carro passou a poucos centímetros deles.

“MAS QUE FILHO DA PUTA ARROMBADO DO CARALHO!!!! POR QUE ESSA DESGRAÇA NÃO FOI MULTAR CARROS POR AÍ???”

O motorista do Golf nem se deu ao trabalho de parar e seguiu seu caminho. Depois do ocorrido houve um certo tumulto na frente da creche, muitas pessoas queriam saber o que tinha acontecido, o guarda de trânsito deu uma bronca na funcionaria da creche responsável pelas crianças. Depois de muito falatório aos poucos a multidão se dispersou e eu e minha irmã voltamos para casa.

Depois de muitos aborrecimentos com a maldita creche resolvi dar um basta, comecei a perguntar para a minha irmã sobre as pessoas que trabalhavam na creche. Então ela me falou de um a um até chegar à cozinheira, uma velha rabugenta que vivia reclamando de tudo, imediatamente arquitetei meu plano e quando cheguei em casa a primeira coisa que fiz foi ligar para a Patrícia.

— E aí Patrícia como anda o açougue?

— Ha ha ha Caim você nunca perde o bom humor.

— É o seguinte Patrícia eu estou precisando de um produto potente para eliminar alguns insetos que estão me incomodando, você teria algo para mim?

— No momento o meu estoque está meio vazio, mas eu tenho um produto poderoso que resolverá seu problema com estes insetos.

— Ótimo qual é? E tem como você me enviar amanhã?

— Claro, amanhã mesmo enviarei 100 gramas de <sup>24</sup> RICINA, é mais do que suficiente para resolver o seu problema com insetos.

— Eu sabia que você não me deixaria na mão! Obrigado fico te devendo uma.

— Não se preocupe Caim, não te cobrarei tão cedo, mas te peço uma coisa, quando terminar de exterminar os insetos limpe bem a bagunça, você não vai querer que as visitas vejam a casa suja.

— Relaxa Patrícia eu sempre limpo a bagunça antes de receber as visitas.

### **Próxima ligação**

— E aí Roberto como anda a limpeza das ruas?

— Caim que surpresa cara! Fazia tanto tempo que você não ligava!

— É verdade! É que andei meio ocupado.

— Então cara quando eu posso ir ao sítio do seu avô de novo?

— Calma! Primeiro eu preciso de um favor seu, depois falamos sobre o sítio.

— Porra Caim! Faz um tempão que estou querendo ir lá e você fica me enrolando!

— Relaxa Roberto, eu prometo que te levo ao sítio depois que você fizer este favor para mim!

— Ok cara eu vou confiar em você, então o que você quer de mim?

— Eu vou fazer uma limpeza em um certo local e como eu sou um cara muito generoso vou deixar alguém levar o mérito por mim.

— Entendi e onde seria este lugar?

— Creche Infância Feliz.

— Nossa! Tem certeza?

— Absoluta!

— A honra será concedida à cozinheira, eu vou iniciar o trabalho e o resto é por sua conta.

— Ok, mas não se esqueça da sua promessa de me levar ao sítio!

— Fique frio eu cumprirei.

Estava tudo arquitetado eu só precisava desferir o golpe final, eu precisava de um pretexto para ter acesso à cozinha da creche, então fui até lá meia hora antes do almoço das crianças. Minha irmã estranhou eu aparecer lá naquele horário, mas eu disse a ela que precisava do seu celular emprestado para fazer uma ligação urgente, pois o meu estava sem créditos, então peguei o aparelho e disfarçadamente fui caminhado pelos corredores. Logo senti o cheiro de comida, lá estava a cozinha, só havia uma pessoa trabalhando naquele momento, era a velha rabugenta. “Eu preciso tirar essa velha da cozinha!” Em um corredor que passava perto da cozinha vi um armário de vassouras, com cuidado me esgueirei até ele, abri a porta e derrubei tudo que estava dentro, rapidamente me escondi em uma sala vazia.

— Mas que zuada é essa?

— Devem ser aquelas pestes aprontando de novo!

— Olha só pra essa bagunça, agora eu vou ter que arrumar tudo isso!

Enquanto a cozinheira estava ocupada arrumando a bagunça eu rapidamente fui até a cozinha. O tempo era o curto, eu precisava ser rápido! Avistei um grande caldeirão de sopa e percebi que a cozinha era interligada com o refeitório, vi também uma fresqueira, era perfeito! Despejei metade do frasco de RICINA no caldeirão de sopa e a outra metade na fresqueira, misturei bem e rapidamente saí da cozinha. Quando passei pelo corredor vi a velha ainda ocupada arrumando as vassouras e baldes no armário. “Relaxe senhora, logo não precisará mais se preocupar com estas pestes.” Fui até onde estava Paulina e entreguei o celular a ela. Fui pra casa aguardar o final daquela tragédia grega.

## **Depoimento do socorrista do SAMU Geraldo Machado Da Silva**

“Estou nesta profissão há 10 anos e nunca tinha visto nada parecido. Eu fico me perguntando o porquê de tanta crueldade com seres tão inocentes como crianças? Quando recebemos o chamado jamais imaginamos algo dessa magnitude. 36 crianças morreram agonizando na nossa frente e nós não pudemos fazer nada, pois a quantidade de veneno ingerida foi enorme. Eu olhei nos olhos delas e pude sentir a dor que elas sentiam apesar de não ter sido envenenado eu me sinto destruído por dentro.”

Como planejado a primeira viatura de polícia a chegar à creche foi a do Roberto, e como combinamos ele plantou as evidências necessárias para incriminar a cozinheira que foi condenada a mais de 300 anos de prisão pela morte das 36 crianças. No Brasil ninguém fica mais de 30 anos na prisão, mas como a velha já tinha mais de 70 anos só sairia de lá para o cemitério. A notícia se espalhou e houve muita comoção e revolta na cidade, a prefeitura organizou um funeral coletivo em um ginásio de esportes e eu é claro não podia deixar de comparecer. Assisti tudo de um bar em frente ao ginásio tomando um vinho e sentindo-me orgulhoso por mais uma missão concluída.

## **Veja como eu vejo sinto como eu Sinto**

Ela olha pra mim com uma expressão intrigante que não sei descrever ao certo o que é, mas pelos meus conhecimentos práticos e teóricos posso afirmar que é medo. Medo é algo útil para resguardar a

existência do indivíduo, porém para mim é um pouco difícil compreendê-lo em sua totalidade. Exemplo: Se João me tem subjugado e impotente, João pode fazer comigo o que ele quiser, pois fui tolo e me deixei apanhar. Então o que sentirei quando João encerrar minha existência? Nada! Simplesmente nada, quando minha existência for encerrada dependendo dos métodos utilizados sentirei dor física e lamentarei não poder continuar existindo para me deliciar com o néctar dos Deuses.

Ela tenta gritar, mas o som sai quase inaudível por causa da fita adesiva que tapa sua boca, corto o dedo anelar de sua mão direita e saboreio o sangue. Ao ver meu ato suas pupilas diminuem e aumentam rapidamente e ela começa a tremer, lágrimas escorrem de seus olhos arregalados. Tento me imaginar no lugar dela, tendo partes do meu corpo cortadas, mas esse pensamento parece tão improvável e surreal que logo desaparece. Fico olhando para ela e tentando imaginar o que se passa em sua mente. Será que ela tem alguma esperança de sair daqui viva? Será que ela seria capaz de fazer o mesmo comigo se tivesse oportunidade? Por que ela deseja tanto viver? O que tem de tão especial por aí?

A impotência humana é extremamente frustrante! Quando você percebe que cortou o dedo em uma simples folha de papel um pensamento de morte logo lhe passa pela cabeça. Uma mísera folha de papel conseguiu a proeza de me ferir... A mim? Um ser extremamente sábio que possui um cérebro sofisticado capaz de pensar além de qualquer organismo vivo. Aliás meu cérebro pode ser danificado a qualquer momento, pois apenas alguns milímetros de carne e osso o separam do ambiente externo, basta uma pancada para findar minha frágil existência ou me transformar num vegetal incapaz. Então o que eu deveria fazer diante de tão eminente risco? Viver isolado? Usar uma armadura? Exterminar metade da população terrestre para reduzir possíveis riscos?... Essa última opção é interessante, mas inviável sem os recursos certos! Na verdade nenhuma das opções me interessa, pois se sou frágil, tu também és! O que significa que posso me deliciar encerrando seus dias de agonia neste mundo inseguro.

Ela se agita freneticamente tentando se libertar das amarras, mas é inútil, pois já injetei um veneno letal em seu corpo e logo sua chama vital se apagará para sempre.

Sempre abominei o contato físico desnecessário, mas infelizmente eu era obrigado a fazê-lo em determinadas situações, às vezes era extremamente difícil para mim fingir gostar daquilo principalmente quando as pessoas eram sujas ou cheiravam mal. É incrível como certas criaturas não sabem manter uma conversa a distância e insistem em se aproximar de você ou pior, tocar em você enquanto falam. Isso me irritava de tal forma que eu tinha vontade de encerrar o indivíduo ali mesmo, mas por razões A, B e C eu não o fazia. Uma estratégia que descobri com o tempo foi me fingir de tímido, pois percebi que as pessoas mantinham uma distância maior dos tímidos e não tocavam neles justamente por isso lhes causar constrangimento.

Eu como um ser artificial tento simular o modo de vida dos demais tentando me misturar para não levantar suspeitas, mas às vezes isso se torna uma tarefa extremamente cansativa. Certa vez eu comia um acarajé enquanto andava pela avenida Barão do Rio Branco em Guanambi, de repente me deparei com uma aglomeração de pessoas, então resolvi ir até lá para ver do que se tratava. Tinha sido um acidente entre um caminhão pipa e uma moto, o piloto da moto tinha sido esmagado pelas rodas traseiras do caminhão, suas vísceras e demais órgãos tinham sido espremidos para fora do corpo. Dei mais algumas mordidas na minha acarajé e continuei olhando para o corpo destroçado, então de repente percebi que as atenções estavam se voltando para mim. As pessoas me olhavam com expressões estranhas ou de desaprovação. Por alguns segundos não consegui entender o motivo, mas então um flashback de um daqueles estúpidos filmes americanos de terror passou pela minha cabeça (*pessoas vomitando ao verem corpos mutilados ou em decomposição*) só então percebi que estava sendo um imbecil, pois tinha me distraído e esquecido que a maioria não consegue comer vendo um corpo esmagado por um

caminhão. Depois do tiroteio de olhares direcionados a mim resolvi que era hora de cair fora.

O prazer é o que me move, sem ele minha existência não teria nenhum sentido. Eu sou para o prazer e o prazer é para mim, assim nós nos completamos como um único ser racional que caminha sabendo exatamente onde quer chegar. Abomino todos aqueles que não usufruem do prazer, pois são tolos que morrerão sem ter gozado da vida! Existo para experimentar os êxtases, os orgasmos, e me deleitar com o sabor do vinho e do sangue que juntos com uma boa fornicção forçada elevam meu ser a um patamar “divino”, pois neste momento o poder de apagar a luz do indivíduo está em minhas mãos. O indivíduo existe unicamente para me servir como eu existiria unicamente para servi-lo se nossos papéis se invertessem, porém não consigo conceber tão absurdo! Pois PRAZER=CAIM CAIM=PRAZER sendo ambos um único ser que não pode ser igualado a nada nem a ninguém. Eu corto a carne! Eu bebo o néctar! Eu e ejaculo! Eu quebro os ossos! Eu transformo a matéria, e assim farei até o fim dos meus dias como um ser pensante.

## Conclusão

Hospital Psiquiátrico Sigmund Freud, Salvador BA 21  
de setembro de 2012.

Considerações finais

Depois de todos os exames e testes de rotina realizados cheguei à conclusão que o paciente Caim Fernandes Fonseca sofre de Transtorno de Personalidade Antissocial intratável e não está apto a viver em sociedade. Algo que surpreende neste caso é o diário do paciente no qual ele se descreve como um não humano, ele diz ser diferenciado do restante da raça humana, não na fisiologia e sim na mentalidade.

Surpreendeu-me muito o autoconhecimento que o paciente demonstra nos escritos que podem ser definidos como uma autobiografia acompanhada de relatos detalhados de seus crimes, infelizmente o paciente fugiu do hospital na última sexta feira e até o presente momento as autoridades não tiveram qualquer pista sobre seu paradeiro.

# Notas

[←1]

Fruto do Umbuzeiro.

[←2]

Distorção da palavra ousadia, utilizada para significar: audácia, petulância, liberdade, falta de vergonha, obscenidade e o ato sexual em si.

[←3]

Planta nativa da Caatinga/Cerrado, muito comum na Bahia. É muito usada para a construção de cercas vivas. Possui flores vermelhas e frutos verdes que exalam um aroma muito característico.

[←4]

Também conhecido como biscoito de polvilho.

[←5]

Alimento de origem indígena feito com tapioca (polvilho) se assemelha a uma panqueca.

[←6]

Popularmente o ato de introduzir e retirar o pênis da vagina é chamado de bombada.

[←7]

Área mais profunda da internet, lá o usuário pode navegar em anonimato... Ou quase.

[←8]

Manga/Anime onde o protagonista encontra um caderno com "DEATH NOTE" escrito na capa. Após ler as instruções contidas no caderno ele descobre que pode matar pessoas simplesmente escrevendo seus nomes no caderno.

[←9]

Local usado para guardar grãos.

[←10]

Local onde se joga lixo.

[←11]

Recipiente de madeira usado para colocar alimentos.

[←12]

Mesmo que mãezinha. Forma carinhosa de se referir a mãe.

[←13]

Caixa de concreto construída no chão para dar de beber a animais.

[←14]

Árvore de grande porte nativa de várias regiões do Brasil.

[←15]

Árvore de pequeno porte comum no semiárido baiano, é usada para fazer cercas vivas e a madeira é excelente para carpintaria e artesanato.

[←16]

Pomba que recebe esse nome devido seu canto se assemelhar com as palavras “Fogo pagou”.

[←17]

Espécie de poço raso normalmente escavado num terreno baixo onde o lençol freático está próximo da superfície.

[←18]

Gíria que deriva da palavra velho, muito usada na Bahia.

[←19]

Plantas aquáticas que crescem do fundo para a superfície.

[←20]

Gíria muito usada na Bahia. Possui sentido de negação/reprovação. EX: “Duvido você zerar God Of War no Very Hard!” “Queta moço! Isso pra mim é moleza!”

[←21]

Na Bahia “Zuada” significa barulho.

[←22]

Tratar tem o mesmo sentido de limpar.

[←23]

Formação natural onde o chão é pura pedra. Pode se estender por vários quilômetros.

[←24]

Veneno produzido a partir da semente da Mamona.